BREJO SANTO

Sua História e Sua Gente

Multi-Poupança Bradesco não é apenas uma forma de aumentar o seu dinheiro.
São várias, com renda fixa ou variável.
O Bradesco abre para você um leque com as melhores alternativas de aplicação do momento.

Para começar, basta uma sementinha de mil cruzeiros.
Você planta em qualquer dia, em qualquer agência Bradesco. Seja qual for a sua escolha, o tratamento do Bradesco garante que o seu dinheiro vai crescer com segurança.
Porque dinheiro bem tratado dá dinheiro.

Dinheiro bem tratado dá dinheiro.

BRADESCO

ASSOCIADO AOS GRUPOS SEGURADORES ATLÂNTICA-BOAVISTA E SUL AMÉRICA

Gráfica Bradesco

FERNANDO MAIA DA NÓBREGA

DE BREJO DA BARBOSA A BREJO SANTO

BREVE SINOPSE DO MUNICÍPIO

BREJO SANTO-CE 1981

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração de:
Governador VIRGÍLIO TÁVORA,

Imprensa Oficial do Ceará e
Banco Bradesco.

Fco. Leite de Lucena
Prefeito Municipal

SUMÁRIO

Os Primeiros Habitantes 9

As Sesmarias de Antônio Mendes Lobato e Lira 11

Dona Maria Barbosa 17

O Sítio Brejo 19

O Sítio Nascença e os Irmãos Santos 23

O Caso do Mestre Antônio 29

O Fim dos Irmãos Santos 31

Desenvolvimento do Povoado 33

Relação dos Prefeitos da Cidade 35

"Relação dos Gestores do Município de Brejo Santo desde 1890" (29) 36

"Acta da Inauguração da Nova Villa de Brejo dos Santos" (29) 37

Relação dos Prefeitos e Secretários da Câmara Municipal de Brejo Santo 39

"Discrição Sobre os Prefeitos Municipais Desde o Ano de 1890 Até a Data Presente" 41

O Brasão do Município 47

A Bandeira do Município 49

Hino do Brejo Santo 51

A Comarca de Brejo Santo 53
Os Sacerdotes do Município 55
Características Gerais do Município 57
Bibliografia 63
Esboço Histórico do Município de Brejo Santo 65
Ruas de Brejo Santo 115
Educação em Brejo Santo 131
Origens 135
Um Civilizado do Cariri 147
A Tragédia de Guaribas 177

2005

INTRODUÇÃO

Determinada ocasião perguntamos a um brejosantense qual o significado das três estrelas que sobrepõe o Brasão do Município. Não obtivemos resposta. Daí surgiu a idéia de fazer um pequeno e simples trabalho onde se encontrasse, com mais facilidade, um pouco da história, a significação da Bandeira, do Brasão e do Hino da Cidade.

Este trabalho não se destina a eruditos. É simples, despido de pretensões e foi escrito com o único objetivo de fornecer alguns dados a quem pretender conhecer a história desta simpática cidade.

Procuramos escrever sem partidarismo, pois assim se exige ao fazer História.

Agradecemos ao bom povo de Brejo Santo pela ajuda de todos na colheita de dados.

Fernando Maia da Nóbrega

OS PRIMEIROS HABITANTES

Bem muito antes dos exploradores pisarem em nossa região, no início do século XVII, viviam nela, livres e fortes, os índios cariris, ramo da grande nação dos Tupis.

Os índios viviam em aldeias denominadas "TABAS", no centro da qual construíam, com folhas de palmeiras, as suas casas ("OCAS"). Como todo silvícola nativo, os cariris viviam de agricultura, aos cuidados das mulheres, e da caça e pesca, ato coletivo de profundo caráter social, aos encargos dos homens. Enfeitavam-se de colares coloridos de onde caíam pendurados os dentes de inimigos.

É indubitável e inconteste a presença dos silvícolas em nossa região. Diversos fatos históricos nos vem afirmar e comprovar que aqui viveram. Segundo narrativas do Padre Tibúrcio Grangeiro (1) citando o historiador Milliet de Saint-Adolph, no ano de 1838 "os índios bravos arruinaram os fazendeiros de Macapá" (hoje Jati). Mais adiante, narra o Padre Tibúrcio que "em 1845 José Francisco da Silva, bisavô do Padre Gomes, encontrou uma aldeia de índios na serra do Bom Nome (2).

Nos dias mais recentes, foi encontrado um cemitério dos índios ao sopé do Serrote do sítio Baixio dos Bastos. Segundo informações prestadas pelo proprietário do referido sítio, ao vender areias ali existentes, destinadas à construções de prédios na cidade de Brejo Santo, foram encontrados nas escavações três camocins contendo os restos mortais e utensílios usados pelos selvagens.

Além das informações fornecidas pelo Sr. Luiz Bastos, que ainda possui alguns porrões, ou **camocins**, em seu sítio, temos as afirmações contidas no Jornal Tribuna do Ceará, datado de 28 de setembro de 1977, (3) que assim descreve as três urnas encontradas:

Medidas	Urna 1	Urna 2	Urna 3
Altura	21 cm	14 cm	27 cm
Diâmetro da Boca	45 cm	37 cm	46 cm
Circunsferência Superior	1.48 m	1.27 m	1.50 m
Circunferência Inferior	1.52 m	1.32 m	***
Cumprimento Linear	77 cm	57 cm	85 cm

Em todas as três urnas havia a marca de respeito existente nos índios em relação aos mortos, haja vista o esmero com que as pintaram. A urna de número 01 (um) era desenhada com listas circulares e retangulares alternadas nas cores preto sobre um campo amarelado. A segunda, muito embora nos falte informações, sabe-se, entretanto, que era também colorida. A última era composta de tampa e talha, com um acabamento primoroso, apresentando traços circulares e retas rubro-negras contrastando sobre um fundo alaranjado.

Nos três camocins, ou porrões, foram encontrados os restos mortais de dois adultos e de uma criança, juntamente com colares de búzios com dentes de cutia e contas de uma pedra verde (amazônica). No camocim em que foi encontrado a criança havia objetos de uso dela, tais como passarinhos de barros — expressão artística do nosso silvícola — e pedras coloridas que talvez serviram de brinquedos para o garoto.

AS SESMARIAS DE ANTÔNIO MENDES LOBATO E LIRA

Consistiam as sesmarias em doações de terras a quem interessasse cultivar, criar e se fixar nas terras devolutas existentes. Bastava para tanto, que se dirigissem cartas, inicialmente aos Donatários de Capitanias, depois ao Governador-Geral e, por fim, aos Capitães-mores declarando o nome do pretendente, a localização da terra e os objetivos pretensos.

As primeiras sesmarias concedidas foram as do litoral. Após escassearem as terras litorâneas, foram concedendo sesmarias nas beiras de rios por se tratarem de terras também férteis e de melhor acesso. Depois, paulatinamente, os colonos foram-se adentrando no sertão com o objetivo principal e declarado de criar gado "vacum". O criatório de gado foi preponderante no nosso povoamento. Foi em razão dos currais que colonos penetraram e furaram o interior do sertão em busca de terras férteis e fáceis de se conseguir.

As terras de Brejo Santo teve como sesmeiro Antônio Mendes Lobato e Lira. É citado freqüentemente em todos os escritos do Padre Antônio Gomes de Araújo como tendo recebido "as terras na região de Brejo da Barbosa, na data de 28 de janeiro de 1714". Entrementes, esta data nos parece não ser a verdadeira, haja visto nosso historiador ter-se apegado como fonte de pesquisa o livro "Datas de Sesmarias — Volume 10 — Fortaleza - Ceará." Sobre este livro, transcrevemos os doutos conhecimentos de Raimundo Girão ao afirmar: "Embora tenha havido o maior escrúpulo nessa recopilação, a publicação oficial dos 14 (quatorze) volumes citados ressente-se de visíveis senões (***) Daí surgirem, no corpo da impressão,

defeitos não pequenos, muitos deles em choque com a grafia dos vocábulos originários que não combinaria com sua forma primitiva (4).

Para retificar os defeitos do livro de sesmarias, o Departamento de Imprensa Oficial publicou um livro "Sesmarias Cearenses", no qual encontramos três pedidos de sesmarias por parte de Antônio Mendes Lobato e Lira, na região do Cariri, que transcrevemos abaixo.

PRIMEIRO PEDIDO DE SESMARIAS

Vol.	Nº	Data	Concessionário	Observações
10	47	26.12.1717	Félix da Fonseca Jaime Antônio Mendes Lobato Lira Francisco Martins de Morais Venceslau de M. Pereira José Gregório Uchoa Gregório de Montes de Sousa	"Pedem no sertão do cariri, onde se acham terras devolutas, 3 léguas por uma para cada, começando das ilhargas do rio Salgado, pegando da passagem das Ingazeiras com toda a largura que se achar, buscando o sul, até entestar na Serra Grande, ou Serra do Cariri, pela beira da serra até entestar com os últimos providos dos rios Salgados e as nascenças da lagoa do Carité.

SEGUNDO PEDIDO DE SESMARIAS

Vol.	Nº	Data	Tamanho	Concessionário	Observações
06			3x1	Antônio Mendes Lobato e Lira	"No riacho Jenipapeiro que despeja no rio Salgado, ilharga de Antônio Mendes Lobato e num brejo que nele existia."

TERCEIRO PEDIDO DE SESMARIAS

Vol.	Nº	Data	Concessionário	Observações
	46	22.02.1717	Antônio Mendes Lobato Lira Manoel Cardoso de Lemos Mateus P. Pimentel Antônio Barreto Augusto Duarte Pinheiro Luiz Pereira	"Descobriram terras devolutas pelo rio Salgado acima, da parte norte. Pedem 3 léguas cada, começando da paragem das Ingazeiras, com toda a largura que achar até o primeiro rio corrente vindo pelo Cariú acima, confrentando com a terra do dito Cariú." (5)

Em se analisando os três pedidos de sesmarias feitos por Antônio Mendes Lobato e Lira, chegamos ao resultado óbvio que das sesmarias pedidas, a segunda, sem sombras de dúvidas, seria as terras onde se situa a cidade de Brejo Santo. Verifica-se facilmente que o riacho Jenipapeiro situa-se a umas três léguas a leste de nossa cidade. Quanto ao rio Salgado existente no pedido, seria o nosso riacho dos Porcos que, embora seja maior, teve seu nome absorvido pelo rio Salgado, conforme tese aceita pelo escritor Otacílio Anselmo e Silva.

Por conseguinte, tem-se que fazer uma retificação na data em que Antônio Mendes Lobato e Lira recebeu as terras do Brejo Santo em Sesmarias, mudando-a de 28 de janeiro de 1714 para 07 de julho de 1718.

DONA MARIA BARBOSA

É verdade inconteste que os primeiros ocupadores de nosso solo não foram os sesmeiros. Tanto assim que, no caso particular de Brejo Santo, não consta nem escritos nem em tradição oral a presença do sesmeiro Antônio Mendes Lobato e Lira em nossa terra.

Entretanto, a crônica, posto que amalgamada com a lenda, nos dá informes da presença marcante de uma viúva baiana conhecida por Dona Maria Barbosa.

Conta-nos a tradição oral que Dona Maria Barbosa vivia nas terras onde hoje se localiza a cidade de Porteiras, dedicando-se ao cultivo agrícola e ao criatório de gado. Em pouco tempo a viúva tornou-se logo conhecida pela audácia e tirocínio comercial.

É imprecisa a data que tenha Dona Maria Barbosa aqui chegado. Entretanto, a maioria dos escritores fixam como sendo o início do século XVIII, haja vista ser neste período que se intensificou o movimento migratório de baianos para nosso Estado, com o intuito de expandir-se economicamente e de fugir de novas ameaças de invasões holandesas, tão constantes na Bahia no final do século XVII.

Narra-nos, ainda, a tradição que em um determinado ano de seca em nosso Estado, Dona Maria Barbosa ordenou a seus criados que fossem em buscas de alguns porcos de sua cria que haviam desaparecidos, desde algum tempo, de sua fazenda. Após alguns dias de procura incessante foram os escravos encontrar os referidos porcos, já de volta para a fazenda, com os mocotós enlameados, conclusão clara da presença de água em determinado lugar, muito embora a seca imperasse em toda a região. Este fato chamou a atenção da

matreira viúva, que logo ordenou que seus escravos localizassem onde havia água. O lugar encontrado foi a Nascença, terra de Brejo Santo.

Mudando-se para Brejo Santo, Dona Maria Barbosa construiu agradável moradia onde os viajantes que passavam em busca de Crato ou Jardim encontravam farta messe, tornando-se o lugar, em pouco tempo, conhecido de todos.

Não obstante a narrativa popular sobre a viúva Dona Maria Barbosa, há, também, quem afirme que ela nunca pisou nas terras de Brejo, tendo-a entregue a um feitor.

O que realmente não se pode negar é que a referida viúva possuiu terras em nossa região. Como prova documental de sua existência, temos uma escritura de compra e venda em que "Nicodemos, Lins e Cia. adquiriram uma serventia de água do sítio Brejo, que fora outrora de Maria Rita, e, por esta, herdada de seus pais Pedro Escobar e Rita Pereira Lima, filha de João Pereira Lima. Lê-se BREJO DA BARBOSA" (7). Consta também a denominação de Brejo da Barbosa em onze escrituras de compra e venda em nome de José Jacinto de Araújo (8).

Não se sabe, entretanto, qual o fim de Dona Maria Barbosa. Afirmam Alguns que ela tenha voltado à Bahia após Antônio Mendes Lobato e Lira ter ganho as terras em sesmarias.

Vimos ser discrepântica a presença de Dona Maria Barbosa em nossa terra, sendo, porém, um fato aceito.

O SÍTIO BREJO

O sítio Brejo e o sítio Nascença foram, sem sombra de dúvidas, o embrião da atual cidade de Brejo Santo.

Sabe-se que no ano de 1760 o sítio Brejo foi habitado por Francisco Pereira Lima e o sítio Nascença por Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior.

A história é confusa ao narrar as origens dos referidos senhores, como aqui chegaram e desenvolveram a região.

Numa separata da Revista Itaytera, o historiador Otacílio Anselmo e Silva escreveu "que com o falecimento de Dona Maria Barbosa a fazenda foi dividida entre os seus dois filhos varões. Um deles, Francisco Pereira Lima herdou a data de Brejo a começar da Cacimbinha para leste em linha N.S., extremando a oeste com a data da Nascença, que tocou ao irmão, cujo nome está olvidado." (9)

Por outro lado, temos no historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo, nos seus livros **Povoamento do Cariri** e **Um Civilizador do Cariri**, uma genealogia de Francisco Pereira Lima, totalmente discrepântica com relação à de Otacílio Anselmo e Silva. Temos, por exemplo, na página 114 do primeiro livro citado que:

1 — Manoel de Barro e Sousa casou-se com Joana Fagundes que entre outros filhos nasceu:
2 — Isabel da Silveira, casada com Antônio Pereira Lima, que entre outros filhos teve:
3 — Francisco Pereira Lima, casado com Teodora Maria da Conceição.

Não obstante as paralelas de informações dos dois escritores achamos, no ponto de vista particular, que a mais segura é a apresentada pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo, haja

visto ter o referido sarcedote se apegado a fontes primárias nos cartórios de Pambu, local onde nasceu Francisco Pereira Lima. As fontes apresentadas por Otacílio Anselmo e Silva foram, no que nos parece, informações colhidas de populares, sujeita, assim, a um índice maior de erros e por seu caráter simplista.

Francisco Pereira Lima e Teodora Maria da Conceição constam como proprietários do sítio Brejo nos idos de 1763 (10)

Os herdeiros do casal epigrafado venderam parte do sítio a diversas pessoas, não se tendo fonte escritas sobre seus descendentes.

Entrementes, ao se fazer um amalgamento dos livros do Padre Antônio Gomes de Araújo com informações colhidas, podemos citar alguns dos descendentes do referido casal:

4 — Antônio Pereira Lima, filho de Francisco Pereira Lima e de Maria Teodora da Conceição, casou-se com Rita Maria da Conceição.

Dentre os filhos do casal acima colhemos informes sobre três:

4.1 — João Gomes de Moura, casado com Joana Maria de Jesus (11).

4.2 — Senhorinha Pereira Lima, casada com Antônio José de Sousa (12).

4.3 — Antônio Silião Bispo, cujos descendentes são: Manoel Celião de Moura, João Celião de Moura e Joaquim Celião.

4.4 — Antônia Pereira Lima, casada com João Inácio dos Santos (13).

Salientamos que, segundo informações populares, João Inácio dos Santos, é o filho do Capitão Gonçalo, João Oliveira Santos. Os filhos do Capitão Gonçalo, tanto foram conhecidos como OLIVEIRA SANTOS como INÁCIO SANTOS. Do casamento entre João Inácio e Antônia Pereira Lima, achamos ser a hipótese mais viável da união do sítio Brejo com o

sítio Nascença, vindo a ser a semente que fecundou posteriormente a cidade de Brejo Santo.

Os irmãos SANTOS, como veremos mais adiante em sua genealogia, foram conhecidos, como já frisei, por OLIVEIRA SANTOS e INÁCIO DOS SANTOS. Este segundo nome teve como origem o nome de seu avô materno José Inácio dos Santos Oliveira Brito.

O SÍTIO NASCENÇA E OS IRMÃOS SANTOS

Na formação primitiva de nossa região dois fatores foram preponderantes: o biológico e o geográfico. No primeiro caso, nossa sociedade formava-se em virtude da união por vínculos parentescos ou de consangüinidade. Por onde seguia o "Pater Familiae" seguia, concomitantemente, os seus descendentes. Somente depois deste processo inicial, passamos para o segundo fator: o geográfico. Nesta etapa de nossa formação, existia a influência do lugar, as condições do meio ambiente. Estes fatores acrescidos de razões econômicas fixaram o homem na terra.

Um exemplo patente foi o de Bento de Oliveira Rocha, em 1750, casado com Joana Rocha, que em aqui chegando atraiu todo o grupo familiar povoando, assim, essa nossa região (13).

Um dos seus filhos, Alferes Gonçalo de Oliveira Rocha, constitui-se proprietário do sítio Nascença, embrião da futura cidade de Brejo Santo. É fato tradicional que o referido Alferes tenha sido feitor de Dona Maria Barbosa, proprietária do sítio Nascença, tendo ele comprando o sítio posteriormente. Tal tese é apoiada por Otacílio Anselmo e Silva (14).

O Alferes Gonçalo de Oliveira Rocha casou-se duas vezes: a primeira com Francisca de Jesus e em segundas núpcias com Joana Martins de Morais, na data de 20.05.1748. O Alferes Gonçalo de Oliveira Rocha morreu aos noventa e seis anos no dia 20.08.1799 (15).

Dentre seus filhos, somente dois são conhecidos: Pedro Martins de Oliveira Rocha, que herdou as terras além de Milagres e Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior, que se fixou nas terras da Nascença.

O Capitão Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior passou, desde cedo, a ser conhecido pela crônica como "mandão e truculento" (16). É fato inconteste seu gênio violento, envolvendo-se em constantes desavenças em Missão Noca, vindo a morrer em conseqüência no sítio Cantagalo, sob um cerco policial em 1824 (17).

Gonçalo de Oliveira Rocha Júnior, convolou-se com Joana Maria das Virgens (ou Joana Pereira Filgueiras), filha de José Inácio dos Santos Oliveira Brito e Francisca Teodora da Conceição (18).

A descendência do Capitão Gonçalo, ou Gonçalinho, como era conhecido, fixou-se no sítio Nascença.

Muito embora os escritores Pe. Antônio Gomes de Araújo, Otacílio Anselmo e Silva e Pe. Tibúrcio Grangeiro denominem os filhos do Capitão Gonçalo de irmãos OLIVEIRA SANTOS temos, por tradição oral, o conhecimento deles por INÁCIO SANTOS. Este último nome decorre, sem sombras de dúvidas, do sobrenome de seu avô materno INÁCIO SANTOS. Como era comum o conhecimento de pessoas por apelidos, aceitamos como verdadeira a hipótese de os Oliveiras Santos e os Inácios Santos virem a ser um mesmo ramo familiar.

Há uma discrepância gritante quanto ao número de descendentes diretos do Capitão Gonçalo. Pe. Antônio Gomes de Araújo afirma: (...) "são filhos (dele) ao todo cinco, os Oliveira Santos. (...) constituíram-se o terror dessa gleba caririense." (19). Temos, por outro lado, Otacílio Anselmo e Silva afirmando: (...) "Do Capitão Gonçalo nasceram nove filhos: Pedro, Francisco, Davi, João, Manoel, Cosmo, Antônio, Joaquim e Ana Inácio de Oliveira Santos" (20). O que nos intriga e confunde é a fonte de pesquisa do escritor acima: (...) "os dados genealógicos contidos no presente trabalho foram colhidos na sua maioria absoluta nos arquivos do abalisado historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo (21).

Um ponto que vem afirmar serem os OLIVEIRAS SANTOS as mesmas pessoas dos INÁCIO SANTOS é o nome da

irmã apontada acima por Otacílio Anselmo: Ana Inácio de Oliveira Santos.

Devido as informações divergentes apresentadas pelos dois historiadores, fomos em busca de familiares e descendentes dos Inácio dos Santos à procura dos nomes dos filhos do Capitão Gonçalo. Constatamos serem os irmãos em número de seis: cinco homens e uma mulher: Manoel, João, Francisco, Cosmo, Pedro e Ana.

Em se fazendo uma análise comparativa com o número fornecido por Otacílio Anselmo, temos os seguintes pontos divergentes:

1 — DAVI: entre todos os entrevistados, Luiz Bastos, Manuel Torres, Euclides Basílio e Antônio Piçarra, nenhum deles ouviu falar em seu nome.

2 — ANTÔNIO: este seria um concunhado de João Inácio dos Santos.

3 — JOAQUIM: não houve informações a seu respeito. Sr. Luiz Bastos acha que ele seria Joaquim João, constituindo, assim, uma só pessoa.

4 — ANA: entre todos os entrevistados apenas um, o Sr. Luiz Bastos, neto de Francisco Inácio dos Santos, mencionou o nome da referida senhora. Segundo ele, em virtude do tirocínio comercial ela passou a ser conhecida como ANA SABIDA, não sabendo, entretanto, seu final.

Por conseguinte, somos da opinião que o número exato de descendentes do Capitão Gonçalo seria seis e não cinco, como afirmara o padre, e nove como dissera Otacílio Anselmo.

.....

Reza-nos a tradição que os irmãos Santos herdaram o gênio violento dos seus ascendentes. O padre Antônio Gomes de Araújo afirmou que "todos constituíram-se o terror da região. (...) até serem destroçados pelo chefe político de Milagres, Sr. Manoel Jesus da Conceição Cunha, com funções Policiais e Judiciais, no Sítio Nascença, em 1850". (22)

Segundo informações que podemos colher, nem todos os irmãos Santos foram desordeiros e bandidos. Manoel Inácio dos Santos e Pedro Inácio dos Santos, não obstante a ignorância, um temperamento violento, não se encaminharam pelos caminhos do bacamarte. Entretanto, Francisco, João e Cosmo caracterizaram-se por desrespeitadores da lei, chegando a matar os viajantes que se hospedassem em seu sítio com o intuito de roubar os seus pertences. (23)

Entrevistando pessoas criteriosas, possuidoras de memórias privilegiadas, como os Senhores Luiz Bastos, Antônio Piçarra e Euclides Basílio, podemos resumir os pontos em comum quanto aos destinos dos irmãos Santos do seguinte modo:

1 — MANOEL (INÁCIO) OLIVEIRA SANTOS: mais conhecido como seu "Neco", casou-se com Francisca Maria de Jesus. Homem ignorante e grosseiro, não se enveredando pelos caminhos do crime. Conta-se que um almocreve ao passar perto do sítio de seu "Neco" parou para descansar as bestas. Chamava-se este tropeiro Francisco Pereira de Lucena (conhecido por Chicote). Uma filha de seu "Neco", compadecida da longa e exaustiva viagem do moço, mandou-lhe merendas. A repetição da gentileza da moça Doninha Maria de Jesus foi motivo para que ela fosse pedida em casamento pelo jovem. Francisco Pereira de Lucena era filho de Pedro Pereira de Lucena com Maria das Dores de Jesus. Desse consórcio veio a formar a dominante família Lucena. Seu "Neco" morava no sítio Ipueiras.

2 — JOÃO (INÁCIO) OLIVEIRA SANTOS: conhecido, também, como João Joaquim, casou-se com Antônia Pereira Lima, filha de Antônio Pereira Lima, neta, conseqüentemente, de Francisco Pereira Lima, dono do sítio Brejo. Acreditamos que deste casamento surgiu as raízes da futura cidade de Brejo Santo, pois, foi dele que houve o liame entre os sítios Nascença e Brejo. Uma filha de João e Antônia Pereira Lima, de nome Senhorinha de Oliveira Santos, casou-se com Joaquim Inácio da Silva Torres. João Inácio dos Santos foi assassinado pelo seu concunhado Antônio José de Sousa — Mestre Antônio, como será relatado mais adiante. João Inácio morava no sítio Olho D'água.

3 — FRANCISCO (INÁCIO) OLIVEIRA SANTOS: mais conhecido pela alcunha de "TICO". Encaminhou-se pelos caminhos do banditismo. Foi morto no ano de 1850 no sítio Nascença, pela polícia, juntamente com seus irmãos Pedro e Cosmo.

4 — COSMO (INÁCIO) OLIVEIRA DOS SANTOS: homem violento, desordeiro, sendo apontado como responsável pela morte de Mestre Antônio ao vingar a morte de seu irmão João.

5 — PEDRO (INÁCIO) OLIVEIRA DOS SANTOS: não encontramos informações precisas sobre ele. Sabe-se que foi morto no cerco policial feito no sítio Nascença, onde veio a falecer, depois de tentar fugir, em conseqüência de ferimentos recebidos nas pernas. Morava no sítio Poço.

6 — ANA (INÁCIO) DE OLIVEIRA SANTOS: de todos os entrevistados, apenas um, o Sr. Luiz Bastos mencionou o nome desta senhora. Diz ele que a característica principal dela era a sua sagacidade e tirocínio comercial. Foi conhecida com o epíteto de ANA SABIDA. Desconhece-se o seu fim.

O CASO DO MESTRE ANTÔNIO

Antônio José de Sousa, mais conhecido por Mestre Antônio, era casado com uma neta de Francisco Pereira Lima, de nome Senhorinha Pereira Lima. Existia ainda outra neta do fundador de Brejo, cujo nome era Antônia Pereira Lima, casada com João Inácio dos Santos — um dos irmãos Santos. Obviamente, Mestre Antônio e João Inácio eram concunhados

Além de possuir uma pequena vivenda que fornecia mercadorias aos viandantes vindos de Pernambuco, Paraíba e Bahia em busca de Jardim e Crato, Mestre Antônio fazia carros de boi.

Determinado dia, seu concunhado João encarregou-lhe da tarefa de construir um carro de boi para ele. Algum tempo depois o carro fora terminado e entregue a João Inácio. Ao ser vistoriado, João verificou que o cabeçote havia sido construído de madeira nova, pois apresentava um ramo de erva na parte de baixo do referido cabeçote, tornando, assim, o carro frágil e inseguro. Prontamente João Inácio reclamou do concunhado, recebendo de imediato a garantia do serviço prestado.

Ao ser corregado, determinado tempo depois, veio o cabeçote do carro quebrar-se onde tinha previsto o truculento João Inácio, o qual, enraivecido, foi imediatamente à procura do Mestre Antônio. Ao se deparar com o comerciante, João Inácio foi logo destratando-o e agredindo-o com uma chibata.

Chegando em casa, Mestre Antônio narrou o fato à sua mulher, dizendo-lhe como fora desmoralizado pelo concunhado. Só lhe restava uma alternativa: matar João Inácio! E num determinado dia, sorrateiramente, numa emboscada, sem

que ninguém desconfiasse, disparou seu bacamarte vindo a matar seu concunhado. Depois da prática do homicídio foi para casa, onde se fez de doente até ser avisado da morte de João Inácio pelos demais irmãos dele.

A morte de João Inácio abalou o gênio irrascível dos irmãos Santos. Desconhecendo quem teria sido o autor do crime, Cosmo, Tico, Pedro e Manoel sairam matando todo aquele em que pairasse qualquer dúvida. Se em determinada pessoa houvesse possibilidade, embora remota, de ter assassinado o irmão, era pretexto de ser morta, sem nunca pensar que o autor teria sido Mestre Antônio.

A narrativa popular informa que foram mortas numa base de vinte pessoas.

Tempos depois, em uma discussão sobre terras entre Cosmo e Mestre Antônio, houve uma ameaça de morte partindo de Cosmo contra o Mestre.

A tradição nos conta que em chegando à casa, Mestre Antônio, enraivecido, contava o ocorrido para sua esposa com a voz alta e teria dito:

— "Ora, eu já matei um deles, para matar o outro, nada custa..."

No oitão da casa encontrava-se um negro escravo de nome Joaquim Sabido, que ao ouvir a conversa correu ao sítio Nascença para transmitir o que ouvira.

Certo dia, Mestre Antônio dirigia-se a cavalo, com uma escrava de nome Eufrazia, com destino a uma farinhada na serra do Bonome, quando foi emboscado por Cosmo (embora alguns informem que foi por Pedro). Socorrido pela escrava Eufrazia, Mestre João veio a falecer ali mesmo, onde ainda hoje podemos encontrar uma cruz simbolizando o ocorrido.

O bornal do Mestre Antônio, todo furado das balas, foi exibido, ainda no nosso século, por sua filha Maria da Conceição de Jesus, casada com o Coronel Basílio Gomes da Silva.

Esta história veio com outras criar a auréola de banditismo que envolveu os irmãos Santos, provocando a ira governamental, que gerou a morte deles no sítio Nascença.

O FIM DOS IRMÃOS SANTOS

A fama de desordeiros, descumpridores da lei, de assassinos periculosos, foi envolvendo os irmãos Santos. O manto negro do banditismo, de crueldade, os envolvia. A tradição oral fantasia quando informa que os Santos matavam, para roubar, todo viajante que pernoitasse em sua fazenda. Como se não bastasse, perseguia-os a acusação de vinte mortes na vingança de João Inácio.

A fama amalgamada com o exagero popular e o desejo do Governo em acabar com os excessos reinantes da violência, fez a sentença de morte dos irmãos Santos. "Sendo assim, uma volante comandada pelo chefe político de Milagres, Manoel de Jesus da Conceição, atacou a fazenda Nascença, aniquilando com os Santos" (24)

DESENVOLVIMENTO DO POVOADO

No ano de 1858 existia, onde hoje se situa altaneira e bela cidade de Brejo Santo, duas casas: uma propriedade do Coronel Aristides Cardoso dos Santos e uma vivenda pertencente à viúva de Antônio José de Sousa, Senhorinha Pereira Lima, onde o tropeiro se abastecia de farinha, arroz, fumo, bebida, descansava os animais e depois partia em rumo de Jardim, pois, aqui era cruzamento de quem vinha de Pernambuco em busca das vilas ou cidades caririenses.

Neste mesmo ano, chegou provindo de Águas Belas, Pernambuco, fugindo da inimizade com o Coronel Clementino Cavalcanti (25) José Francisco da Silva, sua esposa Ana Maria Gomes da Silva e seus filhos. Mais uma vez a figura do "Pater Familiae" foi preponderante para a formação do povoamento da nossa cidade. Tempos depois, vindo da mesma vila de Águas Belas, chegaram, no pequeno povoado, mais imigrantes, todos parentes de José Francisco da Silva.

Pouco a pouco, o povoado foi crescendo, surgindo novas casas, bodegas e com uma tendência sempre ascendente de desenvolvimento, foi concedido os foros de Distrito. Por iniciativa de Basílio Gomes da Silva, filho de José Francisco da Silva, foi enviada uma carta a D. Antônio Luiz dos Santos solicitando a criação da freguesia de Brejo dos Santos. Com a Lei Provincial n.º 1.708, de 25 de julho de 1876, criou-se a paróquia, separando, assim, das paróquias de Milagres e Jardim. (26). Entretanto, somente em 02 de setembro de 1877 é que o Padre Francisco Lopes Abath aqui pôs os pés.

Com a freqüente expansão populacional e comercial, Brejo dos Santos tornou-se Vila pelo decreto n.º 49, de 26 de agosto de 1890, de autoria do Governador do Estado, Coronel Luiz

Antônio Ferraz, criando, assim, a "Villa de Brejo dos Santos." (27)

Finalmente, a vila passou a cidade pelo Decreto-Lei Estadual n.º 448, de 20 de dezembro de 1938, com o topônimo simplificado de Brejo Santo.

A cidade de Brejo Santo somente tomou a configuração física dos dias atuais com a Lei n.º 1.153, de 22 de novembro de 1951, ficando, por conseguinte, assim constituído: Brejo Santo (sede do município), São Felipe e Poço (Distritos), perdendo com a referida lei o distrito de Porteiras, que passou à configuração de cidade.

RELAÇÃO DOS PREFEITOS DA CIDADE

Existem duas relações de prefeitos de nossa cidade: a primeira nos é fornecida pelo historiador Padre Antônio Gomes de Araújo (28) e a outra relação encontrei-a no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, o qual a retirou dos Livros de Escrituração da Prefeitura Municipal. Este documento traz a data de 22 de maio de 1948.

Em se analisando as duas fontes de informação, achamos mais confiabilidade histórica a do Pe. Antônio Gomes de Araújo, haja visto, ser ele um pesquisador de fontes primárias, pesquisador brilhante e de espírito criterioso, tendo se baseado na "Acta da Inauguração da Nova Villa de Brejo dos Santos". Enquanto que o Livro de Escrituração da Prefeitura foi redigido por pessoas carentes de estudos e confundia, na figura do Coronel Basílio Gomes, as funções de chefe de fato com chefe de direito da municipalidade.

Nos dias atuais já não existe a "ACTA DA INAUGURAÇÃO DA NOVA VILLA DE BREJO DOS SANTOS", onde o Pe. Antônio Gomes de Araújo se baseou para fornecer a relação do primeiro chefe de nosso município, pois o livro que a continha e os demais da prefeitura, foram criminosamente queimados por pessoas carentes de perspectivas históricas. O outro documento existe transcrito na Agência do IBGE.

Forneceremos a relação dos Prefeitos existentes nas duas relações.

"RELAÇÃO DOS GESTORES DO MUNICÍPIO DE BREJO SANTO DESDE 1890" (29)

Lourenço Gomes de Araújo	1890—1892
Basílio Gomes da Silva	1893—1909
Manoel Inácio de Lucena	1909—1912
João Inácio de Lucena	1912—1914
Joaquim Gomes da S. Basílio	1914—1916
Manoel Inácio Bezerra	1916—1918
José Nicodemos da Silva	1918—1919
João Inácio de Lucena	1919—1927
Joaquim Inácio de Lucena	1927—1929
Manoel Leite de Moura	1929—1930
João Anselmo da Silva	1930—1931
Luiz Gonzaga Júnior	1931—1934
Franklin Tavares Pinheiro	1934—1935
José Matias Sampaio	1935—1945
José Jacinto de Araújo	1945—1946
Joaquim Leite de Araújo	—1946
Vicente Alves de Santana	1946—1947
Napoleão de Araújo Lima	1947—1948
Dionísio Rocha de Lucena	1948—1951
Antônio Alves de Santana	1951—1955
Dionísio Rocha de Lucena	—1955.

"ACTA DA INAUGURAÇÃO DA NOVA VILLA DE BREJO DOS SANTOS" (29)

"Aos cinco dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos e noventa, na Sala das Sessões desta Casa, destinada para a realização das sessões do Conselho de Intendência municipal desta Villa de Brejo dos Santos, creada por decreto do Governador do Estado, Coronel Luiz Antonio Ferraz, numero quarenta e nove (49), de vinte e seis de agosto do corrente anno, as dez horas da manhã, presentes os intendentes Lourenço Gomes da Silva, Benevenuto Bezerra da Paixão, José Florentino de Araujo Lima e José Moreira Tavares, nomeados por acto do Governador do Estado, de vinte e seis de agosto, também do corrente anno, e, todos, juramentados perante o Conselho, o Intendente, cidadão Lourenço Gomes da Silva, o qual, após tomou assento à cabeceira da mesa e convidou, para exercer as funções de secretário, ao intendente, o cidadão José Moreira Tavares, o qual, assumindo o cargo, tomou o seu respectivo logar. Então, declarou inaugurada a Municipalidade da Villa, e que se lavrassem oficios de participação da presente sessão, ao Exm.º Governador do Estado, ao Conselho de Intendência Municipal de Porteira, ao Doutor Juiz de Direito da Comarca e as autoridades e empregados públicos, aqui existentes, da antiga Municipalidade. Para conhecimento de todos, lavrei a presente Acta. Determinou-se o dia seguinte para a instalação da primeira sessão ordinária do mesmo Conselho. Ordenou, o Presidente, que se extraisse uma cópia da Acta e se remetesse ao Doutor Juiz de Direito da Comarca, para os devidos fins, e outra, para ser afixada na parte da Casa deste Conselho, para conhecimentos dos povos deste Município. Do que, para constar, lavrei a presente Acta. José

Moreira Tavares, servindo de Secretário, a escrevi. Sala das Sessões do Conselho de Intendência de Brejo dos Santos, 5 de novembro de 1890. Segundo anno da República — Lourenço Gomes da Silva, 1.º Presidente; Benevenuto Bezerra da Paixão; José Florentino de Araújo Lima; José Moreira Tavares."

.....

Este precioso documento histórico foi extraído do Livro de Lançamentos das Actas das Sessões do Conselho de Intendência da Villa de Brejo dos Santos, o qual, provavelmente. foi destruído pelo incêndio criminoso dos livros da Prefeitura. Tal incêndio veio destruir o que seria a nossa Certidão de Nascimento.

RELAÇÃO DOS PREFEITOS E SECRETÁRIOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE BREJO SANTO

1 — Basílio Gomes da Silva — 1890—1904
Benevenuto Bizerra da Paixão (Secretário)

2 — Manoel Inácio de Lucena — 1904—1907
João Inácio de Lucena (Secretário)

3 — Basílio Gomes da Silva — 1907—1909
João Inácio de Lucena (Secretário)

4 — Manoel Inácio de Lucena — 1909—1912
João Inácio de Lucena (Presidente da Câmara)

5 — João Inácio de Lucena — 1912—1914
Manoel Inácio de Lucena (Presidente da Câmara)

6 — Joaquim Gomes da Silva Basílio (Provisório) — 1914—1916
Manoel Inácio Bezerra (Presidente da Câmara)

7 — Manoel Inácio Bezerra — 1916—1918
José Nicodemos da Silva (Presidente da Câmara)

8 — José Nicodemos da Silva — 1918—1919
José Alves de Moura (Presidente da Câmara)

9 — João Inácio de Lucena (Prefeito Constitucional) — 1919—1927
Pedro Pereira de Lucena (Presidente da Câmara)

10 —	Joaquim Inácio de Lucena	1927—1929
	José Francisco da Silva (Presidente da Câmara)	
11 —	Manoel Leite de Moura (Prefeito Constitucional)	1929—1930
	Napoleão Araújo Lima (Presidente da Câmara)	
12 —	João Anselmo e Silva (Nomeado)	1930—1931
13 —	Luiz Gonzaga Júnior (Nomeado)	1931—1934
14 —	Franklin Tavares Pinheiro (Nomeado)	1935—1935
15 —	José Matias Sampaio (Nomeado)	1935—1935
16 —	Manoel Inácio Torres (Substituto pelo prazo de quatro meses)	1935—1935
17 —	José Matias Sampaio (Eleito)	1936—1945
	Heráclito Alves de Moura (Presidente da Câmara)	
18 —	José Jacinto de Araújo	1945—1946
19 —	Joaquim Leite de Araújo	1946—1947
20 —	Vicente Alves de Santana	1946—1947
21 —	Napoleão Araújo Lima (Prefeito provisório por dez meses)	1947—1948
22 —	Dionísio Rocha de Lucena	1947—

Esta relação foi colhida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — do livro de Escrituração da Prefeitura em 22 de maio de 1948. Verifica-se uma diferença entre a relação colhida pelo IBGE e a apresentada pelo Padre Antônio Gomes de Araújo nos primeiros Prefeitos (Intendentes) e nas datas. Achamos que tal discrepância teve como base o acúmulo das funções exercidas pelo Coronel Basílio Gomes da Silva, ora como Intendente, ora como Chefe Político. Quanto às datas presumimos que tais diferenças ocorreram devido confusão feita, por quem escreveu tal relação, nas datas de eleição e a data de assumir a Prefeitura pelos Prefeitos.

Transcrevemos "ipsis litteris" a "Discrição sobre os prefeitos municipaes desde o ano de 1890 até a data prezente".

"DISCRIÇÃO SOBRE OS PREFEITOS MUNICIPAES DESDE O ANO DE 1890 ATÉ A DATA PREZENTE"

"No ano de 1890 achava-se à frente dos destinos deste município o Ten. Cel. Basílio Gomes da Silva, que desde a creação do Município vinha exercendo o Intendente Municipal, sendo ele um dos interessados à creação do Município. Enfrentou o Governo Municipal mais de 20 anos, tendo como Prezidente da Camara o snr. Bevenuto Bizerra da Paixão, Alvino Alves da Costa, João Pereira e Silva, Manoel Inácio de Lucena, João Antônio de Moura e Manoel Bastos da Silva. Em 1904 passou o Governo Municipal ao Cel. Manoel Inácio de Lucena, tendo como Prezidente da Camara o Cel. João Inácio de Lucena até 1907. Neste ano reassumiu o Governo Municipal o Cel. Basílio Gomes da Silva, tendo como Prezidente da Camara o Cel. João Inácio de Lucena até 1909, nesta data reassumiu o Governo Municipal deste Município de Brejo Santo o Cel. Manoel Inácio de Lucena, tendo o Cel. Basílio Gomes da Silva feito em sua administração o Predio da Municipalidade denominado Intendencia Municipal e adquirido outros imóveis para o Município que já não existem mais. Nesta data reassumiu os destinos do Governo Municipal desta cidade o snr. Cel. Manoel Inácio de Lucena, tendo como Prezidente da Camara o snr. Cel. João Inácio de Lucena até 1912, tendo o referido prefeito empregado todo esforço possível pela ampleação deste Município junto ao Município vizinho de Milagres, arranjando grande faixada de terreno para este Município, entrando em descussões e acordo as duas Camaras Municipaes naquelle tempo. Nesta data passou os distinos do Governo Municipal ao Cel. João Inácio de Lucena, ficando como Prezidente da Camara o Cel. Manoel Inácio de

Lucena, até 1914, quando foi deposto o Cel. Franco Rabelo da Prezidencia do Estado do Ceará. Nesta data assumiu o Governo Municipal provisoriamente o snr. Joaquim Gomes da Silva Bazilio e como Prezidente da Camara o Cel. Manoel Inácio Bizerra permanecendo assim até 1916, nesta data o General Benjamim Liberato Barrozo Governador do Ceará pro nomeação deste assumiu a Prefeitura deste Município o Cel. Manoel Inácio Bizerra e como Prezidente da Camara o snr. José Nicodemos da Silva até 1918, quando passou a Prefeitura Municipal ao snr. José Nicodemos da Silva e como Prezidente da Camara o snr. José Alves de Moura até 1919, nesta data procedendo-se Eleições para Prefeitos Municipaes foi Eleito Prefeito Constitucional desta Cidade o Cel. João Inácio de Lucena e Prezidente da Camara Municipal o snr. Pedro Pereira de Lucena, sendo que o referido cidadão enfrentou os distinos deste Municipio até o ano de 1927, neste periodo foram feito alguns milhoramentos nesta cidade e no Municipio nesta data assumiu a Prefeitura Municipal desta Cidade o snr. Joaquim Inácio de Lucena e como Prezidente da Camara o snr. José Francisco da Silva até 1929, tendo feito diverços milhoramentos neste Municipio como sejam o Matador Publico a aquizição do imovel denominado SERROTE e o Prédio do Açougue Publico. Nesta data foi Eleito Prefeito Constitucional o Cel. Manoel Leite de Moura e Prezidente da Camara Municipal o snr. Napoleão de Araujo Lima tendo no ano seguinte feito o calçamento da RUA DO COMERCIO desta cidade além de outros, nesta data de 1930 rebentada a revolução nacional da Aliança Liberal do Brazil foi deposto o Governo Estadual Dr. José de Mattos Peixoto e assumindo a interventoria do Estado do Ceará o snr. Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora foi nomeado Prefeito o snr. João Anselmo e Silva que regeu os destinos deste Municipio até o fim de 1931, nesta data foi nomeado Prefeito Municipal desta cidade o snr. Cel. Luiz Gonzaga Junior filho de Barbalha assumindo os distinos deste Municipio até 1934 deixão em sua

gestão o Jardim Avenida 7 de Setembro, as pontes que já não existem mais no Riacho do Regato e no Riacho do Barracão, nesta data foi substituido pelo snr. Cel. Franklin Tavares Pinheiro até as Eleições para Governador do Estado em 1935. Eleito o snr. Francisco Menezes Pimentel para Governador do Estado do Ceará pela Liga Eleitoral Católica foi nomeado o Cel. José Matias Sampaio Prefeito Municipal desta Cidade assumindo os distinos do Governo Municipal no dia 30 de junho de 1935 administrou provisoriamente até as Eleições para Prefeito Municipal em Março de 1935, nesta data o snr. Prefeito para se dezemcompatibilizar passou o Governo Municipal o exercicio ao snr. Secretário da Prefeitura Manoel Inácio Torres passando este 4 meses como em referido exercicio até que triunfando as Eleições foi Eleito Prefeito Constitucional desta cidade o Cel. José Matias Sampaio e como Prezidente da Camara Municipal o snr. Heráclito Alves de Moura que governaram neste regime democrático até o golpe de 10 de novembro quando o Prezidente da Republica Dr. Getulio Dorneles Vargas Decretou o Estado Novo Regime Ditatorial ficando assim sem as Camaras Municipaes o snr. José Matias Sampaio administrando este Municipio até 1945 em seu Governo Municipal tudo fez por esta terra. Deixando as Ruas alinhadas melhorado as calçadas condenando predios dezapropriando para milhoramento da cidade, fez toda arborização existente, construiu o predio para Camara de espurgo de sementes, reconstruiu o Edificio da Municipalidade o Sobrado onde funciona as Sessões da Camara Municipal e Prefeitura fez aquizição do Terreno e material para construção da Cadeia Pública da Cidade, construiu o matador publico da vila de Porteiras com terreno proprio, fez aquizição do Predio e Marmores do Açougue Publico, fez o calçamento da Rua Sta. Terezinha, poz meio fio nas Ruas Dr. Justiniano de Serpa e partes da Rua Santo Dumont epr. João Pessoa, fez aquisição do terreno e adquiriu junto ao Dr. Pimentel Governador do Ceará e construiu o GRUPO ESCOLAR da Cida-

de e construção do JARDIM AV. 7 DE SETEMBRO, fez aquização e duou ao Estado do Ceará o CAMPO DE DEMONSTRAÇÃO AGRICOLA deste municipio 16 tarefas de terreno especial cercado de areme e madeira no Sítio MELANCIA SUBURBO da cidade reconstruiu os calçamentos da fonte da CACIMBINHA aguada publica desta cidade e do TAQUE o calçamento existente, reconstruiu a PONTE que liga a RUA DR. JOÃO PESSOA À RUA CEL. BAZILIO, em sua administração sempre conservou aberto o tranzito de seu Município fazendo todos os anos a raspagem das estradas carrosaes que liga esta Cidade as Cidades vizinhas e fez junto ao Governo do Estado os valados separando na chapada do ARARIPE as ZONAS AGRICOLAS e PASTORIL que muito beneficiou a população pobre aqui existentes sempre em seu governo deu assistencia a todas as classes de seus municipes sem distinção. Nesta data 21 DE OUTUBRO DE 1945 depois do contragolpe o Governo Provizorio do Ministro José Linhares com o Interventor Federal neste Estado Dr. Beny Carvalho foi nomeado Prefeito Municipal desta cidade o snr. José Jacinto de Araújo que assumiu a Prefeitura passando a frente deste Municipio até abril de 1946, sendo nesta data substituído pelo snr. Joaquim Leite Araujo, que passou até as Eleições para Prezidente da República de 2 de DEZEMBRO do mesmo ano como Prefeito deste Município, nesta data com a interventoria Federal Ministro Pedro Firmeza no Ceará foi nomeado Prefeito Municipal desta Cidade o snr. Dr. Vicente Alves de Santana que em seguida assumiu a Prefeitura permaneceu nesta até as eleições para Governador do Estado do Ceará em 19 de janeiro de 1947. Eleito o Dezembargador Faustino de Albuquerque Governador do Estado do Ceará pela União Democrática Nacional foi em seguida nomeado Prefeito desta Cidade provizoriamente até as Eleições Municipaes o cidadão Napoleão de Araujo Lima que em seguida foi empossado 10 mezes na Prefeitura Municipal de Brejo Santo, em 7 de Dezembro de 1947 apurada as Eleições municipaes foi proclamado Eleito Prefeito Municipal desta Cidade pelas Coligações dos Partidos Social Democrático e Progressista o snr. Dionízio Rocha de Lucena que tomou posse no dia 06 de janeiro do ano em curso, tendo como Prezidente da Camara Municipal o snr. José Abilio de Melo.

Era o que continha nos Livros de Escrituração desta Prefeitura.

Secretaria da Prefeitura Municipal de Brejo Santo, 22 de maio de 1948.

_____

Secretário Municipal

Visto

_____

Prefeito Constitucional

Continuamos a relação dos Prefeitos de nossa cidade a partir de Dionízio Rocha de Lucena até os dias atuais:

23 —	Antônio Denguinho de Santana	1951—1955
24 —	Dionízio Rocha de Lucena	1955—1959
25 —	Antônio Denguinho de Santana	1959—1963
26 —	Juarez Leite Sampaio	1963—1967
27 —	Emílio Salviano Alves	1967—1971
28 —	Juarez Leite Sampaio	1971—1973
29 —	Mário Leite Tavares	1973—1977
30 —	Francisco Leite Lucena	1977—

O BRASÃO DO MUNICÍPIO

A idéia de se criar o Brasão Municipal, para constituir o timbre das correspondências oficiais, partiu do Prefeito Dr. Francisco Leite Lucena, subsidiado pelo Secretário de Administração, Dr. Djauma Inácio de Lucena.

O Brasão teve como autor o Sr. Manoel Bezerra Neto, que foi o encarregado do estudo heráldico para a sua formação.

Foi criado pela Lei n.º 50, de 09 de maio de 1978, com as seguintes especificações:

1 — FORMATO: Francês.

2 — FIGURAS:

2.1. ASTRONÔMICAS:

2.1.1. TRÊS ESTRELAS situadas em cima do Brasão, representando os dois distritos e a sede do município.

2.1.2. O SOL: o espectro solar simboliza a luz que dá força, vida e riqueza.

2.2. NATURAIS

2.2.1. GRAMÍNEAS representação da principal riqueza do município: a agricultura.

2.2.2. A MONTANHA sob a qual o sol se põe — alusão à Serra do Araripe.

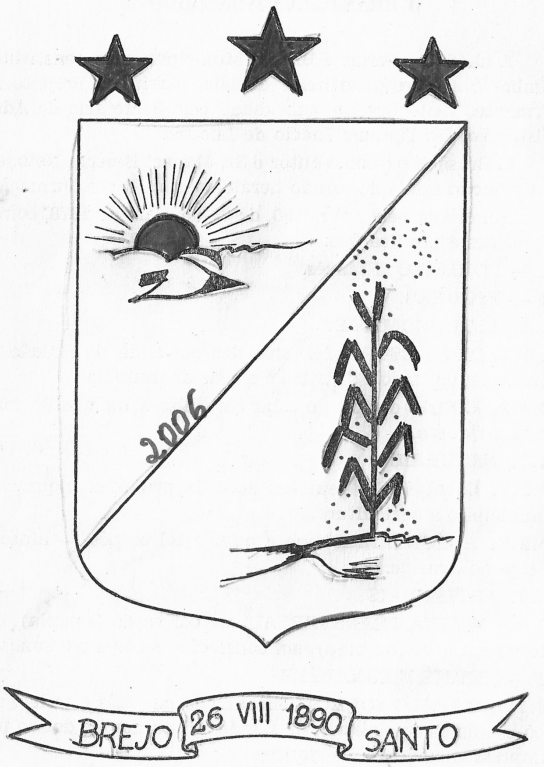
2.3. ARTIFICIAIS

2.3.1. FAIXA TRANSVERSAL em cor verde (sinopla), contorno em azul (ou blau), simbolizando as cores nacionais.

3 — METAIS E ESMALTES

3.1. AMARELO (OURO): encontrado nas três estrelas, simbolizando os dois distritos e a sede do município, dando uma impressão subjetiva de riqueza.

Azul (blau) e o verde (sinopla) — referência clara das cores de nossa Bandeira Nacional. Roxo — Terra (Púrpura) — símbolo da cor da terra.



A BANDEIRA DO MUNICÍPIO

No ano de 1968 encontrava-se à frente dos destinos da municipalidade o Sr. Emílio Salviano Alves. Vendo ele a necessidade de um pavilhão que bem representasse a cidade nos dias festivos municipais, estaduais e federais, pôs, em concurso público, a concorrência para a criação da Bandeira do Município.

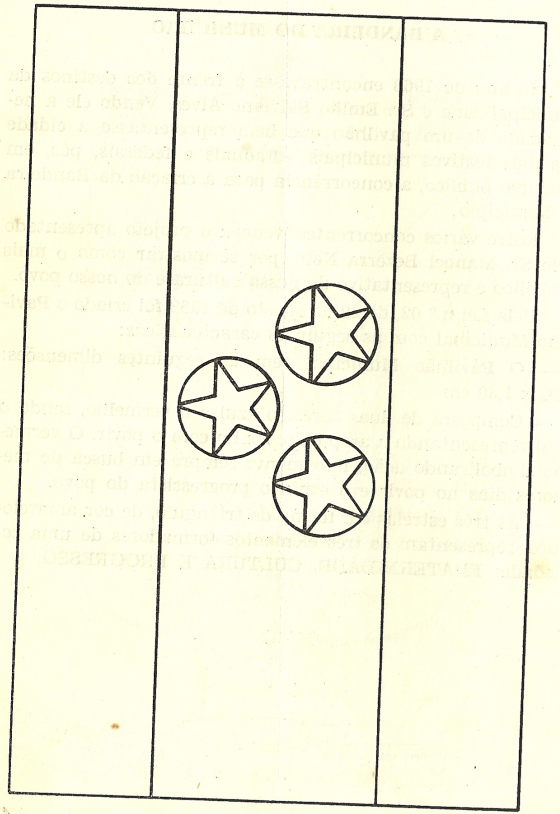
Entre vários concorrentes, venceu o projeto apresentado pelo Sr. Manoel Bezerra Neto, por se mostrar como o mais simbólico e representativo da nossa cultura e do nosso povo.

Pela Lei n.º 02, de 20 de agosto de 1968 foi criado o Pavilhão Municipal com as seguintes características:

1 — O Pavilhão Municipal tem as seguintes dimensões: 0,92 x 1,30 cm.

2 — Composta de duas cores: o azul e o vermelho, sendo o azul representando a amplidão, sonho com o povir. O vermelho simbolizando ação, movimento sempre em busca de melhores dias no povir e o espírito progressista do povo.

3 — As três estrelas em forma de triângulo, de cor amarelo-ouro, representam os três elementos formadores de uma sociedade: FRATERNIDADE, CULTURA E PROGRESSO.



HINO DE BREJO SANTO

Música: Augusto Romão
Letra: Lindolfo Ramalho

I

Sobre a várzea de verde esmeralda
Te espreguiças, oh! meu Brejo dos Santos,
Inspirando a quem te contempla
Um poema sublime de encantos.

II

Entre louros dos teus coqueirais
Que tatalam nas tardes fagueiras,
A graúna seu hino desprende
Ao sorriso das luzes primeiras.

III

CORO

És a terra sublime de encantos,
Graça infinita da mãe natureza,
Tu herdaste do teu Ceará
A pujança divina e a beleza

IV

O Arquiteto das obras divinas
Deu-te um céu pontilhado de estrelas,
Deu-te campos e bosques amenos
Onde brotam as flores mais belas.

V

Deu-te fontes de puro cristal,
Onde as águas murmuram amor...
Fez teu sorriso um verde tapete
O mais belo e jocundo primor.

VI

CORO

Eu te adoro oh! meu Brejo dos Santos
Na expressão singular do teu porte,
Amo o gesto sublime que imprimes
como sendo o mais belo do norte.

VII

Eu te adoro oh! terra fecunda,
onde o sol resplandece divino!
Em teu seio de amor e sorriso,
Sonhei tanto quando era menino.

.....

A COMARCA DE BREJO SANTO

Pela Lei n.º 213, de 09 de junho de 1948, foi criada a Comarca de Brejo Santo. A partir desta data, nossa cidade passou a contar com um Juiz, nomeado pelo Estado, para julgar os casos cíveis e criminais.

Entretanto, é bom realçar que quando Brejo era ainda Termo de Comarca, tivemos como julgadores os Bacharéis:

01 — Antônio Cardoso de Oliveira	1927—1938
02 — Antônio Carlos Drumont	1938—1940
03 — José Rodrigues da Silva	1940—1948

Após a instalação da Comarca, tivemos como Juízes respondendo pela Comarca, os seguintes togados:

01 — José Rodrigues da Silva	1948—1951
02 — Aurino Augusto Araújo Lima (Substituto)	1951—1952
03 — Jaime Augusto Ribeiro (Substituto)	1952—1953
04 — José Augusto Ribeiro (Substituto)	1953—1955
05 — Plínio Ramos Pinto (Substituto)	1953—1955
06 — Antônio Carlos Costa e Silva	1955—1956
07 — Rubens Freire de Vasconcelos	1956—1960
08 — José Augusto Ribeiro	1961—1964
09 — Colombo Dantas Barcelar (Substituto)	1964—1964
10 — Antônio Cândido Fonseca (Substituto)	1964—1964
11 — José Ósimo da Silva Câmara	1964—1966
12 — Raimundo Bastos de Oliveira (Substituto)	1966—1967
13 — Pedro Regnoberto Duarte	1967—1968

14 — Leônidas Ferreira de Souza (Substituto) 1968—1969
15 — Francisco Diógenes Sampaio 1970—1970
16 — Rubens Soares Chagas 1970—1975
17 — Francisco Gurgel Holanda 1975—1979
18 — José Neudo Rodrigues 1979—....

OS SACERDOTES DO MUNICÍPIO

Pela Lei Provincial n.º 1.708, de 25 de junho de 1876, foi criada a Freguesia de Brejo dos Santos. Entrementes, o nosso primeiro Vigário só poria os pés em nossa terra no dia 09 de setembro de 1877. Relacionamos abaixo os cinco Vigários e os nove Cooperadores que, em nossa Igreja, pregaram o nome de Deus.

01 — Francisco Lopes Abath (Vigário) 1877—1903
02 — João Cassimiro Viana Arrais (Vigário) 1903—1911
03 — Leopoldo Fernandes Pinheiro (Cooperador) 1911—1913
04 — Raimundo Monteiro Dias (Cooperador) 1913—1915
05 — Manoel da Silva Porto (Cooperador) 1915—1916
06 — João Alboino Pequeno (Cooperador) 1916—1918
07 — Luiz Furtado Maranhão (Cooperador) 1918—....
08 — Juvenal Colares Maia (Cooperador) 1918—1919
09 — Raimundo Monteiro Dias (Cooperador) 1919—1922
10 — Raimundo Nonato Pita (Vigário) 1922—1930
11 — Pedro Inácio Ribeiro (Vigário) 1930—1973

O Padre Pedro Inácio Ribeiro foi vitimado de uma doença que o afastou das lides sacerdotais, vindo, neste ínterim, vários Cooperadores:

12 — Rubens Gondim Lóssio (Cooperador) 1948—1949
13 — Luiz Antônio dos Santos (Cooperador) 1949—1951
14 — Manoel Pereira Bezerra (Cooperador) 1951—1956
15 — Nicodemos Benício Pinheiro (Cooperador) 1956—1957
16 — Dermival de Anchieta Gondim (Coop.) 1957—1973

Após a morte do Padre Pedro Inácio Ribeiro, tivemos como Vigário Ecônomo até os nossos dias o sacerdote:

17 — Dermival de Anchieta Gondim 1973—....

.....

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO

1 — LOCALIZAÇÃO E LIMITES

O município de Brejo Santo situa-se na microrregião 76, zona fisiográfica do Cariri. Limita-se com os seguintes municípios: Missão Velha, Porteiras, Milagres, Abaiara, Mauriti, confrontando-se com o Estado de Pernambuco. Possui uma área de 631 km², sendo em relação à do Estado do Ceará de 0,53%.

2 — POSIÇÃO GEOGRÁFICA, ALTITUDE, DISTÂNCIA PARA A CAPITAL E ALTITUDE

LATITUDE SUL: 7°29'31"
LATITUDE W. GREENWICH: 38°59'21"
ALTITUDE: 381 m
DISTÂNCIA P/FORTALEZA: 480 Km.

3 — TEMPERATURA:

A média das temperaturas mínimas é de 22°, apresentando a média das máximas de 28°. O mês de temperatura mais elevada é dezembro e o mês mais frio é junho.

4 — CIRCULAÇÃO DE AR

A massa de ar que possui maior influência na região, quando de passagem em nossa terra, é a Massa Equatorial Continental (mEC). Tem como sua característica mais marcante ser quente e úmida, provocando com seu deslocamento precipitação de chuvas nos períodos de 19 a 20 de março.

5 — PLUVIOMETRIA

Ano	Precipitação Pluviométrica
1974	1.598,4 mm
1975	1.186,3 mm
1976	1.300,5 mm
1977	1.042,2 mm
1978	1.183,9 mm
1979	1.266,6 mm
1980	1.134,1 mm

6 — SOLO

Não obstante a infinidade de espécies de terrenos encontrados destacam-se, principalmente, duas espécies de solos em nossa região: o V3 e o PE25. São solos constituídos de argila de cor marron escura, calcífera, intercalada com lentes de pequena espessura de argila cinza esverdeada.

O solo tipo V3 é encontrado nas margens do Riacho Jenipapeiro, nas regiões do Poço e do Riacho dos Porcos.

O tipo de solo PE25 é característico do restante do município, constituindo-se um solo mais rico para o cultivo.

Em ambos os solos há o cultivo de algodão, milho, feijão e arroz. (31)

7 — VEGETAÇÃO PRIMITIVA E HIDROGRAFIA

Nossa vegetação inicial era a Caatinga Hipoxerófila. Quanto à hidrografia, todos os rios são de pequeno curso e periódicos. Existem o riacho dos Porcos, cuja nascente situa-se no cidade de Jardim, o riacho de Porteiras, o Coruja, o do Poço e o do Bálsamo.

8 — RELEVO E RIQUEZAS NATURAIS

A topografia do município é pouco acidentada. As serras existentes são contrafortes da serra do Araripe. A de maior saliência é a de São Felipe, existindo, entretanto, outros contrafortes de realce como, por exemplo, o da Canabrava, Poço e Bonome.

Como riquezas naturais temos jazidas inexploradas de gesso, madeira, e barro em suficiência, sendo que, neste caso, existem várias fábricas explorando o barro no fabrico de tijolos e telhas.

9 — ESTRADAS

O sistema rodoviário municipal é bem vasto, sendo aprovado pela Lei n.º 74, em consonância com a Lei Federal n.º 5.197. Relacionamos, abaixo, todas as estradas municipais existentes, por onde escoam as riquezas e divisas para nosso município:

0 — Rodovias Radiais

BS-010 - Brejo Santo - Baixio do Boi ..... 06 km
BS-020 - Brejo Santo - Pau Ferrado ..... 10 km
BS-030 - Brejo Santo - Passagem de Pedras ..... 25 km

01 — Rodovias Longitudinais

BS-110 - Brejo Santo - Cana Bravinha ..... 37 km
BS-120 - Xique-Xique - Cachoeirinha ..... 19 km
BS-130 - BR. 116 - Deserto ..... 12 km
BS-140 - Muquém - Minadouro ..... 08 km
BS-160 - Brejo Santo - Malhada Funda ..... 24 km
BS-170 - BS-116 - Oitizeiro ..... 09 km

Observação: Na Lei não consta a estrada longitudinal de número 150.

02 — **Rodovias Transversais**

BS-210 - Timbaúba - Ponta da Serra	08 km
BS-220 - Linha Paulo Afonso - Cachoeirinha	09 km
BS-260 - Timbaúba - Sozinho	07 km
BS-270 - Cachoeirinha - Cristóvão	08 km
BS-280 - Riacho Verde - Várzea do Poço	10 km

Observação: A Lei n.º 74 omitiu sobre as Rodovias Transversais de nºs. 230, 240 e 250.

03 — **Rodovias Diagonais**

BS-310 - BR-116 - Tamanduá	04 km
BS-320 - BR-116 - Jirau	03 km
BS-330 - Algodões - Barriguda	07 km
BS-331 - Ladeira Vermelha - Malhada Bonita	07 km
BS-351 - Piçarra - Umbuzeiro	15 km
BS-360 - Cabaceiras - Germana	06 km
BS-370 - BR-116 - Batoque	07 km
BS-380 - Minadouro - Baixa da Umburana	06 km

04 — **Ligações**

BS-440 - BS-310 - BS-030	10 km
BS-420 - BS-210 - BS-030	04 km
BS-430 - BS-210 - BS-120	08 km
BS-440 - BS-020 - BS-260	06 km
BS-450 - BS-210 - BS-180	15 km
BS-460 - BS-260 - BS-331	04 km

NOTAS

01 — Padre Tibúrcio Alves Grangeiro, "História de Brejo Santo", Jornal A Ação, página 8, de 06.07.1968.

02 — Ibidem

03 — Joaquim de Castro Feitosa, "Cemitérios Indígenas no Ceará", em Tribuna do Ceará, 28.09.1977.

04 — Raimundo Girão, prefaciando Sesmarias Cearenses, Fortaleza, 1971.

05 — Departamento de Imprensa Oficial, Sesmarias Cearenses, (Cariri — Cabeceira do Salgado), Fortaleza, 1971.

06 — Informações colhidas pelo autor junto aos senhores Luiz Bastos, Dr. Haroldo Lucena e Dr. Djalma Inácio Lucena.

07 — Otacílio Anselmo e Silva, "Esboço Histórico do Município de Brejo Santo", em Revista Itaytera, página 190 — Crato-Ce.

08 — Idem, ibid.

09 — Idem, a.c., página 193.

10 — Pe. Antônio Gomes de Araújo, "Povoamento do Cariri" — Crato-Ce., página 114.

11 — Idem. o.c., página 114.

12 — Idem, "Um Civilizador do Cariri", Crato, 1955, página 9.

13 — Idem, "Povoamento do Cariri".

14 — Otacílio Anselmo e Silva, "Esboço Histórico de Brejo Santo", em Itaytera — Crato-Ce., página 193.

15 — Idem, ibid.

16 — Pe. Antônio Gomes de Araújo, "Os Arnaud no Cariri", em "Um Civilizador do Cariri e Outros Estudos", Crato-Ce., 1980, página 52.

17 — Idem, ibid.

18 — Idem, o. c., página 51.

19 — Idem, o.c., página 52.

20 — Otacílio Anselmo e Silva, o.c., página 194.

21 — Idem, ibid.

22 — Idem, ibid, página 196.

23 — Idem, ibid, página 196.

24 — Pe. Antônio Gomes de Araújo, "Os Arnaud no Cariri" em "Um Civilizador no Cariri e Outros Estudos", Crato, 1980, página 52.

25 — Otacílio Anselmo e Silva, "Esboço Histórico de Brejo Santo", Rev. Itaytera, página 196.

26 — Pe. Belarmino José de Sousa, "Visita Pastoral", página 51 — Fortaleza-Ce. — Apud Pe. Antônio Gomes de Araújo, em "Um Civilizador do Cariri", Crato, 1955, página 11.

27 — Pe. Antônio Gomes de Araújo, "Um Civilizador no Cariri", página 12. Crato, 1955.

28 — Livro de Lançamento das Actas das Sessões do Conselho de Intendência da Villa de Brejo dos Santos", fls. 1, 2 — Apud Pe. Antônio Gomes de Araújo, o.c., página 12.

29 — Idem, ibid, página 23.

30 — Pe. Antônio Gomes de Araújo, o.c., página 13.

31 — Ministério da Agricultura, Divisão de Pesquisas Pedológicas — DNPE, em "Boletim Técnico n.º 28".

32 — Padre Tibúrcio Alves Grangeiro, "História de Brejo Santo", Jornal A Ação, Crato-Ce., 25.05.1968.

BIBLIOGRAFIA

1 — ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes de, "A Cidade de Frei Carlos", Faculdade de Filosofia do Crato — Coleção Estudos e Pesquisas, Volume V, 1971.

2 — ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes de, "Um Civilizador no Cariri e Outros Estudos", Faculdade de Filosofia do Crato, Vol. VII, 1980.

3 — ARAÚJO, Pe. Antônio Gomes de, "Povoamento do Cariri", Coleção Estudos e Pesquisas — Faculdade de Filosofia do Crato, 1973.

4 — Departamento de Imprensa Oficial, "Sesmarias Cearenses", Distribuidora Geográfica, Fortaleza-Ce., 1971.

5 — Jornal Tribuna do Ceará, 28.09.1977 — Fortaleza.

6 — Jornal A Notícia, 31.01.77, página 06 — B. Santo.

7 — GRANGEIRO, Pe. Tibúrcio Alves, Jornal A Ação, Crato-Ce., 1968.

8 — Leis Municipais nºs. 02, 36, 46, 50 e 74.

9 — MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, "Boletim Técnico n.º 28" — Divisão de Pesquisas Pedológicas — DNPEA — Série Pedológica n.º 16 — Divisão de Agrologia — DRN — Sudene.

ESBOÇO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BREJO SANTO

Otacílio Anselmo e Silva

A exemplo do que ocorre à maioria das localidades sertanejas, a crônica do Município de Brejo Santo é obscura e omissa, sobretudo no que tange ao período anterior à segunda metade do século passado, ou mais precisamente, antes do ano de 1858.

Dois fatores vêm contribuindo para o esquecimento do seu passado histórico: a relativa escassez documental e uma tradição confusa e viciosa.

Todavia, são causas mesológicas, pois vivemos num país cujos estudiosos não são unânimes em afirmar se o mesmo foi descoberto por acaso ou de propósito...

Trata-se, em última análise, de males remotos herdados dos primeiros povoadores, cujo nível de instrução e alfabetização era pouco elevado. Ademais, faltou àqueles o sentido positivamente colonizador da terra descoberta, conforme acentua Vianna Moog.

x x x

É indiscutível que os primitivos habitantes de Brejo Santo pertenciam à numerosa tribo Cariri, que "foi encontrada ocupando uma área não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema". (1)

(1) Th. Pompeu Sobrinho, "História do Ceará".

Também é certo que outras hordas ocupavam pontos daquela área, pois "viviam naquele âmbito, interposto com os Cariris, tribos gê, tupi, fulniô, tararíriú, caraíba e outras de origem ainda não determinadas". (2)

A presença dos Cariris no riacho dos Porcos, admitida pelo mestre Th. Pompeu Sobrinho, está comprovada com os vestígios que as populações indígenas deixaram nas terras úmidas daquele rincão e o testemunho de Milliet de Saint-Adolphe, ao referir-se ao povoado de Macapá, atual Jati, onde esteve antes do arruamento de Brejo Santo:

"Macapá. Povoação de pouca importância da província do Ceará, no districto da villa de Bom-Jardim, e 5 lagoas d'ella. Está exposta às incursões dos índios bravos, os quaes, no anno de 1838, arruinarão-lhe os fazendeiros, e os de Carnaúba e de Pajehú". (3)

Ainda mais: sete anos depois da passagem daquele viajor, isto é, em 1845, o pernambucano José Francisco da Silva, bisavô paterno do historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo, por ocasião de sua primeira vinda ao então Brejo dos Santos, deparou-se com uma aldeia de índios na serra do Bom Nome, enquanto realizava uma caçada. Conforme esclarece o Pe. Gomes, seu bisavô escapou da agressividade dos selvagens pela intervenção de um índio manso com o qual já havia mantido relações de amizade.

x x x

Não se pode determinar a época exata do aparecimento do homem branco nas terras de Brejo Santo. Entretanto, provado como está que o riacho dos Porcos foi o caminho dos bandeirantes que descobriram o Cariri, movidos ou não pela cobiça da terra, o fato verificou-se depois de 1650. E se são verdadeiras as conclusões a que chegou João Brígido, que situa a chegada dos exploradores baianos ao Cariri entre 1660

(2) Id., ob. cit.
(3) Milliet de Saint-Adolphe, "Diccionário Geographico, Topographico e Histórico do Império do Brazil", T. II, pág. 6, 1845 — Paris.

e 1680, é evidente que o chamado homem civilizado pisou os massapês de Brejo Santo à mesma época, logicamente antes de atingir o âmago da região caririense.

Realmente, as primeiras terras do Cariri concedidas em datas de Sesmarias, conforme documentos oficiais, foram demarcadas na bacia do riacho dos Porcos, no decênio de 1680-1690. (4)

Eis uma lista dos sesmeiros que obtiveram terras em 1688 na referida região: Bento Correia de Lima, Simão Correia de Lima, Francisco Pereira, Maria Fialho, João de Barros Pereira, Da. Júlia Fialho, José Correia Lima, Maria da Conceição Pacheco e Sebastião Pacheco. (5)

Nenhum destes, porém, como se vê nos referidos documentos, ocupou sua terra no tempo determinado. Novos pedidos foram feitos em 1703, quando se efetivou a posse das datas cedidas. Assim ocorreu com os capitães Bento Correia Lima e João Dantas Aranha, cujas datas de Sesmarias lhes foram concedidas aos 21 de março de 1703. Bento e Aranha residiam em Goiana, Pernambuco. O escritor João Brígido, sem designar data, aponta Bento Correia Lima como primeiro povoador "no riacho dos Porcos". (6)

É estranhável que o historiador Irineu Pinheiro não tenha feito referências a esses fatos no seu livro "O Cariri", em cuja página 13, apoiado em Antônio Bezerra, atribui o descobrimento do Cariri em 1702.

Verifica-se, pelo exposto, que as terras de Brejo Santo ocupam o primeiro lugar na descoberta e parcial povoamento do Cariri.

Tudo indica, porém, que a área daquele atual Município foi apenas e por muito tempo, um trecho do itinerário dos povoadores desta região.

(4) "Datas de Sesmarias", Vol. 10 — Fortaleza - Ceará.
(5) Id.
(6) João Brígido, "Ceará — Homens e Fatos", pág. 74.

É curioso que as terras paradisíacas que caracterizam aquela próspera cidade não tenham despertado o interesse dos precursores da colonização caririense. Por mais estranho que pareça, suas numerosas fontes inexauríveis, ao contrário do que se observa no desenvolvimento doutras regiões, não determinaram, de início, a formação de um grupo populacional.

Na realidade, o antigo sítio Brejo ficou à margem do povoamento do Cariri, na simples condição de zona de currais e ponto de passagem obrigatória dos que se dirigiam à famosa região caririense, cujas vias de acesso (caminhos), partindo "da antiga fazenda Vila-Bela, hoje Serra Talhada, e da povoação de Cabrobó, localidades pernambucanas, convergiam e se fundiam nas alturas de Jati (outrora Macapá), passando, o primeiro, por Belmonte, hoje Maniçobal (7), e o segundo, por Salgueiro. Desse ponto de fusão, rumava-se para Jardim e terra dos atuais municípios de Porteiras, Brejo Santo, Milagres, Mauriti e Missão Velha. Eram as estradas Vila-Bela - Cariri e Cabrobó - Cariri". (8)

x x x

Outro ponto obscuro da crônica de Brejo Santo é o que se refere ao início do seu povoamento.

Três indagações devem ser formuladas a respeito:

Quem, Quando e Onde.

Em torno de quem teria sido o primeiro habitante de Brejo Santo subsiste uma tradição oral e escrita com mais de dois séculos, segundo a qual, foi D. Maria Barbosa a primeira proprietária de terras naquelas plagas.

Figura de lenda, Maria Barbosa é apontada como baiana, viúva, mãe de dois filhos varões, dona de fazendas em Porteiras e residente na Bahia. Dali nunca saíra, ao que se diz. Sua

(7) Há pouco, Maniçobal passou a denominar-se São José do Belmonte.
(8) Pe. Antônio Gomes de Araújo, "A Bahia nas Raízes do Cariri", em "Itay-

fazenda Brejo seria gerida por um dos filhos. A própria tradição é omissa nesta particularidade.

Embora não existam documentos que atestem a veracidade da tradição oral, o nome da discutida fazendeira ficou vinculado à terra. De fato, "Brejo da Barbosa" foi o nome que substituiu "Fazenda Brejo" (ou "Sítio Brejo") e precedeu o topônimo Brejo dos Santos, penúltima denominação do atual Município.

Não é vaga, portanto, a denominação Brejo da Barbosa, cujo nome está autenticado na sesmaria pela qual o alagoano ten.-cel. Antônio Mendes Lobato e Lira adquiriu terras naquela região, aos 28 de janeiro de 1714. (9)

Para corroborarem esta assertiva, aqui estão informações elucidativas colhidas pelo autor no arquivo do historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo:

1. Numa escritura de compra e venda, em que Nicodemos, Lins & Cia.", adquiriram uma serventia dágua do sítio Brejo, que fora outrora de Maria Rita e, por esta, herdada de seus pais Pedro Escobar e Rita Pereira Lima, filha de João Pereira Lima, lê-se "Brejo da Barbosa". O certificado de escritura dos posseiros Limas, foi requerido no Cartório de Jardim, em 1909. Tudo consta do inventário de João Pereira Lima, existente no referido cartório, sendo tabelião Lúcio de Sá Barreto.

2. A denominação "Brejo da Barbosa" está mencionada em onze escrituras de compra e venda a favor de José Jacinto de Araújo, atual proprietário do Sítio Nascença.

É admirável que o famoso panfletário João Brígido tenha se esquivado de comentar a tradição que afirma ter sido Maria Barbosa a pioneira do senhorio da fazenda "Brejo", pois no seu livro (ob. cit.), ao enumerar as terras que os Lobatos possuíam no Cariri, cita o "Brejo da Barbosa". (10)

(9) Pe. Antônio Gomes de Araújo, "Um Civilizador do Cariri", pág. 6.
(10) Aliás, há um equívoco na denominação do sítio, possivelmente do compositor tipográfico, pois "Brejo do Barbosa" é o que ali está escrito.

É provável que a velha crônica sobre a viúva baiana tenha sido deturpada pelas gerações passadas. Jamais, porém, foi inventada.

O que está definitivamente fora de dúvida é a existência de um posseiro anterior ao ten.-cel. Antônio Mendes Lobato e Lira nas terras adquiridas pelo mesmo, isto é, no "Brejo da Barbosa", cujo proprietário outro não seria senão a viúva Maria Barbosa de que fala a tradição.

Portanto, até que provas documentais digam o contrário, a primeira proprietária de terras no atual Município de Brejo Santo foi a viúva baiana Maria Barbosa.

De acordo com a tradição, Maria Barbosa nunca residiu na sua fazenda Brejo. Tendo dois filhos varões, é claro que pelo menos um deles tenha vindo ao Brejo quando da aquisição da propriedade, ou, porventura, ali tenha residido nos primeiros tempos.

Desse modo, não se pode apontar o primeiro indivíduo que habitou a região, que poderia ter sido um feitor da fazenda em apreço.

x x x

A tradição não menciona a época em que se acostou àquelas terras o seu primeiro habitante. Sendo absolutamente certo que o fato aconteceu antes de 1714, atribui-se que o evento se verificou no limiar do século XVIII.

Quanto à última indagação, é historicamente certo que o povoamento de Brejo Santo começou simultaneamente no atual sítio Nascença e na região do Poço, que é um novo distrito da Comuna.

O Poço, por motivo de ordem geográfica, não se desenvolveu. O estabelecimento da estrada dos boiadeiros, que partindo de Vila Bela para o Cariri passava no pátio da fazenda Nascença, distanciou-o da nova rota dos povoadores da região caririense.

Num documento muito antigo figura o nome de um dos primeiros barões feudais, cujos domínios se estendiam àquelas paragens.

Trata-se do testamento de Matias de Lima Taveira, lavrado no sítio "Tabocas", aos 17 dias do mês de agosto de 1750, pelo qual se vê que o testador possuía terras no "Poço" "Canna Braba" e "Canna Brabinha". (11)

Outro opulento possuidor de terras no Poço, depois de Taveira, foi o capitão **Bartolomeu Martins de Morais**, cidadão português, casado com Ana Maria Ferreira, tronco dos Martins de Morais. Suas fazendas de gado vacum e cavalar estavam situadas no Poço, Porteiras, Pilar e Riachão.

Logicamente, ao antigo Brejo da Barbosa estava reservado o papel de embrião social da atual cidade de Brejo Santo.

"Evidenciemos esta verdade histórica com o que publicou Joaquim Amaro:

"Ao sudoeste da actual villa do município de Brejo dos Santos, sita no extremo sudeste do Estado do Ceará, estende-se uma faixa de terreno pantanoso que forma uma ilha em meio daquele sertão adusto. Este oasis de entranhas prolíferas alimenta-se de fontes riquíssimas que nascem ao pé duma serra rochosa e pouco elevada.

Paralelos á ella, caminham os brejaes e as nascenças, numa extensão de quinhentos metros.

A última fonte, a contar do oriente para o occidente, é a maior pela abundancia extraordinaria dagua que fornece. A nascença é o seu nome, o qual ampliou-se mais tarde à fazenda e sítio existentes nas suas adjacencias.

Ali se estabeleceram os primeiros habitantes que deviam povoar aquela nesga do territorio cearense.

Como testemunha secular deste facto historico, lá se vê exprimida entre dois casarões construodos depois, uma gran-

(11) "Testamento do capitão Matias de Lima Taveira, 1750", Cartório de Noêmi Jácome de Carvalho, Missão Velha-Ceará.

de casa de taipa, de solidez admirável. Foi a primeira casa que se levantou no município de Brejo dos Santos e que abrigou os seus primeiros povoadores". (12)

x x x

Com o falecimento de Maria Barbosa, a fazenda Brejo foi dividida em duas porções das quais se constituíram herdeiros os dois filhos varões da extinta.

Um deles, Francisco Pereira Lima, herdou a data do Brejo, a começar da Cacimbinha para Leste em linha N.—S. extremando-se a Oeste com a data da Nascença, que tocou ao irmão, cujo nome está olvidado.

O irmão de Francisco não se estabeleceu no chão herdado, para o qual constituiu feitor na pessoa de Gonçalo de Oliveira Rocha, que acabou comprando a fazenda administrada.

Francisco, porém, ocupou seus domínios. Sua presença ali, em 1763, está assinalada pela crônica eclesiástica, pela qual se vê que nascera em Pambú, depois Bom Conselho, no NE. baiano.

Radicando-se definitivamente na fazenda Brejo, Francisco Pereira Lima contraiu núpcias com a caririense Teodora Maria da Conceição. Do consórcio nasceram vários filhos, aos quais foi legada a fazenda, inteiriça.

Teodora, que sobreviveu ao marido, constituiu procuradores no Cartório desta cidade do Crato, em 4 de julho de 1785. O instrumento de procuração diz que ela residia "na sua Fazenda Brejo deste Termo".

Quanto ao proprietário da fazenda "Nascença", tenente Gonçalo de Oliveira Rocha, o seu nome aparece na mesma crônica eclesiástica no ano de 1748, precisamente no dia 20 de maio. Era alagoano, casado em segundas núpcias com Joana Martins de Morais e faleceu no dia 20 de agosto de 1799, com 96 anos de idade.

(12) Joaquim Amaro, "História do Banditismo da família Santos Chicote", pág. 75, 1928 — Recife.

Desaparecido o tenente Gonçalo, seu filho e homônimo capitão Gonçalo de Oliveira Rocha (que a tradição corrompeu para Lopes) herdou a fazenda "Nascença".

Aos 10 de novembro de 1806, de acordo com a referida crônica eclesiástica, o capitão Gonçalo de Oliveira Rocha contraía matrimônio com Joana Maria das Virgens ou Joana Pereira Filgueira, filha legítima de Inácio dos Santos de Oliveira Brito e de Francisca Teodora da Conceição ou Francisca Pereira Filgueira, irmã do capitão-mór José Pereira Filgueira.

Do capitão Gonçalo nasceram nove filhos: Pedro, Francisco, Davi, João, Manuel, Cosmo, Antônio, Joaquim e Ana Inácio de Oliveira Santos. (13)

Evidentemente, esta foi a fase embrionária da futura comunidade, durante a qual, com o advento dos Santos, surgiu o topônimo Brejo dos Santos. (14)

(13) Os dados genealógicos contidos no presente trabalho, foram colhidos, na sua maioria absoluta, no arquivo do abalizado historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo.

(14) A denominação atual do Município — Brejo Santo — é inadequada, sem originalidade e atentatória à tradição secular da terra. Brejo Santo é uma designação inexpressiva, incorreta e sem fundamento, pois ali jamais houve santo, nem mesmo milagres à moda Maria de Araújo, fiel executora dos processos químicos do professor José Marrocos, tão brilhantemente analisados pelo Rev. Pe. Antônio Gomes de Araújo nesta edição de "Itaytera". Este sacerdote, em palestra com o autor, emitiu o seguinte juízo sobre o assunto: "Opino, pessoalmente, que a denominação "dos Santos" e "Santo" não se justificam. A primeira funda-se: a) no número — circunstância psicologicamente impressionante — dos irmãos Santos; b) na truculência dos mesmos, inédita na crônica do crime de Brejo, e só igualada à de seu descendente Chico Chicote. A atuação dos irmãos Oliveira Santos, tomados no conjunto, foi negativa no processo da evolução de Brejo Santo". Um belo conceito, não há dúvida. Entretanto, o autor está pelo restabelecimento do antigo nome BREJO DOS SANTOS, nome consagrado por cerca de cinco gerações e varrido da linguagem soberana do povo por um decreto-lei estadual, num regime de camisa-de-força, que foi o chamado Estado Novo. Julga o autor que, sendo o topônimo uma síntese da origem histórica, nada mais justo do que a preservação da originalidade da velha denominação "Brejo dos Santos". De resto, a tradição criou e ainda conserva nomes como "Emboscadas", "Ingá do Bacamarte", "Riacho do Sangue", "Guerrilhas" e outros.

A tradição é pouco elucidativa sobre os fatos daquela época, com exceção da crônica criminal dos Santos, da qual se ocuparam João Brígido e Joaquim Amaro.

A fazenda Nascença pertenceu aos Santos até 1850, data em que foi adquirida pelo coronel Simplício Pereira da Silva. A presença do célebre caudilho do Pajeú em Brejo dos Santos, é palpável até o ano de 1858, quando levou à pia batismal sua filha Maria. (15)

Depois de Simplício, a "Nascença" passou, sucessivamente, às mãos de João Alves Biró, Manuel Inácio Medeiros, Antônio Leite Rabelo da Cunha, Raimundo Tavares de Souza, Basílio Gomes da Silva e José Jacinto de Araújo, seu atual proprietário.

De Manuel de Oliveira Santos, "um dos sobreviventes do ataque da NASCENÇA", (16) nasceu Donina Maria de Jesus (Rita).

Donina consorciou-se com o capitão Francisco Pereira de Lucena, natural de Sousa, Paraíba. Este casal foi o tronco da numerosa família Inácio de Lucena, mais conhecida por Chicote, que era o apelido daquele varão. São filhos do referido casal: José, Joaquim, Manuel, João, Pedro e Francisco Inácio de Lucena, cujos nomes estão ligados aos episódios que agitaram a política de Brejo Santo durante vinte anos, a contar de 1909.

x x x

O longo período da crônica de Brejo Santo, que se estende do ano de 1714 à sexta década do século passado, caracterizou-se pela inoperância dos grandes proprietários daquelas terras férteis, no sentido espiritual, orgânico e construtivo.

(15) "Maria — filha legítima de Simplício Pereira da Silva e sua mulher cândida Firmina dos Santos. Nasceu a 2-12-1858. Batizada no sítio Brejo pelo Pe. Joaquim de Sá Barreto, vigário de Jardim". (Livro de Registro de Batizado da Freguesia de Jardim, 1858 - 1861).

(16) Joaquim Amaro, op. cit.

Realmente, dentro daquela área cujos limites são o arco do valente riacho dos Porcos (17) e a corda interrompida da serra do Araripe, a civilização claudicou por espaço de 146 anos, não ultrapassando o ciclo curraleiro. Era o apego à vida rural, que ainda sobrevive em certos ramos dos antigos fazendeiros, entravando a formação urbana.

Ali vivia "uma população rarefeita, constituída de assalariados, meeiros e rendeiros, gente humilde, mas heróica." (18)

Jardim, cuja autonomia administrativa foi inaugurada em 3 de janeiro de 1816, (19) era a sede do poder civil e religioso. Por outro lado, o rincão estava subordinado à comarca de Crato.

Não há memória de fatos notáveis durante aquela recuada época. O acontecimento mais importante que a tradição preservou é o que se refere a uma redemarcação dos sítios "Brejo", "Muquém" e "Bom Nome", iniciada no dia 11 de ou-

(17) Não obstante ser o "riacho dos Porcos" o maior curso dágua do Vale do Cariri, seu nome foi absorvido pelo "Salgado", inegavelmente um rio de menor significação, quer em extensão, quer em volume dágua. O fenômeno porém não é caso raro na toponímia dos rios brasileiros. Idêntica impropriedade ocorreu com o rio "Araguaia", o qual, medindo 2.074 quilômetros de curso, perdeu seu nome ao ser alcançado pelo "Tocantins", cuja extensão linear é de 1.952 quilômetros. O "riacho dos Porcos", cujas cabeceiras são as fontes de Croatá e Boca da Mata, no Município de Jardim, percorre 125 quilômetros até a confluência com o rio "Salgado", à montante de Ingazeiras, distrito de Aurora. Ao passo que seu afluente, o "Salgado", tem apenas 58 quilômetros de curso. Levando-se, pois, em consideração essa superioridade de 67 mil metros, nada mais justo do que se chamar "riacho dos Porcos" o rio à jusante da junção dos dois cursos dágua. NOTA: As medidas relativas aos dois rios, à falta de um curvímetro, foram feitas empiricamente. Conquanto não exprimam exatidão, a diferença entre os referidos rios é rigorosamente superior ao desenvolvimento do de menor extensão.

(18) Pe. Antônio Gomes de Araújo; op. cit., pág. 7.

(19) "Sinopse Estatística do Município de Jardim", I.B.G.E., Rio-1948.

tubro de 1853, no sítio "Salvaterra", e terminada em novembro do mesmo ano,na fazenda "Cacimbas", onde residia o autor que a requereu, coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha. As audiências do rumoroso fato foram presididas por João Emídio Capibaribe, juiz municipal do Crato, funcionando como escrivão Joaquim de Oliveira Lima, notário da mesma cidade. Entre os réus figurava o condômino Simplício Pereira da Silva, o qual, segundo a tradição oral, desafiara o autor no decorrer das audiências.

O coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha, que faleceu aos 120 anos e está sepultado na capela de Nazaré, além de Milagres, era filho legítimo do já citado tenente Gonçalo de Oliveira Rocha e Joana Martins de Morais, filha do fundador da família Martins de Morais na ribeira do riacho dos Porcos, capitão Bartolomeu Martins de Morais, da cidade do Porto, casado com Ana Maria Ferreira, da cidade do Salvador. (20)

x x x

Até o ano de 1858, "na área da atual cidade de Brejo Santo, recortavam-se os perfis de duas casas apenas, o prédiologradouro dum curral de gado bovino, de propriedade do coronel Antonino Cardoso dos Santos, e a vivenda de Antônio José de Souza e sua esposa, Senhorinha Pereira Lima, bisneta do aludido patriarca do sítio "Brejo", Francisco Pereira Lima". (21)

Foi exatamente naquele ano que se iniciou a formação urbana do antigo domínio da discutida viúva Maria Barbosa, com a chegada do varão José Francisco da Silva, procedente de Águas Belas, Estado de Pernambuco, que veio acompanhado de mulher e filhos. Entre estes havia Basílio Gomes da Silva, que mais tarde se tornaria o chefe de maior prestígio da futura comunidade, como se verá no curso do presente trabalho.

(20) Informações colhidas no arquivo do historiador Pe. Antônio Gomes.
(21) Pe. Antônio Gomes de Araújo, id., id.

Logo depois, sobretudo por motivo de grave inimizade com o coronel Clementino Cavalcanti, chefe político de Águas Belas, vieram juntar-se a José Francisco da Silva numerosos parentes seus, acompanhados das respectivas famílias.

Assim é que, em datas sucessivas, aportaram em Brejo Santo Inácio Gonçalves Bezerra, "Inacinho", com seus filhos adultos João Gomes da Silva, Manuel Inácio Bezerra, Joaquim Inácio da Silva Torres, Carlota Maria Gomes, Félix Inácio Bezerra e Antônio Inácio Bezerra; Cândida Gomes da Silva, c. c. João de Barros Cavalcanti; Maria Francisca Gomes da Silva, c. c. o alferes José Pereira Nunes, bisavós paternos do autor; Luzia Inácio Bezerra, c. em primeiras núpcias com Antônio Nunes Barreto; Ponciana Maria Bezerra, que foi casada e deixou prole; Anselmo Teles de Carvalho, em companhia dos pais e dos irmãos Estêvão Pedro, Maria e Catarina.

Dos filhos de José Francisco da Silva, pioneiro desse movimento migratório, apenas dois não se fixaram em Brejo Santo: Inácio Gomes da Silva e Victor José Modesto. O primeiro voltou para Águas Belas; e o segundo retirou-se para o sítio São Gonçalo, onde lançou uma das raízes sociais do atual Município de Araripina, na justa expressão do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Quanto aos outros, que eram Antônio Gomes da Silva Bastos, Lourenço Gomes da Silva, Luzia Gomes da Silva e Basílio Gomes da Silva, estabeleceram-se definitivamente na pátria adotiva.

Com o advento dos emigrantes aguabelenses, gente forte e laboriosa, estava esboçado o povoamento da futura comunidade, e nada mais evitaria o seu desenvolvimento.

Anos depois, outras famílias chegavam ao nascente povoado. Os Sá Batinga, oriundos de Cabrobó, Estado de Per-

nambuco, os Pereiras de Lucena e os Alves de Moura, vindos de Nazaré, no município paraibano de Sousa, os segundos em 1867, e os últimos em 1877.

Em breve, o grupo familial de Águas Belas formou numeroso bloco parental, o qual, com o passar dos tempos, foi acrescido pela inclusão de novas famílias através de uniões matrimoniais. Desse modo, aquele grupo pioneiro estendeu seus ramos aos Lucena, Alves de Moura, Araújo Lima, (22) Leite Rabelo etc., resultando a formação de um dos maiores clãs parentais, de consangüíneos e afins, do Cariri.

É fato incontestável que o aparecimento da gente de Águas Belas pôs fim definitivo à vida pachorrenta e sedentária dos antigos habitantes da região.

Foi, positivamente, o alento civilizador por ela trazido que modificou o cenário, dividindo os latifúndios em propriedades produtivas, incrementando a agricultura e a pecuária, estabelecendo o pequeno comércio e, sobretudo, construindo o seu centro populacional, o qual, mal desabrochara, sofreu o impacto do "cholera morbus", no meado de abril de 1862. Os vestígios daquela desgraça pública ainda permanecem no espírito das gerações atuais e num pequeno espaço de terreno abandonado, situado ao fundo do atual cemitério.

Malgrado os efeitos da calamidade, o povoado cresceu. A prova evidente de sua evolução ia patentear-se dois anos depois, quando os pioneiros resolveram dotá-lo de um templo, cujo terreno foi oferecido por Francisco Alves de Moura. (23)

(22) Do casal José Florentino de Araújo Lima - Antônia Gomes de Araújo, respectivamente, filhos de Amaro Florentino de Araújo e João Gomes da Silva, nasceram Francisco de Araújo Lima, Maria Gomes de Araújo, Amaro Florentino de Araújo Lima, Leopoldina de Araújo Lima, Joaquim Florentino de Araújo, José de Araújo Lima, Ana de Araújo Lima e Antônio de Araújo Lima.

(23) São bisnetos de Francisco Alves de Moura: Dr. Fernando Leite, José Leite de Moura (Leitinho), já falecido, Dr. Emílio Moura Leite, Mário Leite de Moura e Hamilton Leite de Moura.

Traçou-lhe os limites e lançou-lhe a pedra fundamental o conspícuo Padre José Antônio Maria Ibiapina. Reza a tradição que no decorrer daquele ato, dirigindo-se ao medidor da área escolhida, dissera em tom profético o grande missionário e civilizador do Nordeste: "Estenda a linha que será matriz". (24)

Com efeito, a linha foi estendida e a capela se tornou matriz. (25)

x x x

Já em 1874 (26), o recém-criado povoado começa a figurar na política municipal de Jardim, sendo escolhido para representá-lo junto aos chefes do Partido Conservador daquela cidade, o agua-belense Basílio Gomes da Silva. É o início da vida pública desse honrado cidadão, cujo prestígio coadjuvado pelo desenvolvimento da povoação, impôs a criação do distrito. De fato, o distrito foi criado pela Lei Provincial n.º 1.708, de 25 de julho de 1876 (27), com a qual também foi criada a freguesia. (28)

(24) Embora não exista referência documental à visita do virtuoso sacerdote à terra brejo-santense, aquele acontecimento se verificou nos primeiros dias de dezembro de 1864, por ocasião de sua ida ao lugarejo de Porteiras, onde erigiu um cemitério e impulsionou as obras da Capela de N. Senhora da Conceição. Conseqüentemente, dezembro de 1864 foi a data de início da construção da atual Matriz de Brejo Santo.

(25) Em 1909, a nave lateral esquerda do templo foi construída. As despesas foram efetuadas pelo coronel José Florentino de Araújo Lima, avô materno do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

(26) Houve um equívoco do autor de "Um Civilizador do Cariri" (op. cit.), que atribuiu o ano de 1864 (pág. 9), como data da iniciação política de Basílio Gomes da Silva.

(27) "Sinopse Estatística do Município de Brejo Santo", I.B.G.E., Rio-1948.

(28) O Sagrado Coração de Jesus continuou sendo o padroeiro da nova Matriz, cuja atual jurisdição abrange Saco da Pedra Branca, Simão, Cachoeirinha, Esperança, São Sebastião e Porteiras.

A florescência, porém, da jovem povoação iria ser perturbada a começar do ano imediato à criação do distrito, pela seca de 1877 e por bandos de cangaceiros vindos, sobretudo, da Paraíba e do Município de Milagres.

Naquele ano calamitoso, exatamente a 2 de setembro, tomou posse da Freguesia o seu primeiro vigário, o Pe. Francisco Lopes Abath, ilustre filho do Crato e um dos mais nobres representantes do clero cearense do passado, o qual, graças à sua formação de sacerdote integral, foi amado pelos coevos e venerado pelos pósteros.

O Vigário e a Freguesia eram pobres, como acentua o historiador Pe. Antônio Gomes. Contudo — e apesar dos efeitos da terrível seca e do banditismo — a obra dos pioneiros não sofreu solução de continuidade. Isto se verifica na crônica eclesiástica, porquanto, confrontando-se os anos de 1878 e 1888, constata-se uma diferença, para mais, de 46 casamentos e 410 batizados. (29)

Alguns aspectos daqueles tempos heróicos foram registrados pelo venerável Pe. Abath, no já semidestruído "Livro do Tombo da Freguezia de Brejo dos Santos". Eis alguns trechos das Memórias do querido guia espiritual, cujos restos mortais repousam sob o tecto acolhedor da Matriz que governou durante um quarto de século:

"No dia dois de Setembro de 1877, cheguei a esta Freguesia como vigário encomendado, e tomei posse pelas onze horas do mesmo dia, assistindo ao acto o Rvmo. Vigário de Missão-Velha Pe. Felix Aurelio Arnaud Formiga".

"As chuvas neste anno foram escassas, tanto no Cariry como nos sertões visinhos, o que fez afluir para esta e outras freguesias visinhas, onde poderiam encontrar recursos, uma multidão de emigrantes superiores aos recursos dos logares".

"Durante a secca e annos seguintes accrescem grandes terrores nos habitantes, que ameaçados em sua vida e propriedade deixaram suas residencias".

(29) "Liv. de Reg. de Batizados", Paróquia de Brejo dos Santos.

"Somente depois de perseguidos e presos os bandidos, voltaram para os logadores de suas residências."

"Nestas circunstâncias, ficaram os povoados desta fregesia bastante desabitados, reduzindo-se Porteiras a oito moradores."

Efetivamente, vários grupos de cangaceiros palmilhavam o chão de Brejo Santo, antes mesmo da chegada do Pe. Abath. O flagelo começou nos fins de 1874, com o bando de Inocêncio Pereira da Silva, vulgo Inocêncio Vermelho, foragido da vila de Misericórdia, Província da Paraíba, onde assassinara Andrelino de Araújo. (30) Gozando da proteção do Juiz Municipal do Jardim — dr. Antônio Augusto de Araújo Lima — Inocêncio chegou a exercer funções policiais contra criminosos desvalidos, em toda zona banhada pelo riacho dos Porcos.

Logo depois, evadido da cadeia do Crato, juntou-se ao grupo de Inocêncio Vermelho, o criminoso João Calangro, natural de Milagres, onde era conhecido por João Senhorinha. Seu verdadeiro nome porém era João de Sousa Calangro. (31)

Em junho de 1876, Inocêncio foi morto no Poço, por Sebastião Pelado, o qual executava ordens de Antônio Tomaz de Araújo Aquino, irmão de Andrelino de Araújo. Morto Inocêncio, João Calangro assumiu a chefia do grupo, ao qual se incorporou Antônio Vermelho, irmão de Inocêncio, a fim de liquidar Sebastião Pelado.

Entrementes, Pelado formou outro grupo.

(30) Abelardo F. Montenegro, "História do Cangaceirismo no Ceará", Fortaleza — 1955.

(31) João Calangro era de estatura baixa, sardento e de cabelos cor de fogo, e não deve ser confundido com o negro João Calangro, perverso cangaceiro de Antônio Quelé, abatido no dia 27 de novembro de 1910 por companheiros seus, nas proximidades de Jatí, entre a ladeira do Pacífico e a Fazenda Oitis, de cuja morte se ocupou "O Rebate" (Juazeiro), de 4-12-1910.

A luta entre esses bandos rivais, cuja zona de operações se estendia ao território paraibano, atingiu seu clímax quando Dinamarico e José Pombo Roxo foram abatidos, respectivamente, por João Calangro e Gato Brabo, e Manuel de Barros, do séquito de Calangro, foi morto por Pelado.

Naqueles velhos tempos, Brejo era o lugar mais preferido pelos bandoleiros que infestavam o Cariri, por motivo de suas condições naturais. No meado de 1876, procedente da vila de Várzea Alegre, ali se acostou o fascínora Luís de Gois, acompanhado de José de Ataíde Siqueira. Estes nomes foram mencionados na "Fala" do Presidente da Província, desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, em 2 de julho de 1877. (32)

Para agravar ainda mais a situação dos habitantes da região, forças irregulares do cap. José Mateus Pereira da Silva, morador na comarca de Vila Bela, da Província de Pernambuco, chegaram ao Brejo em perseguição ao grupo de Calangro, por motivo da morte do sicário José Roberto, num tiroteio em Porteiras entre a gente de Calangro e o bando de Pelado. Este, que se achava incumbido por Mateus de lhe entregar a orelha de João Calangro, foi abatido no embate seguinte entre os dois grupos.

Os ribeirinhos sofriam agora, além dos saques dos grupos rivais, as maiores violências da força pernambucana, a qual, a pretexto de perseguir Calangro, praticava uma série de delitos contra indefesos sertanejos. (33) Contra tais atrocidades insurgiu-se o tenente Alfredo da Costa Weyne, que se achava em Milagres com força insuficiente para dar cabo de Calangro

"O sul cearense vivia dias incertos. Além dos Calangros, operavam os Viriatos na Boa Esperança e os Barbosas no Salgadinho. À parte, mas sob os auspícios de João Calangro, havia surgido, em Milagres, o grupo dos Quirinos, chefiados por

(32) Abelardo F. Montenegro, "História do Cangaceirismo no Ceará".
(33) Id., ob. cit.

três irmãos, o mais velho dos quais se chamava Quirino. Agiam, também, sob a proteção de Calangro, Jesuíno Brilhante e Gato Brabo, os dois últimos também no comando de grupos". (34)

Tendo expulsado do Ceará as forças do cap. Mateus, Calangro recrudesceu sua ação deliqüente em todo o Cariri. Enquanto aquele era acusado pelos caririenses de haver dizimado seus rebanhos de gado, Calangro, "protegido pelas autoridades", segundo correspondências de Barbalha publicadas no jornal "Cearense", consolidava seu prestígio, o qual lhe permitiria reunir 100 homens a qualquer hora. (35) Daí o seu título de General Brigadeiro, atribuído por si mesmo.

Em breve, porém, contínuas desavenças puseram fim à aliança de João Calangro com os Quirinos. Um cronista da época, citado pelo escritor Abelardo F. Montenegro e que se escondia sob o pseudônimo de Azéglio, assim se referiu aos dois grupos hostis: "Os dois bandos transitavam pelas fraldas da Serra do Araripe. Emboscavam-se reciprocamente. Cada um dos beligerantes se esforçava por aumentar as suas hostes, o que não era difícil, pois até os soldados de linha dos destacamentos de Jardim, Missão Velha e Milagres desertavam e se reuniam aos bandidos."

Remontam àquela época os sucessivos tiroteios travados entre os dois bandos rivais nas feiras de Brejo e Porteiras, onde os cangaceiros se fartavam de cachaça e arruaçavam livremente.

Um tiro acidental, porém, havia de determinar o fim daquele estado de coisas. Num dos primeiros dias de feira do ano de 1878, Calangros e Quirinos se defrontaram no antigo "Comércio" de Brejo Santo, na rua Velha. No decorrer do tiroteio, o velho aguabelense Inácio Gonçalves Bezerra, o já citado Inacinho, foi morto por um tiro do grupo de João Ca-

(34) Id. ob. cit.
(35) Id., ob. cit.

langro, que, na realidade, não lhe foi dirigido. Pai extremoso, Inacinho procurava os filhos na área perigosa. Estes, em número de cinco, imediatamente após o crime, partiram em perseguição aos Calangros, abatendo um dos bandidos no lugar Canafístula, a três quilômetros do povoado. No dia seguinte, retomaram a trilha dos bandoleiros com o auxílio de um índio domesticado, exímio rastejador.

Calangro, como de costume, dispersara o grupo para embaraçar seus perseguidores. Contudo, não evitou que mais dois sicários do seu séquito fossem derribados de uma árvore, na serra de Cana Brava, quando devassavam uma colmeia. (36)

Após esses acontecimentos, que tiveram grande repercussão na própria Capital, o Presidente da Província — dr. José Júlio Albuquerque Barros — resolveu agir decisivamente contra aqueles grupos de malfeitores. À frente de 500 homens, o coronel José Canuto de Aguiar chegou em Brejo Santo no dia 2 de outubro 1878.

A tropa dividiu-se em vários pontos das comarcas de Barbalha e Jardim. Vanguardeado por grupos montados, o grosso da força expedicionária foi lançado no encalço dos guerrilheiros de Calangro, enquanto todas as aguadas eram guarnecidas. (37)

A campanha chefiada por Canuto de Aguiar foi coroada de pleno êxito. Grande número de bandidos caiu nas malhas da polícia, muitos tombaram na luta e outros fugiram.

(36) Logo depois do episódio de Cana Brava, João Gomes da Silva foi ao lugar Piçarra, informado que fora da presença de Calangro naquele sítio. Não o encontrou, porém. No dia seguinte, recebeu um recado do famoso bandido, aconselhando-o a ficar em casa e deixar a perseguição a cargo dos seus cabras. De sua tocaia, Calangro deixou João Gomes passar em paz, reservando a carga do seu trabuco para os indivíduos do seu nível.

(37) Reza a tradição que na cauda do grupo de Calangro marchava um cabra munido de ramagem, com o fim de apagar a pista dos companheiros. Os bandidos iludiam as sentinelas das aguadas com o bater de chocalhos nas horas mortas da noite.

Gato Brabo, natural de Milagres, depois de escapar de um cerco na serra do Braga, foi preso no termo de Sousa, Paraíba. Seu chefe, João Calangro, abandonou Brejo Santo subindo a serra do Araripe. Para desnortear seus perseguidores, amarrou as alpercatas aos pés com as pontas voltadas para os calcanhares. Calangro homiziou-se no sítio Silvério, na residência do Padre Manuel Antônio de Jesus, proprietário do mesmo e amigo do famoso bandoleiro.

O sacerdote, que faleceu aos 76 anos, em Juazeiro do Norte, no dia 27 de janeiro de 1911, ocultou o bandido, arrumou um pilão numa rede, mandou o sacristão tanger o sino da capela e anunciou a morte de João Calangro. "Enquanto se efetuava o enterro, o cangaceiro fugia para o Piauí, de onde não se tinha mais notícia dele." (38)

A tranqüilidade voltou ao seio da população ordeira de Brejo Santo. Entretanto, por volta de 1887, novos grupos de cangaceiros começaram a surgir nos antigos domínios de João Calangro.

"Nessa época, Viriatos e Brilhantes reviviam as lutas dos grupos de bandoleiros ocorridas durante a grande seca de 1877-1879." (39)

Os Brilhantes eram chefiados por MIGUEL Raposo de Souza PLÁCIDO, valente e perverso bandoleiro da Província da Paraíba. Residia no Poço, onde foi morto. Certo dia do ano de 1890, Miguel Plácido recebeu a visita de João Marreca e mais três cabras de Antônio Quelé, os quais, segundo afirmavam, dirigiam-se no Crato. Miguel matou um suíno de cuja carne os cangaceiros almoçaram fartamente e encheram os bornais. Horas depois das despedidas, Miguel Plácido saiu para dar água a um cavalo. Caiu varado de balas antes de atingir o roçado. Seu cadáver, que foi objeto da curiosidade popular, foi sepultado no cemitério de Brejo Santo.

(38) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.
(39) Id., id.

Além destes episódios, nada mais foi preservado pela tradição escrita e oral sobre o cangaceirismo em Brejo Santo durante o regime imperial.

x x x

Ao mesmo tempo que resistiam às duras provas de três calamidades (peste, seca e banditismo), os fundadores do antigo Distrito de Brejo dos Santos mantiveram o ritmo de trabalho criador que se transmitiria às gerações futuras.

Depois do quatriênio de fome — 1877-1880 — durante o qual o próprio Vigário foi auxiliado financeiramente por um bloco de cidadãos generosos, transmudou-se a paisagem da gleba. O povoado, que se desenvolveu em torno da antiga capela, começou a ser acrescido de novos edifícios. E naquelas terras de transição entre a serra e o sertão, novas fazendas de gado surgiram, os rebanhos se multiplicaram e a lavoura firmou-se no primeiro plano de atividades daquela gente laboriosa.

O Brejo Santo daqueles tempos está fielmente retratado pela pena brilhante do Pe. Belarmino José de Souza, que ali esteve em 1884 secretariando D. Joaquim José Vieira, cuja visita pastoral constituiu o maior acontecimento da época.

"Chegamos nesta Freguesia na manhã de 29 de julho. Ali encontramos uma população pobre, mas prendada dos melhores predicados, convicta e animada para as nobres conquistas do trabalho de que vive na confiança de seus perseverantes esforços. Não obstante batida pelo bando de sicários que no triênio da seca devastaram aquele e outros lugares, do que ainda encontramos vestígio, a população de Brejo é bastante valorosa e resignada na história que conta de seus infortúnios. A casa que nos deram, em falta de outra, para hospedagem, foi a que serviu de trincheira de um dos grupos facinorosos, que sustentaram um tiroteio com outro grupo, não menos insolente e cruel, que disputava a posse do lugar! (40) Foi realmente uma época de terror, a do triênio da seca, principalmente no sertão do Cariri, flagelado pelos grupos sangüinários, que nada respeitavam, nem honra, nem propriedade, nem a vida de ninguém.

. . . . . .

Ali vimos as portas da referida casa crivadas de balas, e com admiração, S. Excia. Rvma. teve que lamentar o fato, e condenar o estado bárbaro de nossos centros nas épocas de sua anormalidade. Pois bem: esta circunstância inspira-me a dizer que o lugar da desordem e do crime foi convertido em lugar de ordem e de paz; e que a terra profanada pelo pé do malvado cearense foi santificada pela presença do Apóstolo da Igreja! Do mesmo lugar donde partiram balas, partiram bênçãos! Ali estivemos dois dias, prestando S. Excia. Rvma. os serviços de sua consoladora visita. Crismando cerca de 500 pessoas, dirigiu do púlpito algumas palavras, chamando a atenção dos povos para o mau estado da Matriz. Sendo nova a Freguesia, e lutando com adversidades de todo gênero, o respectivo Vigário Francisco Lopes Abath fez muito em conservar-se no seu posto e manter as coisas contra a invasão dos bandidos. Durante nossa estada no Brejo foi grande a concorrência dos fiéis. Os confissionários sempre foram freqüentados pela maioria do povo durante os trabalhos da visita. Concluindo, dirigo um voto de louvor ao Sr. João Clímaco de Araújo Lima, pelos bons serviços que nos prestou, e bem assim a outros dignos amigos e fervorosos católicos da religiosa Paróquia." (41)

(40) A casa aludida é situada na rua Velha, que pertenceu, depois, a Antônio de Zuza Gabriel, vulgo Medalha. Os grupos referidos pelo cronista eram o de João Calangro e o dos Quirinos. Àquela época, exercia as funções de sacristão Antônio Simplício do Nascimento, natural de Goianinha, atual Jamacaru. Foi ele o primeiro sacristão de Brejo Santo.

(41) Pe. Belarmino José de Souza, "Visita Pastoral de D. Joaquim José Vieira ao Sul da Província", Fortaleza-1884.

Politicamente, os habitantes do Brejo formavam um só bloco sob a bandeira do Partido Conservador, vulgarmente chamado "Caranguejo", como acentua o historiador Raimundo Girão. Tinham como líder o honrado cidadão coronel Basílio Gomes da Silva.

Com a criação da Vila de Porteiras (Lei n.º 2.169, de 17 de agosto de 1889), Brejo passou a pertencer àquele Município. O próspero Distrito, porém, estava a um passo de sua emancipação política, cujo advento foi abreviado pelas novas condições criadas pela proclamação da República, levada a efeito a 15 de novembro de 1889.

Realmente, no dia 5 de novembro de 1890, às dez horas, foi instalada a Vila de Brejo dos Santos, por força do Decreto estadual n.º 49, de 26 de agosto do ano referido (42), de autoria do Governador do Estado, tenente-coronel Luiz Antônio Ferraz. (43)

A transição de regime não alterou a vida político-partidária do Brejo. Caída a Monarquia, a instauração da nova ordem, tal e qual a Abolição, foi acolhida como fato consumado, continuando à testa da uniforme massa eleitoral o já citado coronel Basílio Gomes, por cuja indicação foram nomeados os membros do Conselho de Intendentes: Lourenço Gomes da Silva, Benevenuto Bezerra da Paixão, José Florentino de Araújo Lima e José Moreira Tavares. (44)

A Chefia do executivo municipal coube a Lourenço Gomes da Silva, que fora aclamado Presidente do Conselho de Intendentes, cargo que corresponde hoje ao de Prefeito.

(42) "Sinopse Estatística do Município de Brejo Santo", I.B.G.E., Rio-1948.
(43) Comandante do 11º Batalhão de Infantaria acantonado em Fortaleza.
(44) Ata da Inauguração da Vila de Brejo dos Santos.

Afastado dos centros mais populosos e distando mais de cem léguas da Capital, o novo Município permaneceu contando apenas com o esforço de seus habitantes e a cooperação ativa do burro, do cão, do cavalo e do boi-de-carro. A civilização continuou a arrastar-se com a derrubada das matas, sob o fogo das brocas, ao som de chocalhos e o aboio dos vaqueiros. O machado e a foice, o facão e a enxada eram os instrumentos do progresso. Quanto à ação do poder governamental, era ali representada pelo fisco e o "rabo de galo".

As pontas de trilho da Estrada de Ferro Baturité estavam em Acarape. Nos anos anteriores a 1890, havia um correio particular para as comunicações com Fortaleza. O estafeta heróico era João Gabriel, que fazia o itinerário de ida e volta em 15 dias, passando por Icó. Sua caminhada até o fim da linha é qualquer coisa de notável.

De acordo com o recenseamento de 1890, a população do recém-criado Município era de 2.801 habitantes. A instrução — único meio de elevar um povo — já preocupava aquela gente. Era a época em que o ensino primário estava a cargo de velhos professores, cuja austeridade lhes dava grande prestígio e inspirava terror à criançada.

Foi por volta de 1887 que chegou ao Brejo o primeiro professor particular. Chamava-se Mino Israel Samuel Krebs. Sua vinda de Macapá (Jati), fora solicitada por Manuel Inácio Bezerra ao velho Anastácio, residente no pé da ladeira do Pacífico, naquele povoado. Ainda vivem alguns ex-alunos daquele mestre pioneiro, como Tiago Inácio Bezerra e Manuel Inácio de Lucena (Manuel Chicote).

Depois de Krebs, em ordem cronológica, exerceram o magistério particular em Brejo os seguintes professores: Pedro da Costa Nogueira, que veio de Milagres; José de Souza Camilo Filho, cuja escola funcionou numa das dependências da mansão do coronel Basílio Gomes da Silva, na rua da Tabo-

queira. Com o professor Camilo estudaram todos os filhos do coronel Brasílio. Aquela foi a primeira escola do meu pai. Valeriano Soares da Mota, um caboclo do pé da serra do Araripe. Sua escola foi estabelecida numa casa onde hoje se situa a usina da firma Nidocemos, Lins & Cia. Joaquim Ferraz dos Santos, natural de Porteiras.

A escola de Ferraz funcionou, seguidamente, numa pequena casa defronte ao beco da rua Velha, ainda existente, e noutra casinha do lado oposto da mesma rua, no extremo Leste. (45)

Em 1892, Brejo Santo foi aquinhoada com um professor público, na pessoa do mestre Genuíno Lima Roldão. Transferido de Porteiras, Genuíno estabeleceu sua escola numa casinha da rua Velha, onde, depois, foi construída a Cadeia. Com sua saída de Brejo, permaneceram vagas as três cadeiras criadas para o Município, até o decurso de 1897. (46)

No ano seguinte, porém, uma nova fase do ensino teve início na antiga vila de Brejo dos Santos, com a chegada de D. Balbina Lídia Viana Arrais, que ocupou a cadeira mista até sua aposentadoria, em 1919. (47)

Entretanto, a instrução continuava sendo um problema para a florescente comunidade, cuja população infantil exigia mais estabelecimentos de ensino.

(45) Mestre Ferraz faleceu no sítio Canafístula, perto de Baixio do Couro, atual Getúlio Vargas. Seu cadáver foi o primeiro a ser sepultado no cemitério de Jati.

(46) "Almanaque do Ceará", 1897, pág. 11.

(47) D. Balbina nasceu em Lavras da Mangabeira, no dia 5 de dezembro de 1862. Prestou concurso para o Magistério Público no antigo Liceu do Ceará, em 1884, sendo aprovada com distinção. Em janeiro do ano seguinte, foi nomeada para o cargo de professora da cadeira do sexo feminino de S. Pedro do Crato (Caririassu), no governo de Carlos Honório Benedito Otoni. Exerceu o professorado em Várzea Alegre, Lavras, Barbalha e Iguatu. Desta cidade voltou à V. Alegre, e dali foi removida para Brejo Santo, em 25 de junho de 1898, ao tempo do Presidente Antônio Pinto Nogueira Acióli. Sua escola foi instalada numa ampla casa do coronel Basílio Gomes da Silva, à rua da Taboqueira,

Novamente, coube ao povo solucionar seus problemas. Uma nova escola particular foi instalada, sob a direção do professor João Inocêncio, o qual foi aludido por seu ex-discípulo Pe. Antônio Gomes de Araújo, em fulgurante nota reminiscente para cujo teor abrimos espaço, certos de que, ao fazê-lo, tributamos uma justa homenagem aos velhos mestres do A B C, que tanto contribuiram para a formação social do querido rincão. (48)

"O professor que deu início ao desarne de minha inteligência chamou-se João Inocêncio da Silva. O fato ocorreu no ano de 1908.

Imigrante em Brejo Santo, esse professor viera de Flores do Pajeú. De naturalidade pernambucana, moreno claro, cabelos e olhos pretos, cabeça redonda, servida por uma testa larga, estatura regular e bem estruturada, olhos penetrantes e serenos a traduzirem um espírito reflexivo, sisudo sem afetação, orçando meio século de idade, casado — João Inocêncio incutia a seus alunos respeitosos temor, pois, sabia aliar a energia à tolerância. Enquanto presidia-nos aos estudos, fabricava sapatos, com o que implementava as despesas do trem de vida. Ensaiava-nos na arte da escrita, fazendo rascunhos que cubríamos à tinta feita de anilina. As aulas iniciavam-se às dez e terminavam às dezesseis horas com intervalos de recreios de quinze minutos. Decorávamos a taboada de Abílio César Borges psitacisticamente. Aos sábados pela tarde, havia sabatina da taboada, precedida de treino recordativo do que havíamos aprendido durante a semana. Tudo cantado em alta voz em conjunto num tedioso retoton, a que o meu colega e

transferindo-se, depois, para o centro da cidade. Era casada com Lídio Dias Pedroso, que faleceu em Brejo. Espírito cristão por excelência, caráter sem jaça e equilíbrio moral à toda prova, D. Balbina faleceu aos 89 anos, no dia 28 de fevereiro de 1951, depois de haver instruído nas letras duas gerações.

(48) Em 1883, duas escolas particulares funcionaram por algum tempo, as quais eram dirigidas, respectivamente, por Joaquim de Souza e Antônio Simplício do Nascimento.

primo Basílio Gomes Neto, decurião da classe por nomeação do professor, chamava "toeira da taboada". Às catorze horas, precisamente indicadas por um relógio de sol chanado no pátio da vivenda, começava a maratona identificadora do rendimento escolar semanal no domínio dos números. Formados em semicírculo à frente do professor de palmatória ao lado, esperávamos de braços cruzados, o início do seríssimo interrogatório. Vencer um quesito, deixado, sem resposta pelo inquerido imediato, por alguns ou por todos, era "passar o quinal", e correspondia a tantas palmatoadas aplicadas pelo vencedor quantos fossem os vencidos. E ai do vencedor que palmatoasse com brandura. Recebia do professor um bolo em ponto alto para aprender a descer a palmatória sobre o vencido sem dó nem piedade.

João Inocêncio era perneta da perna esquerda e usava muleta. Pagávamos a mensalidade de dois mil réis, mas o agradávamos com insistentes presentes à custa de nossos pais.

O patrimônio cultural de que disponho na hora presente teve seu impulso inicial na escola particular de primeiras letras daquele herói anônimo cuja figura vinculou-se-me ao espírito e me acompanhará indefinidamente.

Foram meus colegas nessa escola: José Basílio, o citado Basílio Gomes Neto, Gerson Gomes de Lucena e João Gomes de Lucena, entre outros."

Malgrado o seu isolamento dos centros mais adiantados e, sobretudo, à falta de assistência do Governo Estadual, a antiga vila de Brejo dos Santos manteve, ao passar dos anos, o seu lento mas ponderável processo evolutivo.

Consultando velhos documentos no arquivo do estudioso Hermógenes Martins, verificamos o nível do seu progresso em 1895. A população do Município ascendia a 4.800 habitantes. O número de casas na sede da vila era de 200 e nos campos de 850. Existiam 3 engenhos de madeira e 30 aviamentos de fazer farinha. Havia 11 casas de comércio a retalho e uma escola particular freqüentada por 20 alunos. O número de

eleitores era de 223 e o de juízes de fato 87. A Coletoria Estadual e a Câmara Municipal arrecadaram, respectivamente, 2:400$000 e 2:600$000. Além do padre encomendado, que governava a Matriz e 2 capelas filiais, havia um advogado provisionado. Naquele ano, foram celebrados 298 batizados e 42 casamentos e ocorreram 52 óbitos. (49)

Chefiava o executivo municipal o coronel Basílio Gomes da Silva, cargo que já vinha exercendo desde 1893 e no qual se manteve até 1909, inclusive. Chefe municipal do Partido Republicano Cearense ("Aciolino"), Basílio Gomes tudo fez pelo engrandecimento de sua pátria adotiva. Entre outras realizações, construiu a Cadeia Pública, o Quartel de Polícia e um edifício destinado ao funcionamento do executivo municipal, da Câmara de Vereadores e da Pretoria, situado na praça da Matriz, devidamente mobiliado, conforme atas de 28-7 e 20-XI de 1903, da mencionada Câmara, cuja primeira eleição remonta ao ano de 1892. Quatro anos depois, em 1907, quando o centro comercial já havia abandonado a rua Cel. Ferraz (rua Velha), o patrimônio municipal estava acrescido de seis edifícios.

x x x

O desenvolvimento de Brejo Santo acentuou-se em 1893. Naquele ano já estavam em franco funcionamento as seguintes repartições: Agência do Correio, Coletoria Estadual e Delegacia de Polícia, à frente das quais se achavam, respectivamente, João Gomes da Silva Basílio, Antônio Silião Bispo e Manuel Inácio dos Santos (Mané Tonhinho). José Moreira Tavares era o escrivão da Coletoria, e Joaquim Gomes da Silva (Peixe), o carcereiro. Manuel Gomes da Silva foi o primeiro comandante da Guarda Municipal. (50)

(49) "Almanaque do Ceará", 1897, págs. 28 e 29.

(50) O primeiro cidadão que exerceu função policial no Brejo foi o aguabelense Víctor José Modesto. No Natal de 1872, ao entrar na Capela, ouviu o seguinte conceito que lhe fez Joaquim Cardoso dos Santos: "Delegado forte para os fracos". No dia seguinte, Modesto cercou-lhe a casa e

A contar daquela data, a pequena vila já possuía as características das cidades rústicas do Nordeste, cujos fatos sociais mais importantes se resumiam às feiras semanais, missa aos domingos, casamentos e festas religiosas. (51)

A última década do século XIX terminou sem deixar memória de outros fatos além da vigência do primeiro código de posturas, promulgado no dia 11 de novembro de 1898.

x x x

A 13 de janeiro de 1903, um infausto acontecimento abalou a alma do povo de Brejo Santo: faleceu o Pe. Abath.

O pranteado vigário foi substituído pelo não menos virtuoso Pe. João Casimiro Viana, que assumiu suas funções no dia 29 de março do mesmo ano. (52)

Sacerdote culto, inteligente e progressista, Pe. Viana, do próprio púlpito, iniciou uma campanha esclarecedora sobre o cultivo do algodão, incentivando o plantio e fazendo até distribuição de sementes da malvácea aos seus paroquianos. In-

aprisionou uns criminosos ali homisiados. O ato não foi apoiado por Basílio Gomes, que censurou o irmão. Modesto, homem temperamental, retrucou-lhe: "Tome sua merda. Eu não trabalho com covardes". Foi após tal incidente que Victor José Modesto se estabeleceu em Araripina, como já se viu atrás.

(51) "O Rebate", de 19-12-1909, transcreveu a seguinte notícia social de Brejo, publicada em "A União", de Barbalha, de 12 do mencionado mês: "Em sua fazenda QUEIMADA DO MEIO, o major Manuel Inácio Bezerra festejou condignamente o casamento de duas filhas suas, deixando seus convivas penhorados pela gentileza com que foram tratados". Nota do autor: — As nubentes eram Luzia e Carmina, que se casaram, respectivamente, com Francisco Gomes da Silva Basílio e Cassiano Inácio Bezerra Sobrinho.

(52) Pe. Viana era irmão de D. Balbina. Nasceu em Lavras, a 7 de set. de 1876. Iniciou seus estudos em 1893, no Seminário Episcopal de Fortaleza. Em 1897, transferiu-se para o Seminário Arquiepiscopal da Bahia, onde terminou o seu curso. Nomeado censor daquele estabelecimento em 14-2-1898, Pe. Viana recebeu a primeira tonsura em 29-9, as ordens menores a 1-5-1901 e as ordens sacras de Presbítero no dia 29 de set. do mesmo ano. Logo depois celebrou sua primeira missa em Brejo

corporado o algodão à lavoura do Município, logo depois era instalada em Brejo u'a máquina de beneficiamento, cujo aquisitor foi o cidadão Manuel Inácio Bezerra, filho. (53)

Ajustando-se admiravelmente ao meio, Pe. Viana imprimiu um novo ritmo à marcha da civilização na sua nova paróquia. Fundou a Conferência de São Vicente de Paulo; empreendeu a reedificação da Matriz desde os alicerces; edificou, ajudado por Antônio Bernardino de Maria, a capela do Bom Jesús da Esperança; fundou uma escola noturna para a educação das crianças pobres: criou a Associação do S. Coração de Jesus; ampliou o cemitério e reedificou a capela do mesmo; fez-se professor de português, francês e latim de uma pleiade de jovens, entre os quais se incluiam os filhos do coronel Basílio Gomes, Joaquim (Quinzô), Francisco, Pedro e Antônio Gomes da Silva, iniciou a reedificação da capela de N. S. Santana, na Cachoeirinha, construída por Pedro de Oliveira Santos; fundou em Porteiras uma Conferência de S. Vicente de Paulo; fez ali um cemitério; formou um patrimônio para a padroeira de Porteiras, cuja capela ornamentou e supriu de utensílios necessários, e construiu sua própria residência a poucos passos da Matriz.

x x x

Em 1904, voltou a governar o Ceará o comendador Nogueira Acióli. A política de interesses pessoais — como ainda hoje — empolgava os espíritos. Estava generalizado no Cariri

Santo. Designado para coadjutor do vigário de Itapipoca, assumiu suas funções em 2-2-1902. Foi pároco de Trairi, a contar de 16-5-1902, durante 9 meses, onde o autor, em 1928, obteve referências elogiosas à sua passagem por aquela antiga vila. De lá viera para Brejo. Foi grande colaborador de "Cetama", de Barbalha.

(53) Aquela máquina pioneira, cujo locomóvel de 24 HP foi trazido do porto de Aracati por 24 juntas de boi, pôs fim ao sistema rudimentar das bolandeiras, das quais foram precursores Manuel Estêvão, Manuel Inácio de Lucena e Lourenço Gomes da Silva.

o regime de deposições pelas armas, inaugurado em 1901, em Missão Velha, com a deposição de Antônio Róseo Jamacaru, efetuada por Antônio Joaquim de Santana. O fato reproduziu-se em Crato (1904), Barbalha (1906), Lavras da Mangabeira (1907), Campos Sales (1908) e Araripe (1909). Revivia o cangaceirismo. Ainda em 1908, Santana do Cariri e Aurora foram palco de sangrentos acontecimentos. "Os coronéis e chefes políticos caririenses cercavam-se de cangaceiros importados de outras regiões contra os quais não se movimentavam as autoridades, já por impotência, já por parcialidade política." (54)

O Governador Nogueira Acióli, em todas as deposições, permanecia neutro, no dizer da oposição, esperando tranqüilamente o resultado, a fim de entregar o penacho ao vencedor. (55)

Enquanto isso acontecia na maioria dos municípios cearenses, Brejo Santo permanecia em completa paz, imune do caciquismo matuto como ficaria isento do fanatismo religioso instituído no Juazeiro, graças, sobretudo, à formação moral e espiritual do seu chefe, coronel Basílio Gomes, que era refratário à violência e ao embuste. (56)

Contudo, de um modo ou de outro, a política de Brejo Santo iria sofrer a influência do novo sistema instituído nos sertões. Foi exatamente no auge daquelas conturbações políticas (1909), que surgiu um novo líder com pretensões ao governo municipal — Manuel Inácio de Lucena — cujo prestígio se firmava dia a dia. Homem clarividente, Basílio Gomes não se opôs ao desejo do amigo. Cedeu-lhe a Intendência e passou a apoiá-lo. "Por força dessa elevação moral, Brejo Santo gozou dos benefícios da paz entre seus filhos, enquanto o

(54) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

(55) "Unitário", edição de 14-6-1910.

(56) Leia-se "Um Civilizador do Cariri", pág. 25, autor citado.

Patriarca influenciou decisivamente em seus destinos políticos e sociais." (57)

x x x

No dia 20 de abril de 1911, após haver prestado os mais relevantes serviços à comunidade, faleceu o Padre Viana, cuja vida ficou irrevogavelmente ligada à história de Brejo Santo. Como seu antecessor, foi sepultado na Matriz, sob o olhar compungido dos seus paroquianos. Sucedeu-lhe o erudito Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, que tomou posse da Paróquia a 9 de julho do referido ano. (58)

Em "O Rebate", edição de 4-6-1911, está inscrito o necrológio do Pe. Viana, traçado por "Um amigo":

"Há homens cuja vida é tão útil à sociedade pelos atos de benemerência que pratica que, quando tropeça na sepultura, deixa na terra um vácuo impreenchível. O Revmo. Padre Jcão Casimiro Viana, ex-vigário da vila de Brejo dos Santos, ultimamente falecido, foi um desses homens. Quer se o encarasse pela superioridade de seu talento e pela ilustração que possuia, quer se o encarasse pela sua perfeição moral, como cidadão e como sacerdote católico, era por todos admirados. E o que mais o destacava, realçando a grandeza do seu espírito, era a modéstia com que ele velava todos os seus feitos. De modo que, quem o não conhecera de perto, quem com ele não convivera, e quem não sentira todas as pulsações, pelo bem, de seu coração benfazejo, não pode calcular quem fôra aquele virtuoso padre. Por isso, amigo que dele fôra, resolvi muito superficialmente fazer pública a sua biografia, conforme os

(57) Pe. Antônio Gomes de Araújo, ob. cit., pág. 17.

(58) Relação dos vigários de Brejo Santo que se sucederam depois do Pe. Leopoldo: 5-1-1913 — Pe. Raimundo Monteiro Dias. 11-11-1915 — Pe. Manuel da Silva Porto. 13-1-1916 — Pe. João Albuíno Pequeno. 31-12-1922 — Pe. Manuel Raimundo Nonato Pita. 1-1-1930 — Pe. Pedro Inácio Ribeiro.

dados ao meu alcance, para que os atos de sua vida neste mundo de transição sirvam de exemplo edificante aos seus pósteros."

Nos anos de 1911 e 1912, Brejo Santo participou dos dois únicos acontecimentos políticos de importância na região: o pacto de harmonia política realizado em Juazeiro, no dia 4-10-1911, sob os auspícios do Pe. Cícero, e a reunião dos chefes políticos caririenses presidida por Moreira de Souza, levada a efeito em Barbalha, no fim do ano seguinte, a qual tinha por objetivo o apoio a Franco Rabelo, empossado no governo a 14 de julho. Aquelas assembléias, cujo fim era o combate ao banditismo dominante, compareceram os chefes de todos os municípios do Sul do Estado, com exceção de Lavras ao conclave de Barbalha.

x x x

Durante o biênio 1912-1914, governou o Município o cidadão João Inácio de Lucena. Seguiram-lhe os seguintes gestores: Joaquim Gomes da Silva Basílio — 1914-1916. Manuel Inácio Bezerra — 1916-1918. José Nicodemos da Silva — 1918-1919. João Inácio de Lucena — 1919-1927. Joaquim Inácio de Lucena — 1927-1929. Manuel Leite de Moura — 1929-1930. João Anselmo e Silva — 1930-1931. Luiz Gonzaga Júnior — 1931-1934. Franclin Tavares Pinheiro — 1934-1935. José Matias Sampaio — 1935-1945. José Jacinto de Araújo — 1945-1946. Joaquim Leite de Araújo — 1946. Vicente Alves de Santana — 1946-1947. Napoleão de Araújo Lima — 1947-1948. Dionísio Rocha de Lucena — 1948-1951. Antônio Alves Santana — 1951-1955. Dionísio Rocha de Lucena — 1955 (atual quatriênio).

Em 1913, foram celebrados 605 batizados e 129 casamentos, tendo havido 175 óbitos. No ano seguinte, quando a população era avaliada em 17.908 habitantes, houve 126 casamentos e 740 batizados. É curioso que dentro desse período

haja diminuído o número de filhos ilegítimos, pois, enquanto nasceram 28 em 1913, apenas 18 foram constatados em 1914. (59)

Relativamente ao movimento armado de Juazeiro, rebeldia de jagunços iniciada a 9 de dezembro de 1913 por Floro Bartolomeu, Brejo Santo teve a ventura de não ser molestada pela horda de salteadores e assassinos que dali promanaram, não obstante a desmoralização sofrida por um dos capitães de fanáticos nas ruas do Brejo, pouco antes da eclosão daquela desordem coletiva. (60).

Todavia, uma forte animosidade reinava entre o situacionismo de Brejo Santo e o de Porteiras, a qual recrudesceu no curso do primeiro semestre de 1915.

Antevendo as conseqüências daquela rixa, o coronel Basílio dirigiu o seguinte telegrama ao Pe. Cícero:

"Milagres — N.º 9. 7-5-15. Exmo. Revmo. Pe. Cícero. Confiado vosso incontestável valor êste pôsto por Vossa Revma. minha humilde disposição, tomo liberdade pedir vossa valiosíssima intervenção para pacificar questão Chicotes Cardoso marcham em inconciliável conflito. Peço intervenção urgente. Saudações. Basílio Gomes."

Por outro lado, despontava antiga rivalidade entre os habitantes dos dois municípios, oriunda de uma frustrada pretensão dos porteirenses, os quais, em 1880, pleitearam a mudança da sede da Freguesia para Porteiras, alegando, sobretudo, a abastança do seu povo e a pobreza da população de

(59) "Correio Eclesiástico", edições de maio e junho de 1915.

(60) De passagem por Brejo Santo, Manuel Calixto entrou numa mercearia. Enquanto bebia cachaça, dirigia insultos aos adversários de Floro e exibia uma cédula de 20$000 para quem declarasse ser rabelista. Tendo conhecimento daquela provocação, João Gomes da Silva Basílio dirigiu-se ao jagunço e declarou-lhe: "Pronto um, cabra, que vai dizer de graça". E gritando: "Sou rabelista! Viva Franco Rabelo!" Foi o bastante. Manuel Calixto "meteu o rabo entre as pernas" e escafedeu-se para seu "habitat".

Brejo. A pretensão em apreço foi indeferida com base no parecer do então Bispo Diocesano, notável documento trasladado nas Memórias do Pe. Abath. (61)

Foi, portanto, em conseqüência desse conflito de ordem bairrista que, em Brejo, a rixa política tomou o aspecto de movimento de massa.

Estavam coligados contra Raimundo Cardoso dos Santos, chefe supremo de Porteiras: Mousinho Cardoso, os Chicotes e José Inácio, chefes influentes de Brejo e Milagres, os quais, depois de mandarem assaltar, à mão armada, a propriedade do adversário, expediram telegramas à imprensa de Fortaleza e do Rio e ao Presidente da República, clamando por providências, já que não confiavam no Governo do Estado. (62)

(61) "Residência Episcopal do Ceará, 25 agosto de 1880. Exmo. Sr. Conselheiro André Augusto Fleris. Em ofício de 19 do corrente, solicita V. Excia. o meu parecer sobre a petição dos habitantes de Porteiras, da Freguesia de Brejo dos Santos, dirigida à Assembléia Legislativa Provincial, em que pedem a transferência da sede da dita Freguesia, da povoação de Brejo dos Santos, onde se acha, para a de Porteiras. Alegam eles ser o distrito de Porteiras mais populoso e, em sua maioria, de proprietários abastados, ao passo que os habitantes de Brejo acham-se em extrema pobreza, sem poderem concorrer com o aumento da respectiva Igreja, ao que tenho a honra de responder que o meu parecer é que a sede da dita Freguesia continue a ser na povoação de Brejo dos Santos, como foi designada com a criação da Freguesia. Porque, se os habitantes de Porteiras dizem que o seu distrito tem mais população, o mesmo Pároco atesta que assim é, mas que acha-se ela disseminada pelas abas da serra, ao passo que a de Brejo dos Santos está aglomerada junto à Matriz, formando o povoado do mesmo nome. Quanto ao dizerem que os de Brejo se acham em extrema pobreza, acho ser mais uma razão para se não mudar a sede para Porteiras, cujos habitantes abastados e ricos, como são segundo eles mesmos dizem, estão mais no caso de procurar os socorros espirituais no Brejo dos Santos do que estes, que moram em Brejo, que, estando em extrema pobreza, ficarão privados de socorros espirituais, e sem meio de os procurarem, caso seja mudada a sede. (a) † Luís, Bispo do Ceará." — Livro do Tombo da Paróquia de Brejo dos Santos.

(62) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

Reportando-se àqueles acontecimentos, assim se exprimiu Abelardo Montenegro: "O caso de Porteiras reproduzia o crime de Aurora. A despeito de não dirigir-se contra os poderes públicos, as suas conseqüências influiam no espírito turbulento de muitos chefes locais, naturalmente inclinados à expansão de sentimentos de revolta. Benjamin Barroso compreendia que a vida normal nos povoados caririenses repousava na paz armada; que havia ali rivalidades sangrentas entre localidades; que naquela região campeavam a ignorância, o feitichismo religioso e político e a falta de justiça; que a respeitabilidade de um cidadão estava na ordem direta do número de cangaceiros a seu serviço." (63)

Finalmente, no dia 13 de junho de 1915, cerca de 300 homens tendo à frente os coligados, desfecharam o ataque à vila de Porteiras. O ten. Artur Inácio, que comandava 40 praças, resistiu 11 horas. Seu último reduto foi o cemitério de onde se retraiu com o chefe deposto, segundo declarou anos depois ao autor.

Imediatamente após aqueles acontecimentos, o Governo Estadual organizou uma expedição militar com o fim de dar combate sem trégua ao banditismo, para cujo comando foi escolhido o coronel Ernesto Ramos de Medeiros, tenente do Exército em comissão na Polícia Militar do Estado.

"Na ocasião em que o coronel Medeiros aceitava o convite, em Palácio, estava presente o sr. Antônio Botelho Filho, que ouvia do Governador as seguintes palavras dirigidas àquele militar: — Você vai ao Cariri e a outras cidades do sertão. Não poupe bandido. Execute-os sumariamente." (64)

A força expedicionária — cerca de 500 praças — acantonou em Brejo dos Santos. Dali, durante três meses, o coronel Ernesto dirigiu as operações. As ordens do Governador Benjamin Barroso foram rigorosamente cumpridas. Mais de 200 cri-

(63) Id., id.
(64) Id., id.

minosos foram aprisionados. Chá Preto e Ferrugem morreram fuzilados. Manuel Silião, delegado de Brejo, foi levado à cadeia e processado. Todos aqueles que tomaram parte no ataque a Porteiras encontraram na fuga o único meio de salvação do cárcere.

O Cariri foi pacificado.

x x x

Restabelecida a ordem no interior do Estado, Brejo Santo partilhou da relativa tranqüilidade que caracterizou os primeiros tempos do período governamental do Dr. João Tomé.

Tendo sobrevivido — não se sabe como — a seca do 15, o galhardo povo brejo-santense recrudesceu suas atividades nos campos recém-devastados.

Desse modo, 1917 veio encontrá-lo em franco período de recuperação. Esse foi um ano de gratos acontecimentos na Comuna, a começar pela instalação da Agência Telegráfica (posto telefônico), cujo ato inaugural contou com a presença do capitão do Exército José Bezerra de Menezes. (65)

Manuel Rodrigues, emigrado de Flores (Pernambuco), institui as Cavalhadas, em cujas corridas ganham fama Domingos Lourenço da Silva, Misael Fernandes Pinheiro, (66) Pedro Chicote, Francisco Florentino de Araújo, Pedro Tavares, Joaquim Amaro, Antônio Leite Teixeira, José Piancó e Cassiano Inácio Bezerra Sobrinho.

A cabaçal de Félix da Goianinha é ofuscada pela banda de música fundada por Tiburtino Inácio da Silva Torres. (67)

(65) Em 1917, foram expedidos 556 telegramas num total de 9.616 palavras, e recebidos 505, somando 8.000.

(66) Misael F. Pinheiro é o atual Coletor Estadual. Em ordem cronológica, foi antecedido por Antônio Silião Bispo, João Alves de Moura, Tiago Inácio Bezerra e José Inácio da Silva.

(67) Neru, de Barbalha, foi o primeiro mestre da banda de música. Sucederam-lhe João Alberto, Francisco Pereira Lima (Baião), Olívio Lopes Angelim e João Cândido de Sousa.

Logo é despertado o pendor artístico de alguns jovens, sobretudo pela difusão das melodias de Patape Silva e dos dobrados da Banda do Corpo de Bombeiros, através do gramofone do lojista Manuel Leite de Moura, cujos discos tinham o selo da tradicional Casa Edson, do Rio de Janeiro.

Nasceu o Tiro de Guerra n.º 421. Entrementes, o ex-seminarista Joaquim Gomes da Silva Basílio (68) funda o Colégio São José, do qual se tornam professores o Pe. João Albuíno Pequeno e Nicolau Viana Arrais (Vianinha).

x x x

1919 constituiu um hiato na evolução econômica e social do Brejo, cujo povo, antes de sofrer os efeitos da seca, começou a inquietar-se com o renascimento do cangaceirismo em suas fronteiras. De fato, às 7 horas de 20 de janeiro daquele ano, Luís Padre e os asseclas de José Inácio assaltaram Dona Praxedes Furtado de Lacerda, em seu sítio Nazaré, município de Milagres, roubando-lhes todo o dinheiro. (69)

Por outro lado, 1919, ano em que surgiu em Brejo o primeiro automóvel, vindo do Recife para o Crato, assinala o início das questões políticas do Município, com a abertura da luta

(68) Joaquim, mais conhecido por Quinzô, foi contemporâneo do irmão Antônio Gomes, no Seminário de Fortaleza. Este, nascido aos 13-2-1887, faleceu em Brejo a 15-2-1916, às vésperas do sacerdócio, menos de dois meses após ter recebido a ordem maior do subdiaconato. Espírito inteligente e culto, pois dominava integralmente o latim, o francês e o inglês, brilhante em matemática, história, direito, filosofia, hermenêutica etc., segundo o testemunho de um dos seus contemporâneos de curso, Antônio Gomes escreveu cartas, artigos de jornal e ensaios poéticos, até em francês, proferiu discursos e conferências. Suas produções, que se achavam em poder do pai, foram destruídas, no saque da Nascença pela horda de Sebastião Pereira. Uma, porém, ficou como que uma prova do seu invejável talento. Trata-se de um belo trabalho sob o título "Curso Teológico atual de Fortaleza", inserto no CORREIO ECLESIÁSTICO, nº 17, de 14-10-1914, que é um primor de relevo espiritual.

(69) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

eleitoral pela governança do Estado entre Justiniano de Serpa e Belizário Távora, o primeiro, apoiado pelo situacionismo, e o segundo, candidato das forças de oposição. Era o tempo em que o Governo não perdia eleições.

Não obstante esses fatos, o Município manteve sua evolução. A população, em que pese a imperfeição do recenseamento, atingiu a cifra de 5.617 habitantes em 1920. Naquele ano havia 171 estabelecimentos rurais distribuídos entre 134 proprietários, cujo gado existente era o seguinte: Bovino — 3.498, Equino — 533, Asinino e Muar — 310, Ovino — 801, Caprino — 1.211, Suíno — 611. (70)

Havia 2.400 lavradores, 2.000 roçados, 1 sítio de cana, 1 motor a vapor, 10 aviamentos para farinha, 1 prensa de algodão, 4 açudes, 2 teares à mão, 1.600 casas, 1 máquina de descaroçar algodão e 6 casas comerciais. (71)

Marcantes acontecimentos tiveram curso em 1920. No dia 20 de jan., um espetáculo inédito teve por palco o edifício da Câmara Municipal. Um faquir indiano — O ENTERRADO VIVO — ali foi sepultado para permanecer 2 horas sob a terra. Decorrido cerca de 30 minutos, um frêmito agitou a assistência. A quinhentos metros dali, no seu sítio Nascença, o coronel Basílio Gomes estava sendo saqueado pelo grupo de Sinhô Pereira e Luiz Padre. Acabou-se a função.

Apesar de instado por Francisco Basílio, filho do coronel, o capitão José dos Santos Carneiro, que comandava cerca de 100 homens, marcou passo durante quase duas horas, só chegando à Nascença depois da retirada dos salteadores.

Outro fato curioso foi o aparecimento dos jornais "O Besouro" e a "Flor", dirigidos, respectivamente, por José Moreira Tavares, que foi o primeiro tabelião da Comuna. (72) e Pedro

(70) Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, "O Ceará no Centenário da Independência do Brasil."
(71) Id., id.
(72) O ofício respectivo foi criado pela Lei nº 289, de 13-8-1896.

Gomes da Silva Basílio, linguista e brilhante poeta. Escritos à mão, esses jornais saíam uma vez por semana.

No dia 20 de abril, foi fundada a primeira farmácia do Município. A Farmácia Oswaldo Cruz, que se tornou o centro principal de reunião social do meio, foi fruto do esforço pessoal do seu fundador, João Anselmo e Silva, pai do autor, o qual, para submeter-se ao exame de habilitação em Fortaleza, deslocou-se a pé e de maca às costas, sob a inclemência de rigoroso inverno, até Lavras da Mangabeira, então última estação da E. F. Baturité. Deve-se àquele advento o aparecimento dos primeiros médicos em Brejo Santo: drs. João Vitorino da Silva e Joaquim Pinheiro Monteiro, aquele já falecido, e esse, atual chefe do Serviço de Saúde da 10.ª Região Militar, no posto de tenente-coronel. (73)

Também ali estiveram exercendo atividades profissionais os irmãos Miguel e Joaquim Alves, cirurgiões-dentistas. Joaquim, porém, só se preocupava em ler e escrever.

Nos últimos dias daquele ano, uma peça teatral foi levada à cena, cujo palco foi armado no salão da Prefeitura Municipal. A organizadora do arrojado empreendimento foi a professora diplomada Luíza Grangeiro (D. Lili), que escolheu para galã o moço Manuel Alves de Moura.

Foi nessa época que apareceu em Brejo a primeira lanterna de pilha, nas mãos de um cunhado do tenente Peregrino Montenegro, então ali estacionado.

(73) Até o fim do terceiro lustro desse século, a medicina popular em B. Santo foi exercida por "Seu" Lino, antigo vaqueiro do cel. Basílio. Com rara habilidade, aquele medicastro arrancava dentes, curava punhaladas, tratava de fraturas, extraia balas, aplicava clísteres etc. Seus instrumentos cirúrgicos eram apenas um boticão e um fino canudo de borracha, com o qual localizava projéteis. Entre os antigos clientes do velho Lino figuram Anselmo Teles de Carvalho, avô paterno do autor, cujos dentes foram extraídos a dedo, e o Rev. Pe. Antônio Gomes, cujo antebraço direito fraturado em criança, é hoje 100% perfeito.

Brejo, porém, era uma ilha centralizada numa região infestada de cangaceiros. Por isso, transformou-se em base de operações contra o banditismo, em conseqüência do convênio policial interestadual realizado no Recife, em dezembro de 1922.

Daí por diante os fatos decorridos são parcos e esparsos. Em 1923, o maior acontecimento social foi aparecimento de José Soares Gouveia, o aclamado Tio Juca dos nossos dias. Jovem, vigoroso, inteligente, culto e boêmio, Gouveia polarizou, desde logo, toda a vida social da cidade. Tornando-se hóspede infalível de João Anselmo, com quem se ajustou integralmente, Gouveia passou a viver mais em Brejo do que em Barbalha, onde residia na qualidade de fiscal de rendas federais. Gouveia é um nome que ficou vinculado à crônica de Brejo Santo. (74)

x x x

1925 começou com a reabertura do Colégio São José, dirigido por Pedro Gomes da Silva Basílio. Naquele estabelecimento, cuja vida foi efêmera, eram ministradas as seguintes matérias: Português, Geografia, Matemática, História e Francês. O ano terminou com o aparecimento de Lampião na fazenda de Francisco Xavier, no Poço. Noticiando o fato, "O Ceará", de 24-12-1925, reproduziu declarações do bandido ao fazendeiro, segundo as quais estava recrutando homens para fazer guerra contra os Estados da Paraíba e Pernambuco.

Em maio de 1926, no lugar Olho d'Água dos Santos, doze civis cercaram Raimundo Morais (Mundinho), bandido errante que pertencera aos grupos de Sinhô Pereira e Lampião. Mundinho, que era natural de Brejo, foi ferido na perna mas

(74) Anedotista fecundo e recitador brilhante, Gouveia organizou tertúlias e piqueniques, caçadas e excursões. Desafiou o bandido Paraíba, partilhou do "sete-e-meio" do casarão de Bom de Ouro, advogou criminosos desvalidos, distribuiu dinheiro com a pobreza e nunca multou ninguém.

resistiu durante 10 horas. Conduzido à Cidade, onde foi alvo da curiosidade dos antigos companheiros de infância, o bandoleiro submeteu-se a uma dura operação efetuada por Dr. Caminha, que lhe amputou a perna com facas e serrote de açougue. Após aquele martírio, Mundinho solicitou um confessor. Pe. Nonato ouviu-lhe por mais de uma hora. De resto, solitário e ébrio inveterado, veio a falecer no ano passado na mais negra miséria. (75)

Ao chegar outubro, a agência do Banco do Brasil suspendeu a cobrança de títulos na praça de Brejo Santo, por motivo de o Município ter voltado a ser percorrido por bandos de cangaceiros, conforme telegrama do respectivo correspondente.

1927. No dia 1.º de fevereiro, no sítio Salvaterra, um contingente policial fuzilou Antônio Grangeiro e Louro, cujos cadáveres foram incinerados. Comandava a força o ten. José Gonçalves Bezerra. Horas depois, ocorreu a hecatombe de Guaribas, cujo relato assim foi feito pelo escritor Abelardo F. Montenegro (ob. cit.), segundo informações colhidas pelo autor com pessoa da família Lucena Chicote:

"Chico Chicote estava cortando maniva em companhia de Mané Caipora e Sebastião Cancão, quando se aproximava de sua casa no sítio Guaribas, uma volante da polícia cearense, comandada pelo ten. José Gonçalves Bezerra. Joaquim Morais, morador de Chicote, sentindo a aproximação da força e julgando tratar-se do grupo de Lampeão, disparava o primeiro tiro. A polícia cercava a casa de Joaquim, que resistia até morrer. Logo depois, desfechava a polícia o ataque contra Chico Chicote. Atraída pelo fogo, chegavam duas volantes policiais, sendo uma de Pernambuco e outra da Paraíba, enxertada esta de cangaceiros a serviço da família Salviano, inimi-

(75) Antes de morrer, R. Morais acedeu em narrar para o autor episódios de sua vida pregressa. Em dado momento, quando se referia ao seu batismo de fogo no grupo de Sinhô Pereira (combate de Carnaúba-Pajeú), o ex-bandido expandiu-se num pranto convulsivo sem mais poder pronunciar uma só palavra.

ga figadal de Chicote desde que este matara Sinhô Salviano, no município de Brejo. Executavam o cerco da casa de Chicote dentro de poucos minutos. No interior da mesma, três homens se preparavam para a resistência: Chico Chicote, Mané Caipora e Sebastião Cancão. Do lado de fora, na retaguarda dos soldados e cangaceiros, dois fiéis moradores de Chicote: os irmãos José e Manuel Francisco. Começava a luta desigual. José Francisco, depois de certo tempo, não satisfeito por estar separado do patrão, resolvia furar o cerco. Caía, porém, varado de balas, já na calçada da casa da fazenda. Após várias horas de fogo, dois filhos de Chicote, em companhia do destacamento policial de Porteiras e de alguns amigos, acorriam em auxílio do pai. O grupo de 16 homens conseguia furar o cerco e avizinhar-se da cidadela. Chicote, porém, repelia a idéia de abandonar a sua casa. Por outro lado, o destacamento de Porteiras verificava que Chicote estava sendo atacado pela polícia e não por Lampião. Os 16 homens retornavam, por isso, a Porteiras. Mais de 400 soldados tomavam parte no ataque. Enquanto lutavam, Lampião, no lugar Malhada Funda, na Serra do Araripe, assistia a refrega de camarote e dizia aos do seu grupo: "Se fosse meu amigo eu ia lá." Durante a resistência, Chicote procurava convencer a Caipora e a Cancão de que deviam fugir. Caipora, porém, retrucava: "Eu sempre lhe disse que no logar onde lhe matassem o meu cadáver seria encontrado a duas braça do seu. Agora, chegou a hora de cumprir a minha palavra." Cancão, porém, por imposição de Chicote, safava-se. Sem munição para resistir por mais tempo, reservava Chicote algumas balas para o último ato. O ten. Veríssimo intimava-o a render-se. Chicote repelia a intimação e desafiava a que entrasse no quarto em que se achava. Nessa disposição, lutava até ser abatido. Penetrava a polícia no reduto de Chicote. Achava-o de joelhos em terra, amparado à parede, na posição de atirar, com o derradeiro cartucho na culatra do rifle. A pele do seu corpo inteiramente negra e o rosto, as mãos e os braços ainda sujos da fumaça da

pólvora, constituiam a prova das 36 horas de fogo intenso."

O episódio de Guaribas repercutiu fundamente na política brejo-santense, agravando cada vez mais o antagonismo entre os Amaros e Chicotes, a esse tempo liderados, respectivamente, por Joaquim Amaro e Joaquim Chicote.

Em março, a população de Brejo sofreu as mais violentas arbitrariedades por parte de volantes de Alagoas e Pernambuco. Em abril, porém, ocorreu um fato compensador com a chegada do Pe. Antônio Gomes de Araújo, que acabava de receber a ordem do presbiterato.

O ano terminou com a morte do bandido Sabino das Abóboras, no lugar Piçarra, quando o grupo de Lampeão ia sendo aniquilado por uma volante da polícia pernambucana, sob o comando do ten. Arlindo Rocha.

x x x

Em conseqüência da vitória pelas armas da Aliança Liberal, em outubro de 1930, foi nomeado prefeito o farmacêutico João Anselmo e Silva. Tropas do 23.º B.C. percorreram o Município apreendendo armas.

Nas eleições realizadas em 1935, foi eleito prefeito José Matias Sampaio, o qual, favorecido pelo regime instituído em novembro de 1937, consolidou seu prestígio político até o seu desaparecimento. Foi nessa época que o cangaceiro Moreno inquietou o Município. Numerosos contingentes policiais foram lançados em sua perseguição. Até um campo de pouso foi construído nos arredores da cidade, com o fim de facilitar as operações. Data daí a descida do primeiro avião em Brejo. Tudo inútil, porém.

Em 1943, com a fundação da firma industrial "Nicodemos, Lins & Cia.", a Cidade passou a ser iluminada com energia elétrica. E no fim do ano seguinte, foi atingida pela Transnordestina, estrada militar cujo esquema foi traçado pelo saudoso general Manuel Rabelo.

Aos 30 de julho de 1947, por iniciativa de Manuel de Sá Roriz, foi fundada a Cooperativa Mista de Brejo Santo, tendo sido eleito presidente o industrial Joaquim Nicodemos de Araújo.

1948 assinala um novo impulso de progresso material na Comuna com a construção de novas ruas e transferência dos estabelecimentos comerciais para outro setor.

A 19 de dezembro de 1949, houve um desabamento parcial da Matriz, causando a morte de duas pessoas e graves ferimentos no coletor Misael Fernandes Pinheiro.

Quanto à população (exclusive Porteiras), que era de 13.833 habitantes em 1940, somou 17.938 em 1950, dos quais 2.945 residem na Cidade. Destes, 1.392 são alfabetizados e 1.032 não sabem ler e escrever. (76)

Município agrícola por excelência, em 1952, Brejo Santo ocupou o 3.º lugar no Estado na produção de milho, com 152.500 sacos de 60 quilos, e o 4.º na produção de algodão arbóreo, com 250.000 arrobas. (77)

Evidentemente, estes resultados são espantosos, levando-se em conta que esta produção foi obtida com os processos rudimentares da agricultura.

A Cidade, que está dotada de um regular serviço de canalização d'água instalada na gestão do ex-prefeito Antônio Alves Santana, ainda conserva a marca do pioneirismo que caracteriza sua formação, através dum estabelecimento de ensino particular, mantido há vários anos pelo professor José Teles de Carvalho.

x x x

Como último fato dos acontecimentos históricos de Brejo Santo, figura o assassinato de José Matias Sampaio, ocorrido no dia 8 de setembro de 1952.

(76) "Sinopse do Município de Brejo Santo" — 1948 — IBGE.
"Anuário Estatístico do Brasil" — 1953 — Conselho Nacional de Estatística — IBGE.
(77) Waldery Uchôa, "Anuário do Ceará", 2º Vol. 1953-1954.

Apesar de se tratar de um político de real influência no meio, cujo desaparecimento determinou a retirada de várias dezenas de famílias para o Sul do País, o crime não perturbou a marcha evolutiva do Município.

x x x

Sabendo-se que um quilowatt é igual à energia de 27 operários, é fácil de imaginar-se o panorama econômico e social que Paulo Afonso vai proporcionar no futuro àquele Município...

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.

RUY BARBOSA

RUAS,
EDUCAÇÃO E
ORIGENS FAMILIARES

Francisco Leite de Lucena

RUAS DE BREJO SANTO

A primeira casa residencial do sítio BREJO foi localizada na Nascença. As primeiras construções, constituindo um arruamento, foram levantadas no local Taboqueira.

Por volta de 1875, Francisco Alves de Moura doou as terras que iriam constituir o núcleo central do povoado, onde foi construída uma capela. Daí em diante, o povoado foi crescendo, até que em 1890 reuniu condições de ser elevado a Município.

As primeiras ruas foram: Taboqueira e rua Velha.

Em 1941, o agente da Estatística, hoje IBGE, registrava: Brejo Santo possui 10 ruas, 1 avenida, 1 jardim e 2 praças. Era iluminada por luz elétrica, num total de 96 lâmpadas, funcionando das 18 às 22 horas.

Em 1956, as ruas, avenidas e praças já somavam 23. Atualmente a cidade possui 48 ruas e avenidas, com as seguintes denominações:

1 — BASÍLIO GOMES DA SILVA
— RUA CORONEL BASÍLIO —
Nascido em: 14.07.1846
Falecido em: 07.04.1940

DADOS: Pernambucano de nascimento, natural de Águas Belas, chegou a Brejo Santo em 1858, com apenas 12 anos de idade. É considerado o fundador da cidade que é hoje, pois foi graças ao seu trabalho e ao seu desempenho político que conseguiu a elevação a município.

Foi Prefeito Municipal de 1893 a 1909. É conhecido, além de todos os trabalhos dedicados ao desenvolvimento da terra, como o PACIFICADOR, pois sempre foi essa a sua po-

sição em relação às inúmeras indisposições ocorridas entre os nossos fundadores. A rua que recebe o seu nome é a antiga rua da Taboqueira, onde residiu durante toda sua existência.

2 — LOURENÇO GOMES DA SILVA
— RUA INTENDENTE LOURENÇO GOMES —
Nascido em: 1835
Falecido em: 17.05.1917

DADOS: Lourenço Gomes da Silva, primeiro Intendente municipal de Brejo Santo, (correspondente ao cargo de Prefeito). Exerceu o cargo logo após a criação do Município em 1890 até 1892. Foi agropecuarista. Seus descendentes adotaram o nome LOURENÇO como sobrenome. A rua que leva o seu nome fica localizada no bairro do Juá e anteriormente chamava-se de rua Getúlio Vargas.

Lourenço Gomes da Silva era irmão do Coronel Basílio e foi o primeiro agente dos correios em Brejo Santo.

3 — MANOEL INÁCIO DE LUCENA
— RUA MANOEL INÁCIO DE LUCENA —
Nascido em: 18.11.1867
Falecido em: 05.12.1961

DADOS: Manoel Inácio de Lucena foi o 3.º Prefeito Municipal, tendo exercido o cargo de 1909 a 1912. Era agropecuarista. Foi Prefeito Municipal da cidade de Milagres de 1919 a 1929. Era casado com uma neta do Comandante Superior do Bodó, Francisco Tavares de Quental, tendo deixado uma grande prole. A rua que leva o seu nome, chamava-se Duque de Caxias e, anteriormente, rua do Araújo.

4 — JOÃO INÁCIO DE LUCENA
— RUA JOÃO LUCENA —
Nascido em: 17.03.1874
Falecido em: 04.08.1945

DADOS: Exerceu o cargo de Prefeito Municipal por duas vezes. A 1.ª de 1912 a 1914 e a 2ª de 1919 a 1927, tendo sido em ordem cronológica o 4.º e o 8.º Prefeito do Município. Foi agropecuarista, sendo casado com uma das filhas do Coronel Basílio. Foi dos irmãos Lucena (três Prefeitos) o que mais jeito levava com o trato da política. A rua que leva o seu nome chamava-se popularmente de rua do Americano, devido a um pastor americano que construiu lá sua residência.

5 — MANUEL INÁCIO BEZERRA
— RUA MANUEL INÁCIO BEZERRA —
Nascido em: 1870
Falecido em: 13.03.1924

DADOS: Talvez tenha sido Manuel Inácio Bezerra o homem cuja visão desenvolvimentista tenha atingido o mais alto grau em Brejo Santo. Juntamente com o Padre Viana, convenceu os agricultores a substituirem o plantio de algodão crioulo por uma semente melhorada, prometendo comprar toda a produção e industrializá-la. Manuel Inácio Bezerra realmente cumpriu suas promessas, instalando em Brejo Santo uma usina de beneficiamento de algodão, no mesmo lugar onde hoje está localizada a indústria COLINS. Foi Prefeito do Município de 1916 a 1918, sendo o 6.º em ordem cronológica. Era primo do Coronel Basílio. O seu sobrenome desapareceu das famílias de Brejo Santo, pelo fato de seu único filho varão ter falecido ainda criança e suas filhas adotaram o sobrenome dos esposos.

6 — JOSÉ NICODEMOS DA SILVA
— RUA JOSÉ NICODEMOS DA SILVA —
Nascido em: 05.05.1881
Falecido em: 12.10.1938

DADOS: Filho do Coronel Basílio, pai do historiador Padre Antônio Gomes de Araújo. Prefeito Municipal de 1918 a

1919, sendo o 7.º em ordem cronológica. Foi agropecuarista, sendo o fundador da família NICODEMOS. O ano de 1919 foi uma das grandes secas que a região sofreu, tendo enfrentado grandes problemas com flagelados. A rua que recebe o seu nome, anteriormente chamava-se rua Justiniano de Serpa.

7 — JOAQUIM INÁCIO DE LUCENA
— RUA JOAQUIM INÁCIO DE LUCENA —
Nascido em: 1871
Falecido em: 23.07.1959

DADOS: Prefeito do Município de 1927 a 1929, sendo o 9.º em ordem cronológica. Foi agropecuarista.

8 — MANUEL LEITE DE MOURA
— RUA MANUEL LEITE —
Nascido em: 11.02.1877
Falecido em: 13.08.1944

DADOS: Foi Prefeito do Município de 1929 a 1930, tendo sido o 10.º em ordem cronológica. Era comerciante dos mais sólidos em Brejo Santo, tendo sido ainda agropecuarista e industrial. Preocupou-se em dar aos seus filhos uma formação superior, tendo àquela época formado dois deles em Medicina: Dr. Emílio Leite Tavares e Dr. Fernando Leite Tavares, sendo o último, professor catedrático da Faculdade de Medicina do Ceará, tendo ocupado o cargo de Reitor da Universidade.

9 — JOÃO ANSELMO E SILVA
— RUA JOÃO ANSELMO E SILVA
Nascido em: 04.11.1883
Falecido em: 20.07.1961

DADOS: Foi Prefeito do Município de 1930 a 1931, tendo sido o 11.º em ordem cronológica. Era Farmacêutico prático dos mais entendidos da região. Sua Farmácia, denominada FARMÁCIA ANSELMO, era local de grande freqüência, não só por aqueles que buscavam tratamento, mas também pelo fato de ser lá onde diariamente se desenvolvia um PAPO informativo de todos os acontecimentos da cidade. Era pai de Otacílio Anselmo, militar, mais tarde historiador de renome.

10 — LUIZ GONZAGA JÚNIOR
— RUA LUIZ GONZAGA JÚNIOR —
Nascido em: 12.10.1884
Falecido em: 13.03.1955

DADOS: Prefeito do Município de 1931 a 1934, sendo o 12.º em ordem cronológica. Era agropecuarista e residia no município de Barbalha. Sua indicação para o cargo deveu-se ao fato de existir na época acirrada disputa entre as principais famílias e, sua administração representou um período de tregua, pela sua neutralidade política. Enfrentou a seca de 1932 e deu muita assistência ao povo. Ao ser indicado Prefeito transferiu a residência para Brejo Santo.

11 — FRANCLIN TAVARES PINHEIRO
— RUA FRANCLIN PINHEIRO —
Nascido em: 21.11.1886
Falecido em: 02.07.1975

DADOS: Foi Prefeito do Município de 1934 a 1935, sendo o 13.º na ordem cronológica. Era agropecuarista e residia na cidade de Porteiras. Foi indicado para o cargo pelos mesmos motivos antes expostos.

12 — JOSÉ MATIAS SAMPAIO
— RUA JOSÉ MATIAS SAMPAIO —
Nascido em: 27.02.1897
Falecido em: 08.09.1952

DADOS: Foi Prefeito Municipal de 1935 a 1945, tendo sido o 14.º em ordem cronológica. Era agropecuarista, casado com uma das filhas de Manoel Inácio Bezerra. Foi durante sua administração que se construiu o grupo que leva o seu nome, conseguido junto ao Governador Faustino de Albuquerque, primeira construção do gênero edificada no município. Foi ainda em sua administração que se construiu a praça 7 de Setembro, sendo infelizmente demolida para no local ser construído um parque infantil. Em 1938, embora em caráter particular, foi instalada luz elétrica em Brejo Santo, empreendimento de Manoel Leite de Moura. Faleceu por assassinato.

13 — NAPOLEÃO DE ARAÚJO LIMA
— RUA NAPOLEÃO DE ARAÚJO LIMA —
Nascido em: 02.04.1889
Falecido em: 06.06.1970

DADOS: Foi Prefeito do Município de 1947 a 1948, tendo sido o 18.º em ordem cronológica. Era agropecuarista, casado com uma das filhas de Manoel Inácio Bezerra. Pai do Dr. José Napoleão de Araújo, formado em Medicina, único político do município que elegeu-se Deputado Estadual, inclusive por 4 legislaturas consecutivas, já tendo exercido o cargo de Secretário de Estado. A rua que leva o seu nome chamava-se anteriormente rua Dr. João Pessoa. Além da rua que leva o seu nome, Napoleão de Araújo Lima também deu nome à estação rodoviária da cidade, uma das mais modernas do interior do Estado.

14 — DIONÍSIO ROCHA DE LUCENA
— PRAÇA DIONÍSIO LUCENA —
Nascido em: 26.12.1904
Falecido em: 03.11.1975

DADOS: Prefeito Municipal por duas vezes, sendo a 1.ª de 1948 a 1951 e a 2.ª de 1955 a 1959, tendo sido o 19.º e o 21.º na ordem cronológica. Era comerciante do ramo de cereais. Durante alguns anos trabalhou na extração de borracha no Amazonas, tendo conseguido fortuna nessa atividade. Durante sua 1.ª administração foi instalada energia elétrica na cidade, produzida pela própria Prefeitura, através de um conjunto Motor-Gerador-GE, movido a óleo diesel. Também na sua administração foi transferido o comércio da cidade para o local onde hoje se encontra, o que possibilitou um incalculável desenvolvimento comercial para a cidade. A praça que leva o seu nome também foi construída, quase em sua totalidade, em sua administração. Faleceu por suicídio.

15 — FRANCISCO GOMES DA SILVA BASÍLIO
— RUA FRANCISCO BASÍLIO —
Nascido em: 01.05.1889
Falecido em: 16.05.1949

DADOS: Filho do Coronel Basílio, casado com uma das filhas de Manoel Inácio Bezerra. Embora não tenha exercido nenhum cargo executivo, nem legislativo, foi secretário do Diretório do antigo PSD e desempenhou papel importante na indicação de alguns dos Prefeitos do Município. Era agropecuarista e comerciante de cereais e tecidos. Além dessas atividades, foi rábula, tendo desenvolvido alguma atividade forense. Foi Presidente da Confraria de São Vicente de Paula, tendo levantado os recursos para a construção do altar do citado sunto na igreja matriz.

16 — BALBINA VIANA ARRAIS
— RUA BALBINA VIANA
Nascida em: 05.12.1862
Falecida em: 28.02.1951

DADOS: Era natural de Lavras da Mangabeira, tendo chegado a Brejo Santo em 1898, nomeada professora estadual, sendo a 2.ª nesta categoria na história da educação do município. Quando chegou a Brejo Santo, todas as senhoras casadas eram analfabetas, exceto Maria Beata e sua irmã, provenientes de Pernambuco. Balbina Viana resolveu ensiná-las a ler, em horário noturno e à luz de candeeiros. Aposentou-se em 1919, depois de 36 anos de atividades. Seu esposo, Lídio Dias Pedroso, farmacêutico prático, instalou a 1.ª farmácia de Brejo Santo, que era denominada simplesmente BOTICA. Esta Botica funcionou inicialmente (1898) na residência do Coronel Basílio, sendo depois transferida para o casarão onde ainda hoje residem os seus descendentes. Balbina Viana, além de ser nome de rua, é ainda o nome do Colégio Estadual. É importante salientar que a família VIANA ARRAIS esteve sempre ligada a todos os acontecimentos e atividades educacionais da terra. Foi um dos seus genros, Nicolau Viana Arrais Filho, que, em 1928, fundou um movimento de Escoteiros.

17 — TIBURTINO INÁCIO DA SILVA TORRES
— RUA TIBURTINO INÁCIO —
Nascido em: 1860
Falecido em: 13.05.1923

DADOS: Foi o fundador da Banda de Música do município, tendo adquirido todo o instrumental com seus próprios recursos. Foi Vereador de 1916 a 1918. Também foi trabalho seu a fundação e instalação de um Tiro de Guerra, cujo n.º era 421, em Brejo Santo, que funcionou de 1918 a 1921. Foi comerciante de tecidos. A rua que leva o seu nome era conhecida anteriormente como rua do Juá.

18 — JOSÉ FURTADO DOS SANTOS
— RUA JOSÉ FURTADO DOS SANTOS —
Nascido em: 17.11.1895
Falecido em: 28.07.1976

DADOS: Era natural de Milagres, tendo chegado ao município em 1942. Era agropecuarista, residindo no sítio Ludovico.

19 — JOÃO CASIMIRO VIANA ARRAIS
— RUA PADRE VIANA —
Nascido em: 07.09.1876
Falecido em: 20.04.1911

DADOS: Padre Viana foi o 2.º vigário de Brejo Santo. Suas atividades no município não se limitaram somente às obrigações religiosas, pois, incentivou, juntamente com Manoel Inácio Bezerra, a plantação de algodão no município. Além disso, desenvolveu também atividades educacionais. Faleceu em Brejo Santo, estando seus restos mortais sepultados na igreja matriz da cidade. Além de ser nome de rua, é também nome de um colégio, fundado e dirigido pelo professor José Teles de Carvalho, que conta atualmente com 1.000 alunos no 1.º e 2.º graus.

20 — ELIZEU GOMES DE LUCENA
— RUA VEREADOR ELIZEU LUCENA —
Nascido em: 31.03.1898
Falecido em: 20.07.1977

DADOS: Era filho de João Inácio de Lucena. Era agropecuarista, tendo sido vereador por várias legislaturas. Ocupou ainda o cargo de Delegado civil e foi suplente de juiz de casamento.

21 — SANTA TEREZINHA
— RUA SANTA TEREZINHA —

DADOS: A rua Santa Terezinha tem esse nome em homenagem à festa desta Santa, que era celebrada anualmente no final do mês de outubro. Era uma festa animadíssima,

compreendendo um novenário e disputa de partidos (geralmente o azul e o vermelho), tendo cada um deles uma candidata à Rainha da festa.

22 — TIRADENTES
— AVENIDA TIRADENTES —

DADOS: Quando da construção da estrada Transnordestina, a mesma passaria margeando a cidade. Como geralmente acontece, a cidade cresceu para o outro lado da estrada, de forma que ao invés de margeá-la, agora passou a cortá-la. Em todo o seu trajeto ao longo da cidade formou-se uma avenida, que recebeu o nome de Tiradentes, em homenagem ao grande mártir da independência da pátria.

23 — EMANOEL ANTÔNIO CABRAL
— RUA EMANOEL ANTÔNIO CABRAL —
Nascido em: 08.04.1865
Falecido em: 04.08.1942

DADOS: Casado com uma filha de Lourenço Gomes da Silva. Era marceneiro exímio, realizando trabalhos em madeira, em alto e baixo relevos e torneados. Embora a placa indicadora de sua rua diga MANOEL, constatamos que seu nome verdadeiro era EMANOEL.

24 — HERÁCLITO ALVES DE MOURA
— RUA HERÁCLITO ALVES —
Nascido em: 19.12.1893
Falecido em: 26.03.1953

DADOS: Foi comerciante, tido ao seu tempo como uma das pessoas de maior envergadura moral. Era casado com uma das filhas de Manoel Inácio de Lucena. Foi também industrial do ramo de beneficiamento de algodão.

25 — DOMINGOS GOMES DA SILVA
— RUA DOMINGOS GOMES —
Nascido em: 30.09.1877
Falecido em: 30.08.1976

DADOS: Era filho de Lourenço Gomes da Silva. Foi agropecuarista e era conhecido pelo nome de DOMINGOS LOURENÇO. Foi Delegado da cidade em 1920.

26 — 26 DE AGOSTO
— RUA 26 DE AGOSTO

DADOS: O nome da rua é em homenagem ao dia do município, pois o Decreto Governamental que o criou foi assinado no dia 26 de agosto de 1890.

27 — PEDRO PEREIRA DE LUCENA
— RUA PEDRO PEREIRA DE LUCENA —
Nascido em: 25.12.1875
Falecido em: 28.03.1949

DADOS: Era agropecuarista. Foi juiz de paz de 1918 a 1930.

28 — JOSÉ INÁCIO BASÍLIO
— RUA JOSÉ BASÍLIO —
Nascido em: 24.01.1899
Falecido em: 30.04.1954

DADOS: Foi delegado de terras devolutas de 1926 a 1932. Foi delegado civil de 1935 a 1945. Foi vereador eleito em 1950. Era agropecuarista e comerciante de calçados.

29 — JOAQUIM NICODEMOS DE ARAÚJO
— RUA JOAQUIM NICODEMOS —
Nascido em: 05.08.1912
Falecido em: 24.06.1978

DADOS: Era agropecuarista e comerciante. Filho de José Nicodemos da Silva e casado com uma das filhas de Napoleão de Araújo Lima. Foi industrial, tendo exercido o cargo de sócio-gerente da indústria COLINS. Foi sócio-fundador da Cooperativa Mista de Brejo Santo, tendo sido seu Presidente por vários anos.

30 — ANTÔNIO FLORENTINO DE ARAÚJO LIMA
— RUA ANTÔNIO FLORENTINO —
Nascido em: 24.03.1887
Falecido em: 23.11.1978

DADOS: Foi vereador durante várias legislaturas. Ocupou os cargos de adjunto de Promotor de Justiça e o de Juiz de Casamentos.

31 — MANOEL ALVES DE MOURA
— RUA MANOEL ALVES —
Nascido em: 28.12.1895
Falecido em: 17.01.1965

DADOS: Era comerciante. Foi Juiz de Casamentos, tendo sido candidato a Prefeito em 1934. A rua que recebe o seu nome chamava-se outrora Travessa São Sebastião.

32 — TIAGO INÁCIO BEZERRA
— RUA TIAGO INÁCIO —
Nascido em: 27.08.1868
Falecido em: 20.06.1961

DADOS: Era casado com uma filha do Coronel Basílio. Foi Coletor Estadual durante muitos anos.

33 — MIZAEL FERNANDES PINHEIRO
— RUA MIZAEL PINHEIRO —
Nascido em: 13.06.1889
Falecido em: 19.11.1971

DADOS: Foi Coletor Estadual até aposentar-se. Era irmão do Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro.

34 — MARIA BARBOSA
— RUA MARIA BARBOSA —

DADOS: Primeira proprietária das terras do sítio Brejo. A lenda e a tradição oral e escrita apontam MARIA BARBOSA como uma viúva baiana, que embora possuindo terras em Porteira e Brejo, jamais esteve por essa região. Vide Brejo da Barbosa a Brejo Santo de Fernando Maia da Nóbrega.

35 — JOSÉ CLEMENTINO TAVARES
— TRAVESSA JOSÉ TAVARES —
Nascido em: 10.11.1888
Falecido em: 29.06.1968

DADOS: Era agropecuarista. Foi vereador durante duas legislaturas.

36 — JOSÉ MOREIRA DE ARAÚJO
— TRAVESSA JOSÉ MOREIRA —
Nascido em: 26.09.1906
Falecido em: 02.01.1968

DADOS: Foi vereador por 3 legislaturas, tendo sido Presidente da Câmara de 1951 a 1955, quando por algum tempo assumiu a Prefeitura por motivo de ausência do Prefeito. Foi Tabelião de 1933 a 1936. Era comerciante e agropecuarista.

37 — PADRE FRANCISCO LOPES ABATH
— RUA PADRE ABATH —
Nascido em: 1848
Falecido em: 03.01.1903

DADOS: Padre Abath foi o 1.º vigário da paróquia de Brejo Santo, no período de 02.09.1877 a 03.01.1903, quando faleceu, estando seus restos mortais sepultados na igreja matriz da cidade. Em seu nome, existe na cidade, além de uma rua, também um colégio de 2.º grau, o primeiro nesse grau que funcionou na cidade, fundado em 1958 pelo professor Júlio Macedo Costa.

38 — LUIZ ANTÔNIO FERRAZ
— RUA CORONEL FERRAZ —

DADOS: O nome do Coronel Ferraz batizou uma das primeiras ruas da cidade (antiga Rua Velha), com a finalidade de prestar homenagem àquele que assinou o Decreto criando o município de Brejo Santo, em 26 de agosto de 1890.

39 — OLEGÁRIO EMÍDIO DE ARAÚJO
— RUA OLEGÁRIO EMÍDIO —
Nascido em: 17.08.1871
Falecido em: 11.08.1958

DADOS: Era natural de Missão Velha, tendo vindo para Brejo Santo em companhia do seu tio Padre Francisco Lopes Abath. Durante muitos anos foi agropecuarista no sítio Baixio-do-boi.

40 — ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO
— RUA VEREADOR ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO
Nascido em: 21.04.1927
Falecido em: 17.03.1977

DADOS: Era filho de José Jacinto de Araújo. Foi agropecuarista e dedicou-se à industrialização da rapadura. Foi vice-Prefeito de 1967 a 1971, já tendo exercido anteriormente o cargo de vereador.

41 — JOSÉ DENGUINHO DE SANTANA
— RUA JOSÉ DENGUINHO —
Nascido em: 18.09.1888
Falecido em: 25.05.1971

DADOS: Era agropecuarista. Foi Delegado civil da cidade. Era pai de Antônio Denguinho de Santana e Vicente Alves Santana, ambos Prefeitos do município, sendo que o 1.º foi Prefeito duas vezes.

42 — ANTÔNIO MADEIRO DE MOURA
— RUA ANTÔNIO MADEIRO —
Nascido em: 24.05.1903
Falecido em: 21.08.1971

DADOS: Era comerciante de tecidos, tendo sido um dos pioneiros na comercialização de combustíveis e peças de automóveis na cidade.

43 — FRANCISCO DE ASSIS ROCHA DE LUCENA
— RUA VEREADOR ASSIS LUCENA
Nascido em: 25.12.1945
Falecido em: 11.06.1978

DADOS: Era filho de Elizeu Gomes de Lucena. Exercia atividades de agropecuarista. Foi vereador no período de 1973 a 1977.

44 — JOSÉ FRANCISCO DA SILVA
— RUA JOSÉ FRANCISCO —
Nascido em: 19.03.1865
Falecido em: 17.05.1965

DADOS: Foi agropecuarista e comerciante por muitos anos.

45 — MANOEL INÁCIO DOS SANTOS
— RUA MANOEL TOINHO —
Nascido em: 1863
Falecido em: 1939

DADOS: Foi agropecuarista e comerciante durante muitos anos. Foi Delegado civil durante a administração de João Inácio de Lucena.

46 — JOSÉ INÁCIO DE LUCENA
— RUA ZEQUINHA LUCENA —
Nascido em: 03.05.1924
Falecido em: 13.12.1970

DADOS: Era agropecuarista. Filho de Pedro Pereira de Lucena. Foi vereador e candidato a vice-Prefeito. Foi um dos grandes incentivadores de vaquejadas em Brejo Santo.

47 — LOURENÇO GOMES DA SILVA
— RUA VEREADOR LOURENÇO GOMES —
Nascido em: 12.01.1909
Falecido em: 05.12.1971

DADOS: Era sobrinho do Intendente Lourenço Gomes. Foi fiscal municipal durante muitos anos, tendo sido vereador. Foi um dos bons atores com que um dos grupos teatrais contou em nossa cidade.

48 — JOÃO RUFINO DA COSTA
— RUA VEREADOR JOCA RUFINO —
Nascido em: 15.02.1915
Falecido em: 19.08.1977

DADOS: Era agropecuarista e dedicado ao fabrico da rapadura na serra do São Felipe. Foi vereador de 1970 a 1972.

EDUCAÇÃO EM BREJO SANTO

RESENHA HISTÓRICA

É difícil de precisar quando o chamado HOMEM CIVILIZADO começou a ocupar o solo brejosantense. Certo, entretanto, é que a partir de 1858 as famílias aguabelenses que se mudaram para o sítio BREJO eram compostas de pessoas de elevado senso de responsabilidade e de insaciável desejo de desenvolvimento, incluindo o desejo pela educação.

Àquela época, em que o ensino era desenvolvido, quase que exclusivamente por professores particulares, o sítio BREJO não constituía uma exceção.

Foi em torno de 1887 que chegou ao Brejo o 1.º professor, na pessoa de MINO ISRAEL SAMUEL KREBS, que, segundo a tradição, veio do Jati (antiga Macapá), por convite de Manuel Inácio Bezerra.

Depois de KREBS, vieram outros, por ordem cronológica assim catalogados:

— PEDRO DA COSTA NOGUEIRA, proveniente de Milagres;
— JOSÉ DE SOUZA CAMILO FILHO, professor dos filhos do Coronel Basílio;
— VALERIANO SOARES DA MOTA, do sopé da serra do Araripe.
— JOAQUIM FERRAZ DOS SANTOS, natural de Porteiras;
— Em 1892, chegou a Brejo Santo o 1.º professor público, representado por GENUÍNO LIMA ROLDÃO, que vinha transferido de Porteiras;
— Em 1897, chega BALBINA LÍDIA VIANA ARRAIS, prove-

— niente de Lavras de Mangabeiras, iniciando uma nova fase na história da educação no município.

Como o número dos que necessitavam de escola era muito elevado, ainda nessa fase, necessitou-se utilizar professores particulares.

— Foi nesse período que chegou a Brejo o professor JOÃO INOCÊNCIO DA SILVA, proveniente de Flores do Pajeú, em Pernambuco;
— O PADRE JOÃO CASIMIRO VIANA, que ensinou Português, Francês e Latim aos jovens mais adiantados, especialmente aos filhos do Coronel Basílio;
— ANTÔNIO SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO, foi professor e também sacristão da igreja matriz, por volta de 1893.
— ANTÔNIO GOMES DE SANTANA, conhecido por Antônio Generosa, que também fabricava fogos de artifício;
— JOÃO SIMPLÍCIO DO NASCIMENTO, que foi professor e sacristão como seu pai;
— SECUNDINO E JOANA BROCO, que ensinaram, de preferência a alunos pobres;
— PEDRO NOGUEIRA e TEÓFILO LEITE CABRAL, provenientes da cidade de Milagres;
— Em 1925, foi instalado o COLÉGIO SÃO JOSÉ, dirigido por PEDRO GOMES DA SILVA BASÍLIO, contando ainda como professores: JOAQUIM GOMES DA SILVA BASÍLIO e o PADRE JOÃO ALBOINO PEQUENO;
— D.ª LILI GRANGEIRO, esposa de Ibiapino Grangeiro;
— PADRE LEOPOLDO FERNANDES PINHEIRO;
— Em 1930 chegavam ao Brejo Santo, provenientes de Fortaleza, D.ª MARIA ISA DOS SANTOS e MARIA DO CARMO DOS SANTOS, que mantiveram escolas até 1933;
— ISOLINA GOMES DE SÁ e MARIA DO CARMO SIMPLÍCIO, que foram muito úteis à comunidade estudantil;
— Com o crescimento do ensino público, foram professoras **na sede:**

PEDROZINHA VIANA ARRAIS
ROSA ALVES ROBERTO
FIRMINA DE JESUS RIBEIRO (Santa do Padre)
AURISTELA VIANA ARRAIS
SABINA GOMES DE SOUZA
SEBASTIANA TAVARES DE MOURA
ALTINA GEORGINA ARRAIS
ANTONIETA GOMES DE ARAÚJO
HERACLIDES LUCENA MIRANDA
MARIA NELI NICODEMOS DA CRUZ
ISALTINA LUCENA SIQUEIRA

e na zona rural:

RAIMUNDO MOREIRA LUNA (Olho Dágua)
MARIA CONCEIÇÃO NETA (Pau Branco)

— O município também organizou-se para participar da luta contra o analfabetismo e, em 1940, já possuía:
— ESCOLA DO BAIXIO DO BOI — Prof.ª Maria Carmelita de Lucena
— ESCOLA DAS DUAS LAGOAS — Prof.ª Clotildes Moreira Tavares
— ESCOLA DA PASSAGEM DE PEDRAS — Prof.ª Eliza Soares Nogueira.

ALÉM DA ALFABETIZAÇÃO

— LINDOLFO RAMALHO, que manteve um colégio no prédio do Paço Municipal;
— INSTITUTO PADRE VIANA, fundado pelo prof. José Teles de Carvalho em 1941, que funcionou até 1960;
— JOSÉ LUIZ RAMOS, proveniente de Lavras de Mangabeiras, que manteve uma escola particular;
— COLÉGIO PADRE ABATH, fundado em 1958, com as 4 séries ginasiais ao que foi acrescido o curso normal em 1963, no qual participaram como professores:

NEUZELIDE NUNES PINHEIRO
MARIA BEATRIZ FEIJÓ
MARIA LENIRA MACEDO e
MARIA TIBURTINO DE MOURA
JÚLIO MACEDO COSTA — Diretor e Fundador

— COLÉGIO PADRE VIANA, que foi uma continuidade do Instituto, levado à frente pelo Prof. JOSÉ TELES DE CARVALHO, que conta hoje com os cursos: ginasial, técnico, normal e científico, onde estudam mais de 1.000 alunos;

MACEDO COSTA, onde estudam mais de 1.000 alunos.

Na sede conta-se ainda com as seguintes UNIDADES DE ENSINO:

— Em 02.03.1967 foi criado o COLÉGIO ESTADUAL BALBINA VIANA ARRAIS, sob a direção do professor JÚLIO

GRUPO PADRE PEDRO RIBEIRO
GRUPO JOAQUIM GOMES BASÍLIO
GRUPO JOSÉ MATIAS SAMPAIO

— Atualmente a Prefeitura Municipal mantém quase 200 escolas, espalhadas em todos os recantos do município;

— **UM TÓPICO**: Atualmente Brejo Santo possui em torno de 170 estudantes universitários espalhados por quase todas as Universidades do Nordeste, o que demonstra o grande interesse da juventude brejo-santense pelo estudo.

ORIGENS

Brejo Santo é um município, cujas famílias, numa atitude natural, realizaram tão alto grau de cruzamentos, que com toda certeza, nenhuma delas pode dizer-se pura em relação à sua linhagem familiar.

Não soubéssemos que o fenômeno ocorreu naturalmente, daria para levantar a suspeita de que tivesse havido uma orientação de pura etnia científica, com a finalidade de prevenir taras e associações indesejáveis.

Feita a ressalva de que nenhuma família apresenta linhagem pura, passaremos a indicar a origem de cada uma delas, dando como limite superior a chegada de seu fundador às nossas terras e como limite inferior a geração anterior à nossa, de forma que cada um que desejar levantar sua árvore genealógica, não a terá completamente, porém encontrará uma delimitação até o seu fundador.

1 — FAMÍLIAS: BASÍLIO
BASTOS
LOURENÇO
NICODEMOS

Englobamos num só item as 4 famílias pelo fato de que o tronco de todas é comum.

Todas elas provêm de: JOSÉ FRANCISCO DA SILVA e ANA JOAQUINA DA ROCHA PITA, que chegaram ao sítio BREJO em 1858, trazendo seus filhos:

BASÍLIO GOMES DA SILVA, que casou com Maria da Conceição de Jesus, de onde provêm as famílias BASÍLIO e NICODEMOS, pois JOSÉ NICODEMOS DA SILVA, filho do casal, originou a família NICODEMOS.

ANTÔNIO GOMES DA SILVA BASTOS, casado com Tereza Maria da Conceição, cujos descendentes usaram o nome BASTOS como sobrenome, dando origem à família.

LOURENÇO GOMES DA SILVA, casado com Inácia Gomes de Moura, cujos descendentes usaram o nome LOURENÇO como sobrenome, dando origem à família.

LUIZA GOMES DA SILVA, casada com Manoel da Rocha Pita, fundadores da família AMBRÓSIO, como veremos adiante.

VICTOR JOSÉ MODESTO e INÁCIO GOMES DA SILVA, que não fixaram residência aqui, voltando o primeiro para Águas Belas e o segundo indo para Araripina.

FILHOS DE BASÍLIO GOMES DA SILVA:
— Manoel Gomes da Silva Basílio
— João Gomes da Silva Basílio
— Joaquim Gomes da Silva Basílio
— Francisco Gomes da Silva Basílio
— Antônio Gomes da Silva Basílio
— Pedro Gomes da Silva Basílio
— e as filhas: Maria, Ana, Antônia e Donina.

2 — FAMÍLIA INÁCIO OU INÁCIO BEZERRA

A família tem sua origem em INÁCIO GOMES DE BARROS, que ao residir no sítio BEZERRA, em Caruaru - Pe., ganhou o apelido BEZERRA, que adotou.

INÁCIO GONÇALVES BEZERRA ao chegar ao sítio BREJO, trazia seus irmãos:

— CÂNDIDA CAVALCANTE DE BARROS, que casou com João Matias Sampaio, dando origem aos MATIAS SAMPAIO em Brejo Santo, como veremos adiante.
— JOÃO GOMES DA SILVA, que casou com Joana Maria de Santana.
— ANA JOAQUINA DA ROCHA PITA, casada com José Francisco da Silva.
— ANTÔNIO PEDRO DA SILVA, que deu origem à família ANSELMO.
— MANOEL DA ROCHA PITA, que casou com Luíza Gomes da Silva.

FILHOS DE INÁCIO GONÇALVES BEZERRA:
— CARLOTA MARIA GOMES, que deu origem à família CARLOTA;
— TIAGO INÁCIO BEZERRA, casado com Donina Gomes da Silva, filha do Coronel Basílio;
— CASSIANO INÁCIO BEZERRA, casado com Antônia Leite, filha de Antônio Leite Rabelo da Cunha;
— JOÃO GOMES DA SILVA, casado com Conceição Leite, filha de Antônio Leite Rabelo da Cunha;
— FRANCISCO INÁCIO BEZERRA, que faleceu solteiro;
— BENEVENUTO INÁCIO DA PAIXÃO, casado com Maria Gomes da Silva, filha do Coronel Basílio;
— MARIA INÁCIO DA PAIXÃO, casada com Benigno Leite de Figueiredo;
— AGNELA INÁCIO BEZERRA, casada com Antônio Inácio da Silva Torres;
— ANTÔNIA INÁCIO BEZERRA, casada com João Gomes da Silva Basílio;
— ANTÔNIO GOMES DA SILVA, casado com Maria Gomes da Silva Basílio;
— MANUEL INÁCIO BEZERRA, que casou com 2 filhas de Antônio Leite Rabelo da Cunha, dando origem ao núcleo central da família.

Por ter sido uma das pessoas mais influentes da época, e, ainda pelo fato de que todos os seus filhos foram do sexo feminino, foi um dos que fez maior entrelace familiar, através de suas filhas:

do 1.º casamento:

— Luzia Leite de Figueiredo, casada com Francisco Gomes da Silva Basílio;
— Carmina Leite de Figueiredo, casada com Cassiano Inácio Bezerra Sobrinho;
— Maria Leite de Figueiredo, casada com Napoleão de Araújo Lima;
— Antônia Leite de Figueiredo, casada com Pedro Gomes da Silva Basílio;

do 2.º casamento:

— Engrácia Leite de Figueiredo, casada com José Matias Sampaio;
— Altina Leite de Figueiredo, casada com Gerson Gomes de Lucena;
— Possina Leite de Figueiredo, casada com José Celião de Araújo.

3 — FAMÍLIA LUCENA — (CHICOTE)

Os Lucenas de Brejo Santo são descendentes do casal: PEDRO PEREIRA DE LUCENA e MARIA DAS DORES DE JESUS, que residiam em Nazaré, distrito de Sousa - Paraíba, cujos filhos vieram para Brejo Santo.

FILHOS DE PEDRO PEREIRA DE LUCENA:

— FRANCISCO CHAGAS DE LUCENA, que deu origem à família CHAGAS;

— PEDRO PEREIRA DE LUCENA;
— ANTÔNIA PEREIRA DE LUCENA, que casou com Gabriel Pedrosa, dando origem aos GABRIEL e PEDROSAS;
— MARIA SOFIA DE JESUS, casada com João Mendes de Lucena, também proveniente de Sousa, tendo 2 filhos:
  — ANTÔNIA MENDES DE LUCENA, que casou com Felinto Gomes da Silva, dando origem à família FELINTO;
  — FRANCISCO MENDES DA SILVA, que deu origem à família MENDES;
  — FRANCISCO PEREIRA DE LUCENA, casado com Donina Maria de Jesus, filha de Manoel Inácio dos Santos (um dos irmãos Santos), cujos filhos formaram os LUCENAS, conhecidos como CHICOTES, devido ao apelido do pai.

FILHOS DO CASAL:

— João Inácio de Lucena
— Manoel Inácio de Lucena
— Joaquim Inácio de Lucena
— José Inácio de Lucena
— Pedro Pereira de Lucena
— Francisco Pereira de Lucena Filho
— Josefa Inácio de Lucena
— Maria das Dores de Lucena
— Joaquina Inácio de Lucena

4 — FAMÍLIA AMARO OU ARAÚJO LIMA

A família provém de AMARO FLORENTINO DE ARAÚJO, que foi assassinado pelos seus próprios escravos, quando viajava para Pernambuco, deixando seus filhos:

— JOSÉ FLORENTINO DE ARAÚJO LIMA, casado com Antônia Gomes de Araújo;
— JACINTO DE ARAÚJO LIMA, casado com Ana Tereza de Jesus, dando origem à família JACINTO;
— FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA, casado com Maria Alves de Araújo;
— MARIA GOMES DE ARAÚJO;
— ANTÔNIA ALBÉRIA DE ARAÚJO, casada com Plácido Inácio de Medeiros, dando origem à família PLÁCIDO;
— FRANCISCA URSULINA DE ARAÚJO, cuja descendente RITA URSULINA DE MEDEIROS, deu origem à família RODRIGUES, casando com Manoel Rodrigues;
— AMARO FLORENTINO DE ARAÚJO LIMA;
— JOAQUIM FLORENTINO DE ARAÚJO;
— ANA DE ARAÚJO LIMA;;
— ANTÔNIO DE ARAÚJO LIMA;
sendo que alguns dos filhos voltaram ao Pernambuco, de onde eram provenientes.
— JOAQUINA FLORENTINO DE ARAÚJO, casada com João Celião de Moura.

5 — FAMÍLIA MATIAS SAMPAIO

São descendentes do casal: JOÃO MATIAS SAMPAIO e CÂNDIDA CAVALCANTE DE BARROS, que tiveram como filhos:
— FRANCISCO MATIAS SAMPAIO;
— JOAQUIM MATIAS SAMPAIO;
— MANOEL MATIAS SAMPAIO;
— CORNÉLIO MATIAS SAMPAIO;
— RAIMUNDO MATIAS SAMPAIO;
— ELIZEU MATIAS SAMPAIO;
— JOÃO MATIAS SAMPAIO;

Do filho JOÃO MATIAS SAMPAIO, com o mesmo nome do pai, são descendentes:

— ELIZEU MATIAS SAMPAIO ,que faleceu no Amazonas;
— MANOEL MATIAS SAMPAIO, que casou 3 vezes: Camila Lacerda Morais, Maria Leite de Moura e Expedita Alves Oliveira;
— ANTÔNIO MATIAS SAMPAIO, casado com Raimunda Celião de Moura;
— JOSÉ MATIAS SAMPAIO, casado com Engrácia Leite de Figueiredo;
— AURORA MATIAS SAMPAIO, casada com Cassiano Inácio Sobrinho;
— MARIA MATIAS SAMPAIO, casada com Raimundo Tavares, de Porteiras;
— SINOBILINA MATIAS SAMPAIO, casada com Antônio Vidal, do Jati;
— GUALTERINA MATIAS SAMPAIO, casada com João Rodrigues de Macedo.

6 — FAMÍLIA ALVES DE MOURA

São descendentes de JOÃO ANTÔNIO ALVES DE MOURA, que chegou ao Brejo proveniente de Nazaré, distrito de Sousa - Pb., assim como os Lucenas. Eram seus filhos:

— HERÁCLITO ALVES DE MOURA;
— MANOEL ALVES DE MOURA;
— JOSÉ ALVES DE MOURA.

Quando João Antônio Alves de Moura chegou ao Brejo, vinha acompanhado dos seus irmãos:

— SABINO ALVES DE MOURA, que deu origem à família SABINO;
— SEBASTIÃO ALVES DE MOURA, que casou na família Cabral;
— JOSÉ LEOCÁDIO ALVES DE MOURA;

— ANA TEREZA DE JESUS, que casou com Jacinto de Araújo Lima;
— BALBINA ALVES DE MOURA, que casou com Manoel Tavares, ascendentes das BEZINHAS.

7 — FAMÍLIAS: CELIÃO E MADEIRO

Provêm de Antônio Silião BISPO, que era filho do casal ANTÔNIO PEREIRA LIMA e RITA MARIA DA CONCEIÇÃO e irmão de João Gomes de Moura.

FILHOS DE ANTÔNIO CELIÃO BISPO:

— MANOEL CELIÃO DE MOURA, casado com Ana Gomes da Silva;
— JOÃO CELIÃO DE MOURA, casado com Joaquina Florentino de Araújo;
— JOAQUIM CELIÃO DE MOURA, cujo apelido era MADEIRO, que deu origem à família.

8 — FAMÍLIA MOURA LEITE

São provenientes de JOÃO ALVES DE MOURA, que era filho de FRANCISCO ALVES DE MOURA, que doou as terras para a formação do patrimônio do Coração de Jesus.

JOÃO ALVES DE MOURA casou com uma filha do Major Antônio Leite Rabelo da Cunha, dando origem à família MOURA LEITE, tendo como filhos:

— MANOEL LEITE DE MOURA, casado com Antônia Leite;
— JOSÉ LEITE DE MOURA;
— ANA LEITE TAVARES, casada com Pedro Tavares Moreira;
— MARIA LEITE TAVARES, casada com Alexandre Pereira.

9 — FAMÍLIA SÁ BATINGA OU GOMES DE SÁ

A família é descendente de FRANCISCO SÁ BATINGA, proveniente de Cabrobó, no Pernambuco, que foi um dos pioneiros na montagem de BOLANDEIRAS, precursoras das máquinas de descaroçar algodão.

Dentre seus filhos, 3 participaram da formação do clã familiar de Brejo Santo:

— JOSÉ BATINGA, casado com Gertrudes, cujos filhos são:
  — Regina Gomes de Sá
  — Maria Gomes de Sá
  — Manoel Gomes de Sá
  — Antônio Gomes de Sá
  — Tobias Gomes de Sá
  — Sidônio Gomes de Sá
  — Horácio Gomes de Sá
  — Maroca Gomes de Sá
  — Santa Gomes de Sá

— JOAQUIM BATINGA, cujos filhos são:
  — Adelina Mendes de Sá
  — Maizinha Mendes de Sá
  — Antônia Mendes de Sá
  — Emília Mendes de Sá
  — Santana Mendes de Sá
  — Vicente Mendes de Sá
  — Tibúrcio Mendes de Sá

— APRÍGIO BATINGA, cujos filhos são:
  — José Aprígio
  — Maria Aprígio
  — Maizinha Aprígio.

10 — FAMÍLIA AMBRÓSIO

São provenientes do casal MANOEL DA ROCHA PITA e LUIZA GOMES DA SILVA. Do casal nasceu AMBRÓSIO DA ROCHA PITA, que casou duas vezes. Da 1.ª esposa, Manoela

da Rocha nasceram:
— Sérgio Ambrósio da Rocha
— Antônio Ambrósio da Rocha
— Olímpia Ambrósio da Rocha
— Júlia Ambrósio da Rocha.

A segunda esposa foi Josefa Inácio de Lucena, viúva de José Gomes da Silva, que tinha 6 filhos:

— Louzinha Gomes de Lucena
— Francisca Gomes de Lucena
— Francisco Gomes de Lucena
— Dorina Gomes de Lucena
— João Gomes de Lucena
— Pergentina Gomes de Lucena.

Do casamento de AMBRÓSIO DA ROCHA PITA e Josefa Inácio de Lucena, nasceram 6 filhos:

— Dionísio Rocha de Lucena
— Josefa Rocha de Lucena
— Maria Ambrósio de Lucena
— Manoel Ambrósio de Lucena
— João Ambrósio de Lucena
— Ana Ambrósio de Lucena.

11 — FAMÍLIA MARTINS DE MORAIS:

São provenientes do Capitão BARTOLOMEU MARTINS DE MORAIS, português, casado com a baiana Ana Maria Ferreira, de cujo casal nasceu Joana Martins de Morais, que casou com o Coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha, que era filho de Gonçalo de Oliveira Rocha.

PEDRO MARTINS DE OLIVEIRA ROCHA casou com Francisca Martins Cardoso, filha de Antônio Cardoso dos Santos.

FILHOS DE PEDRO MARTINS DE OLIVEIRA ROCHA:

— MARIA MARTINS CARDOSO, que casou com Pergentino Martins de Morais, filho de Antônio Manoel de Morais e Ana Martins Furtado, que só tiveram 1 filho: Pedro Martins Cardoso de Morais.
— ANTÔNIO MARTINS CARDOSO, casado com Amélia Martins Barreto, de quem são filhos:
  — Luiz Martins Barreto
  — João Martins Barreto
  — Maria Martins Cardoso (Da. Sinhá)

— PEDRO MARTINS CARDOSO, de quem são filhos:
  — Maria Pia Martins Cardoso
  — Alice Martins Cardoso
  — José Martins Cardoso.

UM CIVILIZADO DO CARIRI

Pe. Antônio Gomes de Araújo

(À memória de Victor José Modesto, irmão de Basílio Gomes da Silva e co-fundador da cidade pernambucana de Araripina)

"... a vida conspícua de um varão sintetiza tudo quanto há de mais grandioso e edificante, através da história da humanidade".

Mário Linhares
(In Rev. da Academia Cearense de Letras, fls. 31 — 1954)

"... Cel. Basílio, que por muitos anos ocupou ali (em Brejo dos Santos) o mesmo cargo (de prefeito municipal) na quadra mais terrível por que tem passado o sul do Estado nas suas freqüentes mutações políticas, imprimindo tão honesta, pacífica e segura orientação, que conquistou para aquela localidade o título de "Seio de Abraão..."

"O Araripe", 11-10-1919 — (CRATO - Ceará), de **José Alves de Figueiredo**, jornalista e poeta.

"... O venerando coronel Basílio Gomes da Silva... foi uma das figuras de mais relevo, de mais larga projeção, de atuação mais acentuada, na vida pública desta região, mormente em seus períodos mais agitados... Brejo dos Santos isolava-se em meio às tormentas que batiam de todos os lados, como um oásis de paz, de bem-estar e segurança, graças à ação

prudente e pacífica de seu ilustre chefe... que era, com justiça, tido naquela cidade, como o patriarca da terra". (Padre Leopoldo Fernandes, "Basílio Gomes da Silva", págs. 1 e 2, Tip. Mainha, Crato - Ceará, 1940).

O CENÁRIO

O brejo, em cuja orla ergue-se a atual cidade cearense de Brejo Santo, sede do município caririense de idêntico nome, foi, em seus primórdios e ao longo de muitos anos, o coração da fazenda "Brejo", e, ao que parece, o núcleo social, primeiro, daquela comuna, à qual deu o seu nome, depois acrescido de — Santos — apelativo de antigos donos da fazenda "Nascença", limítrofe de sua congênere, mencionada.

Embora uma tradição de 240 anos, oral e escrita, atribua à viúva baiana, Maria Barbosa, o título de pioneira do senhorio das citadas fazendas, recebida em datas de sesmaria; apesar de o alagoano, tenente-coronel Antônio Mendes Lobato e Lira, haver conseguido — 28-1-1714 — terras na região, no "Brejo da Barbosa" (1), não obstante estes fatos ponderáveis, em verdade o véu de certa obscuridade envolve, ainda, os cinqüenta primeiros anos da vida histórica das mesmas fazendas, células matrizes da cidade brejosantense.

É historicamente certo, entretanto, que, em 1769, a fazenda "Brejo" era propriedade do casal baiano-caririense, aí domiciliado, Francisco Pereira Lima - Teodora Maria da Conceição, sendo, ela, filha legítima dos baianos, alferes Gonçalo Coelho de Sampaio e s.m. Lourença Barbosa de Melo, troncos, neste Cariri, dos Sampaio, dos Coelho, e dos Correia, de Barbalha e Jardim, e ascendentes dos descendentes de Basílio Gomes da Silva, de Brejo Santo, entre os quais sou numerado.

Falecidos em datas diferentes, Francisco Pereira Lima e Teodora Maria da Conceição legaram a fazenda "Brejo", in-

(1) Datas de Sesmarias, Vol. 10 — Fortaleza-Ceará.

teiriça, a seus filhos, cuja descendência a vendeu, retalhadamente, no curso de todo o século passado, acontecendo que uma parte coube ao alvo deste trabalho, Basílio Gomes da Silva, pelo casamento contraído, 1869, com Maria da Conceição de Jesus, trineta daquele casal patriarcal (2).

Configurado dentro na região nordestina em que surgiu e medrou uma civilização curraleira, e projeção dela no Cariri — o território atual do município de Brejo Santo constituiu-se numa vasta paisagem pastoril de extensas fazendas de gado vacum, durante os séculos 18 e 19, restringindo-se, a agricultura, ao consumo local.

Na sexta década do último século, referido, resumiam a aristocracia local, entre outros: os Pereira Lima, ramos do citado Francisco Pereira Lima; os Pereira de Lucena e os Alves de Moura, originários da Paraíba; os Martins, procedentes de Portugal, na pessoa de seu tronco, Bartolomeu Martins de Morais; os Cardoso, de Barbalha, Ceará; os Sá Batinga, vindos de Cabrobó, Pernambuco; os Gomes da Silva, alguns portando o sobrenome — Bezerra — mas todos pertencentes ao mesmo clã parental, fundado pelo português Manuel Gomes da Silva, e emigrados do município pernambucano de Águas Belas.

Nos poucos, pouquíssimos latifúndios pastoris, que cobriam a região, agitava-se uma população rarefeita, constituída de assalariados, meeiros e rendeiros, gente humilde, mas heróica.

Nenhuma instrução havia, nem aglomerado humano ou urbano. O centro religioso e civil estava em Jardim, de cujo

(2) Liv. de Reg. de Óbitos, 1769, fls. 7, paróquia de M. Velha — Idem, 1792-1824, Capela de Milagres — Liv. de reg. de Batizados, 17488-64, fls. 38, M. Velha — Liv. de "Notas", 1770-85, fls. 135 e segs. Cartório de Antônio Machado, Crato-Ce.. Idem, 1811-17, fls. 4, Cartório cit. — Idem, 1813-14, fls. 104 e seg. Cartório cit. Idem 1902-3, fls. 24. Cartório de Pedro Nicodemos de Araújo, Brejo Santo-Ce. Inventário de João Pereira Lima, Cartório de Jardim-Ce., então, de Lúcio de Sá Barreto.

município e paróquia dependia esse rincão caririense.

O brejo do sítio "Brejo", destinava-se, logicamente, para o centro urbano, religioso e político da terra, consideradas suas aguadas perenes, as quais ofereciam pouso obrigatório, ponto de cruzamento, que era, e é, das estradas que, do sertão pernambucano e de Jardim, conduziam às zonas dos rios Salgado e Jaguaribe, e S. João do Rio do Peixe, na Paraíba. A Transnordestina incide sobre a 1.ª estrada.

Pelo curso do ano de 1858, na área da atual cidade de Brejo Santo, recortavam-se os perfis de duas casas apenas, o prédio-logradouro dum curral de gado bovino, de propriedade do coronel Aristides Cardoso dos Santos, e a vivenda de Antônio José de Sousa (3) e sua esposa Senhorinha Pereira Lima, bisneta do aludido patriarca do sítio "Brejo", Francisco Pereira Lima, Antônio e Senhorinha casaram sua filha, Maria da Conceição de Jesus, com Basílio Gomes da Silva, conforme já escrevi.

NO SÍTIO "BREJO"

Nesse cenário e naquele ano, Basílio Gomes da Silva, aos 12 anos de idade — nascera, 14 de julho de 1846, na vila pernambucana de Águas Belas — surgiu na companhia de seus país, os pernambucanos José Francisco da Silva, de Buique, e Ana Maria Gomes da Silva, (4) também de Águas Belas. Ana foi filha do casal luso-baiano, Manuel Gomes da Silva - Cândida da Rocha Pita, filha, por sua vez, de outro casal luso-baiano, capitão-mor João da Rocha Pita - Cândida da Rocha Pita, senhores, na segunda metade do século 18, de extenso latifúndio pastoril em Baixa-Verde, atualmente Triunfo, no Estado de Pernambuco.

(3) Natural de Porto da Gamela, Recife, Pernambuco.

(4) Ana Maria Gomes da Silva, faleceu, (4 meses depois de sua chegada ao sítio Brejo), 6-8-1858, Liv. de reg. de Óbitos, paróquia de M. Velha, 1851, 59, fls. 152. Está sepultada na Matriz de Milagres.

Acompanharam Basílio Gomes da Silva, seus irmãos, dos quais era o benjamin: Antônio Gomes da Silva Bastos, Lourenço Gomes da Silva, Luzia Gomes da Silva, Victor José Modesto e Inácio Gomes da Silva. Exclusão feita dos dois últimos, tendo, Inácio, voltado a Águas Belas, onde fundou numerosa descendência, e Victor, se retirado para Pernambuco, e, no sítio S. Gonçalo de Saubem, lançado uma das raízes sociais da atual Araripina, exclusão feita dos dois últimos, repito, Basílio Gomes e os outros imigrados, seus irmãos, fixaram-se definitivamente à margem do brejo da fazenda "Brejo", sob a direção do pai.

A Basílio Gomes e irmãos, logo se vieram juntar, vindos igualmente de Águas-Belas, donde eram naturais, alguns primos, filhos de sua tia materna, Joana Maria Gomes, casada com o pernambucano Inácio Gonçalves Bezerra, "Inacinho", que acompanhou os filhos, todos adultos. Foram eles: João Gomes da Silva, bisavô meu, e do deputado José Napoleão de Araújo; Manuel Inácio Bezerra, Joaquim Gomes da Silva Torres; Carlota Maria Gomes; Félix Inácio Bezerra e Antônio Inácio Bezerra. Deixaram em Pernambuco 4 irmãos casados. Alguns de seus descendentes vieram, em seguida, estabelecer-se, por igual, no então Brejo dos Santos. Designo, nominalmente, os quatro: Cândida Gomes da Silva, c. c. João de Barros Cavalcante; Maria Francisca Gomes da Silva, c. c. o alferes José Pereira Nunes, avós do farmacêutico pioneiro de Brejo Santo, João Anselmo e Silva, pai do tenente Otacílio Anselmo; Luzia Inácio Bezerra, c. em primeiras núpcias com Antônio Nunes Barreto; Ponciana Maria Bezerra, que foi casada e deixou prole.

Basílio Gomes, seus irmãos e primos constituíram famílias numerosas em Brejo Santo, de que são co-construtores respeitáveis.

Dessa maneira, os descendentes de Manuel Gomes da Silva e Cândida da Rocha Pita, em breve se converteriam num poderoso clã parental na nova terra que adotaram por pátria,

clã sempre reforçado pela inclusão de novas famílias através de uniões matrimoniais. Por exemplo: com os Lucena, os Alves de Moura, os Araújo Lima, os Leite Rabelo.

O clã, de consangüíneos e afins, assim estruturado no campo social, assumiria o caráter de incontrastável força política local, se surgisse uma têmpera de chefe que lhe imprimisse unidade sólida e direção segura.

Basílio Gomes da Silva seria o chefe social e político desse clã, posição que lhe conquistou, com justiça, o título de Patriarca de Brejo dos Santos, na expressão do padre Leopoldo Fernandes (5).

INICIAÇÃO POLÍTICA

Como já foi escrito, Basílio Gomes matrimoniou-se no ano de 1869 com a jovem Maria da Conceição de Jesus, filha, neta, bisneta, tataraneta e tetraneta, respectivamente, de Antônio José de Sousa, Antônio Pereira Lima, tenente João José Moreira Guimarães, Francisco Pereira Lima e alferes Gonçalo Coelho de Sampaio. Maria da Conceição, ou dona Conceição, como era vulgarmente conhecida, seria a companheira ideal de Basílio Gomes, até 1919, quando faleceu, depois de lhe dar 11 filhos, dos quais formaram-se, por seu turno, troncos de famílias numerosas.

Já então, Basílio Gomes começava a impor-se no meio pela circunspecção, a palavra sóbria, o juízo exato, a mentalidade aberta, o empreendimento e realização largos, a energia temperada, o ímpeto progressista, a iniciativa fecunda, a inflexibilidade de caráter, o faro da realidade, a perspicácia, a maleabilidade no trato com os homens, o poder catalizador, a bondade nata, a decisão ponderada, o poder de direção, a aversão à violência e o apego intransigente às soluções pacíficas.

(5) Op. Citada

Em 1864, os principais da terra constituiram-no seu representante junto aos políticos de Jardim, e estes, a ele, seu cabo eleitoral, no sítio "Brejo".

Nessa ocasião, ele inscreveu-se no Partido Conservador, fato decisivo em sua vida de homem público, pois, desde então, foi o chefe político de Brejo Santo até 1920, 16 anos à frente do poder executivo municipal.

TEMPLO E POVOAÇÃO

Basílio Gomes da Silva criou-se o complexo da grandeza de seu rincão adotivo. Afora o sentimento religioso, que ele possuía, profundo, a experiência lhe falava da influência social dos templos na gênese das povoações. Por motivo religioso e político, conseguiu, à frente de um grupo de amigos, do então vigário de Jardim, padre Joaquim de Sá Barreto, parente de sua esposa, a presença do padre Ibiapina na fazenda "Brejo", quando esse Apóstolo do Nordeste missionava em Porteiras e Goianinha (Jamacaru).

No curso das pregações Ibiapina traçou os limites e lançou a pedra fundamental dum templo dedicado ao Coração de Jesus, templo em torno do qual se formaria a futura cidade. (a)

Basílio Gomes inspirou atividades e estimulou esforços, dirigidos no sentido da construção da modesta capela, fadada a converter-se em ampla matriz, cujo patrimônio foi oferecido por Francisco Alves de Moura, que Basílio Gomes fizera sogro de seu irmão, o citado Lourenço Gomes. E foi além. Criou a mentalidade da construção de residências em derredor do templo, mentalidade urbanista. Orientou alinhamentos. Diante de seu dinamismo e olhos progressistas, começou a surgir o casario. Era a povoação.

(a) Terminada em 1909, a Matriz de Brejo Santo teve sua nave lateral esquerda construída pela bolsa de meu avô materno, José Florentino de Araújo Lima.

O DISTRITO

Basílio Gomes, por si e pelos do Brejo dos Santos, agiu sobre os políticos de Jardim com o fim de obter, para a terra, os foros de distrito. Satisfeita a pretensão, no mesmo ano, ele assumiu a chefia política da nova circunscrição administrativa municipal, cabendo, as funções policiais, a um seu irmão, o mencionado Victor José Modesto.

A FREGUESIA

Basílio Gomes cooperou indireta e superiormente para a criação da freguesia de Brejo Santo.

No primeiro semestre do ano de 1875, d. Antônio Luiz dos Santos, primeiro bispo desta província, encontrava-se nesta cidade de Crato, empenhado na construção do prédio do Seminário, que hoje branqueja a cavaleiro de nossa urbe, como um marco quase secular, de superior civilização no Cariri. Basílio Gomes lançou a idéia da criação da paróquia, entre os brejosantenses qualificados, e encabeçou o apelo escrito, que, neste sentido, e com a aprovação prévia do vigário de Jardim, foi dirigido ao ilustre Antiste por intermédio do referido pároco, que se fez patrono dos peticionários. Entre outros, assinaram o documento: coronel Francisco Alves de Moura, Francisco de Sá Batinga, capitão Francisco Pereira de Lucena, João Gomes da Silva, Joaquim Gomes da Silva Torres, Antônio Gomes da Silva Bastos, Manuel Inácio Bezerra e Antônio Silião Bispo.

Resultado positivo, pois a Lei Provincial número 1.708, de 25 de julho do ano de 1876, criou a freguesia e lhe traçou os limites, destacando-a das paróquias de Milagres e Jardim (I). E, dela, tomou posse, seu primeiro vigário, 2-9-1877, o padre Francisco Lopes Abath, de ilustre família cratense e tio materno do honrado Teopisto Abath, residente nesta cidade (II).

(I) Padre Belarmino José de Sousa, Visita Pastoral, pág. 51 e seg. — Fortaleza.

O vigário era pobre. A freguesia, pobre também, começava a sofrer os terríveis efeitos da seca, que se prolongaria até 1879, acompanhada de incursões dos grupos dos bandidos dos Quirinos, dos Calangros e outros, freqüentes na nova paróquia, cuja escrita acusou, no ano de 1878, 126 batizados e 16 casamentos (6)!

Em 1884, escrevia o pároco padre Abath, que aquela seca e os bandidos haviam despovoado bastante a freguesia, reduzindo o povoado de Porteiras a 8 habitantes (7)!...

Durante os três anos secos, e o seguinte, 1880, Basílio Gomes organizou e dirigiu um bloco de pessoas generosas que mantiveram economicamente o vigário, ou, melhor, auxiliaram-no.

Cinco anos depois da mencionada crise, o padre Belarmino Gomes de Sousa achou-se em Brejo dos Santos, secretariando d. Joaquim José Vieira, sucessor do dito d. Luiz Antônio dos Santos, e, em quem, aquela paróquia contemplava, pela vez primeira, um príncipe da Igreja, o qual permaneceu ali dois dias, de 29 a 30 de julho de 1884. O secretário escreveu: "Chegamos nesta paróquia na manhã de 29 de julho. Aí encontramos uma população pobre, mas prendada dos melhores predicados, convicta e animada para as nobres conquistas do trabalho, de que vive, na confiança de seus perseverantes esforços. Não obstante batida pelos bandos de sicários que no triênio da seca devastaram aquele e outros lugares, do que encontramos vestígios, a população de Brejo é bas-

(II) Liv. do Tombo, freguesia de Brejo Santo, 1º, Vol. fls. 198.

(6) Liv. de reg. de Batizados, paróquia de Brejo dos Santos, 1877-1884.

(7) Liv. do Tombo, paróquia de Brejo Santo, fls. 198-99.

tante valorosa e resignada na história que conta de seus infortúnios" (III).

"A casa que nos deram, em falta de outra, para hospedagem, foi a que serviu de trincheira de um dos grupos facinorosos, que sustentaram um tiroteio com outro grupo, não menos insolente, que disputava a posse do lugar". (8)

A VILA

Monarquista, Basílio Gomes dirigia, em Brejo Santo, a seção distrital do Partido Conservador, em nome dos chefes municipais de Jardim, como se disse. Como distintivo partidário, conservava a barba, que lhe era breve, uso com que transitou, sem mais esse simbolismo, para o regime republicano, e manteve até a sepultura.

O trânsito para a nova ordem instaurada no País em 15 de novembro de 1889, fê-lo, Basílio Gomes, sobretudo ao influxo da nítida compreensão do fato consumado, e tocado de acentuado civismo e olhos postos na grandeza de sua gleba. Mas, surpreendida a oportunidade, não aderiu sem explorá-la superiormente em benefício de seu distrito, exigindo, em compensação, a sua elevação à categoria de vila. Já então, Brejo Santo era parte do município de Porteiras, há pouco tempo criado.

A aspiração de esforços do chefe político brejosantense concretizaram-se nos termos do decreto número 49, de 26 de agosto de 1890, de autoria do Governador do Estado, Coronel Luiz Antônio Ferraz, que, nessa data e por esse decreto, criou a "Vila de Brejo dos Santos". (IV).

(III) Visita Pastoral, pág. 51, e seg. — Tip. de "O Libertador", Rua da Palma, nº 56 — Fortaleza - Ceará.

(8) Trata-se dos Quirinos e Calangros, adversários, nessa ocasião.

(IV) Livro de Lançamentos das Actas das Sessões do Conselho de Intendência da Villa de Brejo dos Santos, fls. 1 e 2.

O CONSELHO DE INTENDENTES

Os membros do Conselho de Intendência da nova vila Basílio Gomes indicou-os à nomeação governamental, e, todos, foram nomeados: Lourenço Gomes da Silva, seu irmão; Benevenuto Bezerra da Paixão, seu primo e genro; José Florentino de Araújo, seu compadre e sogro de um de seus filhos, José Nicodemos da Silva, meu pai, e José Moreira Tavares, seu compadre, a quem fez tabelião, o primeiro do novo município.

No dia cinco de novembro de 1890, em sessão extraordinária, presente Basílio Gomes, na qualidade de chefe político do município, aqueles Intendentes inauguraram a nova Vila, por intermédio do intendente Lourenço Gomes da Silva, antes eleito chefe do executivo pelos seus pares (9).

(9) Acta da Inauguração da nova Vila de Brejo dos Santos, como abaixo se declara:

"Aos cincos dias do mez de novembro do anno de mil oitocentos e noventa, na Sala das Sessões desta Casa, destinada para a realização das sessões do Conselho de Intendencia municipal desta Villa de Brejo dos Santos, creada por decreto do Governador do Estado, coronel Luiz Antonio Ferraz, número quarenta e nove (49), de vinte e seis de agosto do corrente anno, às dez horas da manhã, presentes os Intendentes Lourenço Gomes da Silva, Benevenuto Bezerra da Paixão, José Florentino de Araújo Lima e José Moreira Tavares, nomeados por acto do Governador do Estado, de vinte e seis de Agosto, tambem do corrente anno, e, todos, juramentados perante o Conselho de Intendencia Municipal da Villa de Porteiras, da qual foi esta Villa desmembrada, por acclamação foi escolhido o intendente presidente do Conselho, o intendente, cidadão Lourenço Gomes da Silva, o qual, após, tomou assento à cabeceira da mesa e convidou, para exercer as funções de secretário, ao intendente, cidadão José Moreira Tavares, o qual, assumindo o cargo, tomou seu respectivo logar. Em seguida, declarou, o presidente, que, havendo número legal de intendentes, declarava aberta a sessão. Então declarou inaugurada a Municipalidade desta Villa, e que se lavrassem oficios de participação da presente sessão ao Exmo. Governador do Estado, ao Conselho

O ADMINISTRADOR

Basílio Gomes fundou, e dirigiu até 1912, a seção brejo-santense do Partido Republicano Cearense, também vulgarmente chamado "Partido Aciolino", alusão ao supremo chefe estadual dessa agremiação partidária, o Governador Antônio Pinto Nogueira Acioli.

Eleita a primeira Câmara de Vereadores em 1892 (10) sob a influência decisiva do Patriarca, nela predominaram desde então, elementos a ele ligados, por parentesco, oligarquia que não degenerou nos males, a que a instituição conduz, graças ao espírito de Basílio Gomes, que conciliava a autoridade com a liberdade, quanto o permitiam as circunstâncias do meio e da época.

Nomeado chefe do executivo municipal em 1896 (11), cargo que já vinha exercendo desde 1893 por escolha dos intendentes, seus pares (12), manteve-se neste posto até 1909, inclusive (13).

---

de Intendencia Municipal de Porteiras, ao Doutor Juiz de Direito da Comarca e as autoridades e empregados publicos, aqui, existentes, da antiga Municipalidade. Para conhecimento de todos, lavrou-se a presente Acta. Determinou-se o dia seguinte para a instalação da primeira sessão ordinaria do mesmo conselho. Ordenou, o Presidente, que se extraisse uma copia da Acta e se remetesse ao Doutor Juiz de Direito da Comarca, para os devidos fins, e outra, para ser afixada em parte da Casa deste Conselho, para conhecimento dos povos deste Município. Do que, para constar, lavrei a presente Acta. José Moreira Tavares, servindo de Secretario, a escrevi. Sala das Sessões do Conselho da Intendencia de Brejo dos Santos, 5 de Novembro de 1890, Segundo Anno da República — Lourenço Gomes da Silva, 1º Presidente; Benevenuto Bezerra da Paixão; José Florentino de Araújo Lima; José Moreira Tavares." (Extraído do Livro de Lançamentos das Actas das Sessões do Conselho de Intendencia da Villa de Brejo dos Santos, fls. 1 e 2).

(10) Livro citado.
(11) Livro citado.
(12) Livro citado.
(13) Livro citado.

Estando tudo por fazer, foi esse, o período CRUCIAL da administração do município, o da construção. Apoucadíssimas, as rendas orçamentárias. O orçamento de 1891, por exemplo, consignou a receita de dois contos, setecentos e noventa mil réis, e a arrecadação somou apenas a quantia de seiscentos mil réis! Ainda, em 1908, a receita não ultrapassou um conto, quinhentos e cinqüenta mil réis.

Forrado da estrutura de administrador, expressa em iniciativas rasgadas, ação fecunda e honestidade catônica e profundo espírito público, Basílio Gomes impôs-se à confiança de seus munícipes.

No ano de 1898, esboçou o primeiro código de posturas do município. Apresentado à Câmara Municipal, em forma de projeto, discutido e aprovado, ele o promulgou no dia onze de novembro desse ano (14).

A 14 de junho do ano mencionado, a Câmara Municipal aprovou esta moção: "Paço da Câmara Municipal da Villa de Brejo dos Santos, em 14 de Junho de 1898. Ilmo. Sr. Tenente Coronel (15) Basílio Gomes da Silva, M.D. Intendente deste Município. A Câmara Municipal desta Villa, reunida, hoje, em sessão extraordinaria, votou, sob proposta de seu Presidente, a moção seguinte: A Câmara Municipal, jubilosa pela maneira por que têm sido mantidos a administração e serviços públicos da mesma Câmara a cargo de V.S.ª, como Intendente deste Município, cargo que V. S.ª tem desempenhado com probidade e acrisolado patriotismo, esta Câmara aproveita a ocasião para reiterar a V. S.ª a mais sincera solidariedade, reco-

---

(14) Livro citado.
(15) Quando mais acesa ia a luta armada entre o Presidente Floriano Peixoto e os partidários de Custódio de Melo e Saldanha da Gama, Basílio Gomes requereu e obteve a patente, (assinada do punho de Floriano), de tenente-coronel da Guarda Nacional, instituição que salvou o poder público ao tempo da Regência e decidiu de nossa vitória na guerra do Paraguai. Dela chegou a lembrar-se Floriano, naquele passo de sua gestão.

nhecendo-o como chefe prestimoso do Partido Republicano deste Município, cuja direção, há muito, está a cargo de V. S.ª. Pelos seus relevantes serviços prestados à causa pública, tem V. S.ª aberto novos horizontes ao engrandecimento e prosperidade do mesmo Partido, que tão honradamente V. S.ª dirige, de perfeita solidariedade com o Exmo. Sr. Doutor Nogueira Acioli, chefe do Partido Republicano Cearense — Saúde e Fraternidade. João Pereira da Silva, Presidente; Manuel da Silva Bastos (16); Manuel Inácio dos Santos (17).

Em data de 28-7-1903, a Câmara Municipal, em outra moção, congratula-se com o Intendente. O documento referiu a probidade que marcava a administração municipal, o trato das finanças e a aplicação dos dinheiros públicos. Enumerou, entre outras, as seguintes realizações: construção da Cadeia Pública, do Quartel da Polícia, a edificação (em andamento), dum prédio destinado ao funcionamento do executivo municipal da Câmara dos Vereadores e da Pretória. A moção traz as assinaturas dos vereadores: João Inácio de Lucena (18), presidente; João Antônio de Moura, Pedro Bento de Figueiredo, Jerônimo Alves da Costa. Eram realizações à base de rendas que continuaram magras, pois o orçamento de 1904 consignou uma receita de apenas "um conto, seiscentos e vinte mil réis" (19).

Aos vinte de novembro de mil novecentos e três, Basílio Gomes compareceu à Câmara Municipal, então reunida em sessão extraordinária, e leu u'a mensagem relacionada com a gestão municipal desse ano, numa franca prestação de contas. Comunica, por exemplo, a conclusão do edifício destinado à Câmara Municipal, dotado de todos os móveis, encravado na Praça da Matriz, com duas portas de frente, quatro janelas de oitão, rodeado de calçadas, e com três mesas envernizadas, uma estante, cadeiras de palhinha, etc. (Declara a ata dessa sessão magna que "os serviços de construção foram administrados pessoalmente pelo Intendente Municipal, e consumiram um conto, oitocentos e oitenta mil, duzentos e sessenta réis").

(16) Livro citado.
(17) Livro citado.
(18) João Inácio de Lucena era genro de Basílio Gomes e membro da Família Lucena, ou Chicote, vinculada à evolucão de Brejo Santo.
(19) Livro citado.

Terminada a leitura da mensagem, entregou o prédio à Câmara, ato, logo, "pregado em alta voz pelo Porteiro das Audiências". Determinou, o Presidente, que se extraisse cópia dessa ata inaugural para publicação, ata assinada pelos vereadores: Joaquim Gomes da Silva, presidente (20) da Câmara; João Inácio de Lucena, Manuel da Silva Bastos, (citado); Jerônimo Alves da Costa; José Tavares Moreira, já referido; José Leite de Moura e Pedro Bento de Figueiredo.

Assina-a, por igual, Basílio Gomes (21).

Como um exemplo a mais do sentido do espírito público que animava o Patriarca, transcrevemos a sua mensagem à Câmara, pessoalmente lida no dia 29 de julho de 1907, comunicando a constituição do patrimônio do Município: "Senhores Vereadores. Para que a Câmara adquirisse um patrimônio em bens de raiz, que assegurasse o seu futuro, tratei de tomar medidas, as mais eficazes, a fim de economizar, quanto possível, os rendimentos da mesma Câmara nestes treis ultimos exercicios financeiros, conseguindo, com isso, acumular um pecúlio de 868.000 (oitocentos e sessenta e oito mil réis), restantes dos saldos da receita e despesas dos ditos exercicios, capital que se acha empregado nas seguintes propriedades: uma casa de tijolo e telha com duas portas de frente, armação de loja e balcão, e fundo correspondente na Praça do Comércio desta Vila; 4 ditas de porta e janela de frente, à rua Coronel Ferraz; 1 dita com uma porta de frente e outra na trazeira, assoalhada, na mesma rua Coronel Ferraz, no Comércio Ve-

(20) Joaquim Gomes da Silva era filho de Basílio Gomes, o referido Intendente.
(21) Livro citado.

lho; mais uma armação de loja com balcão avulso. Além de duas casas anteriormente adquiridas por esta Câmara, juntar-se-ão seis prédios que atualmente constituem o patrimônio municipal. Senhores Vereadores! Não é com finanças lisongeiras que, no Carater de Chefe do Poder Executivo Municipal, tenho levado avante essas realizações, e, sim, por certa economia, posta em prática no intuito de dotar nosso Município de um patrimonio garantido em bens de raiz, cujo resultado, não padece dúvida, entrará, muito breve, no orçamento do mesmo. Os referidos prédios acham-se devidamente documentados por meio de escrituras públicas na conformidade da lei. Em conclusão, peço a vossa aprovação para os actos por mim praticados, diante dos fundamentos espendidos" (22).

Texto do ato de aprovação dessa mensagem: "A Camara Municipal, considerando, patrióticos, os atos do Intendente, resolve aprovar o relatório apresentado pelo mesmo, em toda a sua plenitude, para consignar, na presente Acta, um voto de louvor ao Coronel Intendente Municipal, que tem imprimido aos negocios do Municipio, boa orientação. — Antônio Gomes de Santana, João Pereira da Silva, José Tavares Moreira, Antonio da Silva Bastos, João Antonio de Moura, Pedro Bento de Figueiredo, José Leite de Moura (23).

Aquele patrimônio não mais se ampliou desde 1909, ano em que o coronel Basílio deixou definitivamente o executivo municipal, para continuar incontrastável, como antes, na chefia política de sua comuna (24). Não se ampliou o patrimônio, senão há poucos anos. O prédio da Prefeitura continua o mesmo, apenas acrescido de um andar, apoucado e feio.

(22) Livro citado.
(23) Livro citado.
(24) Escreve o padre Leopoldo Fernandes, op. cit., que "em 1911, o coronel Basílio se achava no fastígio do poder e dispunha de todas as posições no município".

FLEXIBILIDADE

Basílio Gomes não considerava monopólio individual ou dum grupo, a atividade política ou administrativa. Se foi o supremo chefe político de sua terra por meio século (a partir de 1876, data da criação do distrito), e chefe do executivo municipal de 1893 a 1909, explica-se pelos seus excepcionais predicados de guia e comando, os quais o impuseram ao meio brejosantense, que teve, nele, a encarnação do espírito público em ação permanente e fecunda. Exceção feita das famílias Martins e Cardoso, que, isoladas em suas fazendas de criar, conservaram-se à margem da vida política e administrativa do município e de seu progresso urbano — todas as demais famílias categorizadas participavam daquela vida: os Lucenas, os Mouras, os Araújo Lima, tudo sem sombra de autoritarismo do chefe.

Já referi como o Patriarca transitou do regime monárquico para o republicano, inspirado pelo seu bom senso e senso político sensível ao curso dos acontecimentos.

Em 1909, seu amigo e correligionário, já então prestigioso elemento político local, Manuel Inácio de Lucena, manifestou desejo de ocupar a direção do executivo municipal. Basílio Gomes se antecipou a qualquer atitude concreta do amigo e lhe cedeu a Intendência. E passou a apoiá-lo.

Político e administrador por vocação, educação e destino, não o empolgava, entretanto, a volúpia do poder. Acima de todas as solicitações, colocava a grandeza da comunidade brejosantense.

Por força dessa elevação moral, Brejo Santo gozou dos benefícios da paz entre seus filhos, enquanto o Patriarca influenciou decisivamente em seus destinos políticos e sociais.

Ainda por força de sua envergadura moral e política, mais moral do que política, Basílio Gomes desfrutava de justo e autêntico prestígio, junto a outros chefes políticos do Cari-

ri, seus correligionários, ou não. Conjurou mais de um choque armado entre eles.

A Crato, onde presidiu algumas eleições a convite do coronel José Belém, a Crato se transportou quando esse chefe político preparava-se para resistir ao coronel Antônio Luiz, que se aprestava para arrebatar-lhe o poder municipal pela força, costume, então, adotado no Cariri onde, na época, se conquistavam, vezes muitas, a chefia local e o poder executivo municipal, à mão armada, conquista, logo sancionada pelo Governador Acioli, homem do fato consumado. Tentou, em vão, convencer ao compadre e amigo, a que cedesse ao império das circunstâncias, entregando o poder ao Cel. Nélson da Franca Alencar, seu correligionário. E finalizou a demarche com estas palavras realísticas: "Você, Zebelém, se arrependerá. Saiba que política não é bem de raiz". E quinze dias depois, as armas de Antônio Luiz depuseram José Belém.

Essa flexibilidade democrática valeu-lhe haver presidido a mais de uma assembléia particular de chefes políticos caririenses, face à confiança que nele depositavam, sobretudo impressionados com a estatura moral do correligionário, tão rigidamente pacifista a ponto de nem sequer admitir um morador de suas terras na posse de um clavinote, exceção, nesta zona, naqueles tempos escuros (25). A propósito, escreveu o padre Leopoldo Fernandes, ex-vigário de Brejo Santo, referindo-se à ação pacificadora do Patriarca naquela comuna caririense: "Quando tudo parecia converter-se em sangrenta deflagração, surgia a figura simpática e enérgica do coronel Basílio, e apenas com a sua autoridade moral, conseguia o desarmamento de todos e a conseqüente tranqüilidade da população" (26).

(25) Foram correligionários e contemporâneos do Patriarca de Brejo Santo, os seguintes chefes políticos do Cariri, entre outros: dr. Antônio Augusto de Araújo Lima e Domingos Furtado Leite, em Milagres; Raimundo Cardoso dos Santos (Porteiras); Joaquim Alves Rocha, Romão Sampaio Filgueiras e José Caminha de Anchieta Gondim (Jardim); Antônio Róseo Jamacaru e Antônio Joaquim de Santana (M. Velha); Manuel Ribeiro da Costa, Antônio Pereira Pinto e João Raimundo Macedo, "Joca do Brejão" (Barbalha); José Belém de Figueiredo e Antônio Luiz Alves Pequeno (Crato); padre Cícero Romão Batista e Floro Bartolomeu da Costa (Juazeiro do Norte); Roque Pereira de Alencar (Santana do Cariri), Pe. Augusto Barbosa de Menezes (Caririaçu) e Antônio Manuel da Purificação (Jardim).

OSTRACISMO SUAVE

Em 1912, tombava a oligarquia Acioli, e, com ela, o Partido Republicano Cearense tomava o caminho do ostracismo, ambos depostos pela força. Caído do poder o Conselheiro Antônio Pinto Nogueira Acioli, montou-se a oposição com o tenente-coronel Francisco Rabelo na presidência do Ceará.

Basílio Gomes, fiel à disciplina partidária e aos princípios, seguiu a sorte da situação estadual decaída. Dispôs, porém, as circunstâncias de jeito tal, que seu genro, João Inácio de Lucena, veio a tornar-se o chefe local da nova situação política instaurada no Estado, e o prefeito do município. Assim, o realismo político do austero chefe lhe proporcionou um ostracismo cômodo à sombra do clã da família, assegurando, por outro lado, a continuidade do sossego de que desfrutava a comunidade da terra brejosantense. E passou a apoiar administrativamente o novo prefeito.

O REGRESSO

Pelos fins de 1913, o segundo fundador de Juazeiro do Norte (o primeiro foi o padre Pedro Ribeiro da Silva, um Pinheiro Bezerra de Menezes, cem por cento), o padre Cícero Romão Batista, então decaído chefe político desse município, mal suportando o ostracismo a que estava relegado, rebelou-se

(26) Op. cit. Lembro-me de que o Patriarca despediu, de sua fazenda-sítio "Nascença", o agregado Antônio Pequeno, surpreendido na posse dum clavinote. Foi em 1914.

contra a situação estadual, assessorado pelos chefes aciolinos caririenses, com a conivência do caudilho político Pinheiro Machado, árbitro da política federal e superiormente orientado pelo médico baiano, Floro Bartolomeu da Costa, um aventureiro hábil.

Basílio Gomes não tomou parte nessa rebelião armada, direta ou indiretamente, embora amigo particular, político e compadre do sacerdote, o qual, nem por isso, sensibilizou-se, pois, conhecia o feitio temperamental de seu correligionário, todo avesso à solução violenta.

Daí por que, vitoriosa a rebelião com a tomada de Crato por José Pedro, 25-1-1914, seguida da derrota das últimas forças legais em Miguel Calmon, e da premeditada intervenção federal — Brejo Santo não recebeu a visita incômoda de elementos armados descontrolados, qual ocorreu noutras localidades do Cariri e fora deste. E o padre Cícero e Floro Bartolomeu, os esteios da rebelião, no Cariri, não ignoravam que o intendente de Brejo Santo auxiliara a legalidade.

Instalado o governo intervencional no Estado, Basílio Gomes recebeu carta do padre Cícero, enviada por positivo, solicitando a remessa dos nomes dos que deviam constituir as novas autoridades do município. Para prefeito, o Patriarca apontou o nome de seu filho, o referido Joaquim Gomes da Silva, homem pacífico, como o pai, e jornalista, cuja pena figurou na imprensa regional, no semanário "Cetama", que se editou em Barbalha, sob a direção de Henrique Lopes.

Restaurado no controle da política de sua comuna, Basílio Gomes reconheceu, como chefe político no Estado, ao dr. José Acioli, que passou a chefiar aqueles que se mantiveram fiéis à memória política de Nogueira Acioli, o governador deposto em 1912.

De 1914 a 1927, sucederam-se, no executivo municipal de Brejo Santo, quatro prefeitos, nomeados por indicação de Basílio Gomes: Joaquim Gomes da Silva, citado, (1914-1916);

Manuel Inácio Bezerra, seu primo (1916-1918); José Nicodemos da Silva, retro-citado, (1918-1919) (27); e João Inácio de Lucena, citado, (1920-1927).

VOLTA À VIDA PRIVADA

Nesse último ano, vergado ao peso dos 81 anos de idade, Basílio Gomes abandonou a atividade política, satisfeito de haver escrito um capítulo substancial da evolução histórica de Brejo Santo: a fundação do distrito e da vila, a criação, organização e consolidação da administração municipal; a instituição do patrimônio do município; a construção do Paço Municipal e Cadeia Pública; a obtenção de uma agência de correio e da primeira unidade escolar do ensino primário estadual instalada naquele pedaço do Cariri. Capítulo heróico e imortal, escrito num rincão pobre, encravado e esquecido num ângulo de fronteira, a 600 quilômetros de Fortaleza, sem comunicações, castigado pelas secas, incursões de bandidos e policiais cangaceiros, abandonado dos poderes estaduais. Capítulo em que esponta o talento criador, a perspectiva rasgada, o vigor do empreendimento e da realização, a vontade de aço, a tenacidade indomável e o patriotismo acendrado.

Recolhendo-se à vida privada depois de meio século de vida pública, Brasílio Gomes recolhia a convicção de haver sido na segunda uma projeção da primeira, quanto ao esforço criador e à capacidade administrativa. Realmente, educou os filhos para a vida, e, neste particular, constituiu padrão. Tendo-se iniciado pobre no setor econômico, chegou a possuir, adquiridos ao calor da atividade honesta, quase 10 sítios e fazendas. Em sua fazenda-sítio, "Nascença", instalou o primeiro

(27) Título de nomeação: "O Engenheiro João Thomé de Saboia e Silva, Presidente do Estado do Ceará, resolve nomear o cidadão José Nicodemos da Silva para o cargo de Prefeito Municipal de Brejo dos Santos. — Palácio da Presidência do Ceará, em 27 de agosto de 1919 — João Thomé de Saboia e Silva. J. Moreira da Rocha".

engenho de ferro que B. Santo conheceu servindo à indústria da rapadura no município. Chegou a possuir 800 rezes vacuns, em suas fazendas - currais.

Com esse espírito progressista, insistiu junto ao seu primo, o citado Manuel Inácio Bezerra, para que dotasse Brejo Santo com o primeiro beneficiador de algodão movido a vapor, quebrando a monotonia das bolandeiras locais de madeira, o que se concretizou (28), pois Bezerra era inteligência - bitola - larga.

NO CHÃO DA MORTE

Treze anos viveu, ainda, o Patriarca de Brejo Santo, olhar alongado e vitorioso sobre a epopéia saída de suas mãos, que os sucessores ampliam sem descontinuidade: o complexo político - administrativo do antigo "Brejo da Barbosa". Poderia morrer tranqüilo.

A uma da manhã do dia sete de abril do ano de mil novecentos e quarenta, na sua Casa Grande do bairro Taboqueira, da cidade de Brejo Santo, vítima duma queda que lhe separou algumas vértebras, Basílio Gomes da Silva cerrou os olhos a esta vida. Profundo abalo comoveu a população. O comércio não abriu as portas, antecipando-se ao funéreo feriado municipal decretado pela Prefeitura, a qual desfraldou a Bandeira Nacional a-meio-pau nos altos de frontão da Casa da Edilidade.

(28) Esse locomóvel contava 24 HP, e foi trazido do porto de Aracati pelo vale do Jaguaribe, arrastado por 24 juntas de bois, que se revezavam no curso da viagem. Sua entrada nas ruas de Brejo constituiu acontecimento inédito. No lugar em que funcionou essa máquina pioneira, está o moderno beneficiador de algodão de "Nicodemos Lins", empresa fundada por Joaquim Nicodemos e José Nicodemos de Araújo, meus irmãos: José Amaro Neto, meu cunhado, e Antenor Lins, comerciante em Milagres.

Em torno do esquife, escreve o Padre Leopoldo Fernandes, geniam milhares de corações anuviados pela tristeza daquele dia de luto — derradeira consagração àquele que se consagrara inteiramente à terra que deixava envolta na penumbra triste de uma saudade infinda (29).

Na câmara ardente e a caminho do campo santo, o caixão mortuário esteve envolvido numa bandeira nacional, por determinação do Executivo Municipal. Nessa viagem derradeira, a cidade moveu-se como u'a mole, no último adeus a seu Patriarca. À porta do cemitério, um destacamento da Polícia Militar do Estado, prestando as homenagens do estilo, fez a salva fúnebre.

Adeus apoteótico da gratidão de Brejo Santo ao maior de seus maiores varões beneméritos! A seu civilizador!

NOTAS

1.ª

Amplas e substanciais informações, que lastream este trabalho, ouvi-as dos lábios, verdadeiros, de Basílio Gomes. Desta maneira, à pura fonte oral, aliei a voz de documentos e, em parte, meu testemunho pessoal, pois, a partir do ano de 1912, fui observador consciente no cenário em que Basílio Gomes se moveu.

2.ª

Expressão dum importante momento histórico da evolução deste Cariri, o trabalho em apreço, restrito ao ângulo duma vida incomum, reflete, por outro lado, a homenagem da gratidão a quem, de seu bolso, custeou meus estudos de seis dos nove anos, que me retiveram à sombra dos Seminários de Fortaleza e Crato.

(29) Op. cit.

3.ª

O sangue, a feição e a gratidão devem, quando interferem no curso da história, ritimar os seus aos passos da verdade. Idealizei e tentei realizar essa curitmia em função das regras normativas da ciência de Clia.

4.ª

Como a heroina Bárbara de Alencar, Basílio Gomes era pernambucano. Ao Cariri, chegaram, ela aos 22 anos de idade e ele aos 12 anos. Um, em 1782, o outro em 1858. Aquela, à então vila de Crato, este ao sítio-fazenda "Brejo". A primeira simbolizou o heroismo patriótico da mulher brasileira. O segundo foi êmulo do típico criador de comunas políticas no vasto sertão nacional. Ambos integraram-se no complexo histórico do Cariri, a cujo panteon se vincularam, e a que amaram e serviram intensamente, cada qual a seu modo, inspirado em aspectos políticos diferentes. Pouco importa a diferença proporcional dos dois vultos e da natureza dos serviços prestados. Serviram. E o fizeram em planos consagradores, que a história atesta e proclama; um no plano nacional, o outro no âmbito municipal. Obrigado, Pernambuco!

5.ª

Basílio Gomes sabia ler, escrever e jogava com as quatro operações aritméticas fundamentais. Embora infringindo os cânones gramaticais, escrevia com desembaraço e expressava, com nitidez, o pensamento. José Moreira Tavares, tabelião, já referido, foi por muito tempo, seu secretário eventual.

6.ª

RELAÇÃO DOS GESTORES DO MUNICÍPIO DE BREJO SANTO DESDE 1890, E DO PARENTESCO DE ALGUNS COM BASÍLIO GOMES DA SILVA

Lourenço Gomes da Silva	Irmão	1890-1892
Basílio Gomes da Silva		1893-1909
Manuel Inácio de Lucena		1909-1912
João Inácio de Lucena	Genro	1912-1914
Joaquim Gomes da Silva Basílio	Filho	1914-1916
Manuel Inácio Bezerra	Primo	1916-1918
José Nicodemos da Silva	Filho	1918-1919
João Inácio de Lucena	Genro	1919-1927
Joaquim Inácio de Lucena		1927-1929
Manuel Leite de Moura		1929-1930
João Anselmo e Silva	Primo	1930-1931
Luís Gonzaga Júnior		1931-1934
Franclin Tavares Pinheiro		1934-1935
José Matias Sampaio	Primo	1935-1945
José Jacinto de Araújo	Primo afim	1945-1946
Joaquim Leite de Araújo	Primo	1946
Vicente Alves de Santana	Primo afim	1946-1947
Napoleão de Araújo Lima	Primo	1947-1948
Dionísio Rocha de Lucena	Sobrinho	1948-1951
Antônio Alves Santana	Neto afim	1951-1955
Dionísio Rocha de Lucena	Sobrinho	1955-

7.ª

Cópia do registro do óbito de Basílio Gomes da Silva: "Aos 7 dias de abril de mil novecentos e quarenta, a uma da manhã, nesta freguesia, faleceu Basílio Gomes da Silva, tendo recebido todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, resi-

dente nesta cidade, viúvo de Maria da Conceição de Jesus, e depois de encomendado, foi sepultado no cemitério desta cidade, do que, para constar, lavrei este termo que assino — O Vigário Padre Pedro Inácio Ribeiro. (Livro de reg. de óbitos, 1938-1946, fls. 35. Paróquia de Brejo Santo).

8.º

A propósito dos coevos, qualificados de Basílio Gomes, enquadrados no século passado, não resisto ao desejo de citar o Capitão José Antônio de Sousa, procedente da terra pernambucana, outrora, Baixa-Verde, atualmente município de Triunfo. Domiciliado em Porteiras, aí afazendou-se com gado vacum, fundou a primeira indústria de cortume no Cariri, tornou-se Abraão, pai que foi de 32 filhos legítimos, todos casados. Integrado na "Revolução Pintista", capitão de Joaquim Pinto Madeira, escapou milagrosamente, ele somente, de descargas de um pelotão de fusilamento das forças legais, quando, preso na cadeia de Jardim, daí era conduzido para a de Crato, na companhia de 6 outros revolucionários, que então sucumbiram. A descarga errou o alvo preferido e lhe cortou as amarras que lhe prendiam as mãos, que trazia para a frente, e ele afundou na floresta. São seus descendentes nesta cidade: Balduíno Bezerra, dr. Aldemir Pereira, José, Pedro e Francisco Higino Pereira, comerciantes; José Rocha, funcionário dos Correios e Telégrafos; Antônio Emídio, comerciante; o autor destas linhas; em Brejo Santo, os Nicodemos, os Araújo Lima; em Jardim, os Pereira de Lucena, e os Rocha, descendentes de Joaquim Alves Rocha, ex-chefe político daquela comuna caririense, e duas vezes deputado estadual.

9.º

20-1-1920 — Basílio Gomes, então em companhia de meu pai, o citado José Nicodemos da Silva, foi surpreendido e saqueado na fazenda da "Nascença" pelo bandido Sebastião Pe-

reira e seu grupo, subcomandado por Virgulino Ferreira, depois "Lampião". A 500 metros estacionavam 100 policiais às ordens do capitão José Carneiro, chegado ao teatro do acontecimento duas horas depois, embora avisado enquanto os bandidos agiam, os quais passaram a noite comendo, bebendo e jogando no lugar "Batoque", a 12 quilômetros do quartel dessa força militar.

Avisados, eu e meu irmão, Francisco Nicodemos de Araújo, acudimos, vencendo rápidos, os 12 quilômetros que separavam "Alagoinha", fazenda de meu pai, e "Nascença". Os saqueantes já haviam sumido.

O coronel José Inácio de Sousa, chefe político em Milagres, acumpliciara-se a Sebastião Pereira nessa aventura e no inventário de seus resultados.

Basílio Gomes dispensou processo e até o simples inquérito policial. Contrairia o ódio dos bandidos e a polícia não o garantiria. Processo era purgante em defunto...

10.º

Quando a química do Professor José Marrocos, associada à astúcia da beata Maria de Araújo e à boa fé do Padre Cícero, maravilhava o Cariri com a apresentação, na capela de Juazeiro, do simulado milagre de sangue pretensamente de origem divina — Basílio Gomes abalou-se e transportou-se para aquela localidade, resolvido a demorar dias.

Mas apenas três dias eram passados, comunicou discretamente à esposa: "Vamo-nos embora, aqui não há nada do outro mundo. Padre Cícero está enganado". E volveu a Brejo Santo, onde passou a repetir a quantos o interpelavam sobre os fatos estranhos em curso no Juazeiro: "O Padre Cícero está enganado".

Por isso, Brejo Santo permaneceu imunizado da superstição em apreço.

Agudíssimo em Basílio Gomes, o faro da realidade.

Só muito depois, o padre Cícero se advertiu de que fora logrado, conforme o confessou sigilosamente na presença do coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, chefe político de Crato; dr. Raul de Sousa Carvalho, Antônio Nogueira Pinheiro, irmão do autor de "O Cariri", e José Dourado.

Essa confissão ocorreu nas vizinhas da cidade de Crato, à margem da estrada Crato-Juazeiro, em casa de Isabel Roldão, à altura do "Cemitério do Cólera."

Movidos por amigos comuns, ali, encontraram-se o referido coronel e o padre Cícero, para o fim de reatarem as relações pessoais, rompidas quando o primeiro se opusera à independência política de Juazeiro, antes distrito de Crato.

Após a mencionada revelação do padre Cícero, Antônio Luiz o censurou pelo fato de não haver dado divulgação ao embuste de que fora vítima. Defendeu-se, o exprobado, alegando que a revelação teria entravado o crescimento de Juazeiro.

Assim, Juazeiro cresceu vertiginosamente ao embalo dum embuste, para cuja manipulação concorreu valiosamente um Formulário de preparação de anilina solúvel à base, em 1910 surpreendido de mistura com uns velhos paninhos, outrora tintos nos lábios rubros de Maria de Araújo — surpreendido, repito, pelo citado dr. Raul de Sousa Carvalho, juiz de direito de Crato, no espólio do dito Professor José Marrocos, falecido naquele ano de 1910.

Com a invectiva — "Tome suas porcarias!" — o coronel Antônio Luiz passou ao padre Cícero por ocasião da aludida entrevista, o Formulário do Professor José Marrocos e os famosos paninhos, os quais tinham sido depositados pelo dr. Raul Carvalho em mãos do mesmo Antônio Luiz. Padre Cícero os conduziu para Juazeiro.

Anos decorridos, falecendo em Juazeiro a beata Bichinha, velhinha cândida e de confiança absoluta da casa do padre Cícero, ditos paninhos foram encontrados, condicionados numa pequena caixa, a que o então vigário daquela paróquia,

Monsenhor Juviniano, deu o fim merecido.

Era o último vestígio da química de "Zémarrocos".

Os aludidos paninhos foram recolhidos em certo dia do ano de 1891 à matriz de Crato, para exame científico posterior. Daí furtaram-nos misteriosamente.

No dia do falecimento do professor Marrocos, surgiu, em Crato, o Padre Cícero, a exigir que lhe fosse entregue o espólio livresco do extinto. Recusando-se, o dr. Raul de Sousa Carvalho, o pretendente acenou com o emprego da força. Tudo em vão!

Atribuiu-se ao Professor José Morrocos a subtração dos tais paninhos-tabu.

* * *

Marcado de jansennismo prático traduzido na fuga à comunhão eucarística de que se julgava absolutamente indigno, o Professor José Marrocos foi dispensado do Seminário, já diácono. De então à morte, não se confessava.

De sua vez, o Patriarca de Juazeiro, por motivo de certos exageros místicos, teria esbarrado à porta do sacerdócio talvez, não fora a intervenção pessoal de Antônio Luiz Alves Pequeno, pai do referido de igual nome — junto à hesitação de D. Luís Antônio, Bispo do Ceará.

O Professor Marrocos procedia de João Morrocos Teles (pe.) e era neto materno de Alexandre Leite de Oliveira, jesuíta agresso, e tetraneto de José Pereira Aço, o rival da família Feitosa. De cultura humanística bem assimilada, jornalista com serviço de um ano prestado à imprensa carioca, professor emérito, muito lhe deve a instrução em Crato, que lhe perpetuou o nome numa de suas ruas, merecidamente.

Depois de recebida a comunhão, as beatas velavam o rosto com o manto, punham na boca a hóstia branco-vermelha (não consagrada, já se vê) que traziam oculta. Fingiam extase, do qual eram despertadas pelo sacerdote que lhes ordenava abrissem a boca. E eis o milagre...

A TRAGÉDIA DE GUARIBAS

Otacílio Anselmo

(Separata da Revista Itaytera)

À memória de

Antônio DUARTE JÚNIOR
Antônio JOSÉ GESTEIRA
CELSO Gomes DE MATOS
IRINEU PINHEIRO Nogueira
Joaquim FERNANDES TELES
JOSÉ Alves DE FIGUEIREDO
JUVÊNCIO FURTADO de Araújo
OTACÍLIO Sampaio MACEDO
Raimundo QUIXADÁ FELÍCIO
MONSENHOR Pedro ROCHA de Oliveira

"Para poder, para ousar dizer
grandes verdades,
não se deve depender
da liberdade ou do
próprio sucesso".
(JUSTINO MARTINS)

I

A exemplo da maioria dos acontecimentos que assinalaram a época do cangaceirismo no Nordeste, a tragédia de Guaribas permanece isenta de um registro histórico, sendo apenas conhecida por reduzido número dos seus participantes e de al-

guns remanescentes de fatos relacionados diretamente com aquela funesta ocorrência, razão por que seus detalhes continuam ignorados e deturpados.

Como prova disso, basta lembrar o editorial de certo vespertino fortalezense, segundo o qual Chico Chicote fora atacado e morto pelo grupo do Lampião.

Por sua vez, a escritora Aglaê Lima de Oliveira, autora do livro "Lampião, Cangaço e Nordeste" (Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A., Rio, 1970), ao responder uma das perguntas do Programa J. Silvestre (SHOW SEM LIMITE)), na TV Tupi, incluiu Chico Chicote entre os inúmeros coiteiros do "Rei do Cangaço".

A propósito dessas afirmações inverídicas, torna-se necessária, desde já, a narração do que ocorreu entre Chico Chicote e Lampião, sem jamais haver contato pessoal de ambos.

Quando transitava pela serra do Araripe, ou lá permanecia por algum tempo, Lampião, para alimentar seu bando, matava reses do Cel. Pedro Martins de Oliveira Rocha, proprietário da fazenda Cacimbas, do município de Brejo dos Santos. (1)

No entanto, em carta dirigida ao dito fazendeiro, Virgulino afirmou que o autor de tais depredações era Chico Chicote.

A partir daí, o boato alastrou-se no município e nas suas imediações, e, como não podia deixar de acontecer, provocou forte indignação ao caluniado.

De resto, o caso foi comunicado pessoalmente a Chico Chicote por Pedro Martins, para o que o convidara a ir a Cacimbas acompanhado do seu irmão Manoel Inácio de Lucena (Manuel Chicote).

(1) Reafirmando minha discordância com a mudança do topônimo desse município, exposta em nota nº 14 de "Esboço Histórico de Brejo Santo" (separata da revista "Itaytera", nº 2, Crato, 1956, pp. 187/224), somente o cito no presente trabalho com a sua denominação primitiva — Brejo dos Santos.

Pouco depois, no intuito de evitar luta entre Lampião e Chico Chicote, Antônio Aristides Xavier, genro de Pedro Martins, conseguiu levar Lampião à fazenda Crioulo (município de Jardim) e convidou Chico para ir até lá, tentando, desse modo, fazer a paz entre ambos.

Lá chegando, e cientificado de tal intenção, Chico Chicote repeliu o intento, não entrando, sequer, na casa do fazendeiro, em cujo interior já se achava o famoso bandoleiro. Além disso, em voz alta — como sempre costumava falar — fez severas críticas à conduta de Virgulino, acrescentando que continuaria a tê-lo como inimigo. (2)

Sem nenhuma dúvida, a recusa de "Seu" Chico à sugestão de Antônio Xavier deixou Virgulino bastante preocupado, naturalmente pelo fato de não ter um só inimigo no Ceará, onde contava com seus mais prestigiosos coiteiros e onde se mantinha absolutamente inofensivo. Daí por que, decorridos alguns dias, Chico Chicote recebeu um convite do Coronel Antônio Joaquim de Santana para comparecer à sua casa, no sítio Serra do Mato.

Ao ser recebido pelo mandão do município de Missão Velha, "Seu" Chico perguntou-lhe para que fôra chamado. Em resposta, disse-lhe o Coronel que o convidara a pedido do cabra Sabino, que desejava conhecê-lo pessoalmente.

Como é sabido, esse bandoleiro (Sabino Barbosa de Melo, mais conhecido por Sabino das Abóboras) era lugar-tenente de Lampião. E está evidente que ele apenas servira de intermediário para a conciliação almejada pelo "Rei do Cangaço".

"Seu" Chico, porém, além de recusar-se à apresentação, não esperou nem pelo café-gordo que o Coronel mandara preparar, voltando incontinenti para Guaribas. (3)

(2) Esse assunto é incontestável e nos foi detalhado por Antônio Lucena Cabral, sobrinho legítimo de Chico Chicote.

(3) Informes dados por Pedro Celião de Moura.

II

Logo depois do dramático e sangrento episódio de Guaribas, recrudesceu a luta política entre as duas correntes adversárias de Brejo dos Santos — Amaro e Chicote — com grande repercussão na imprensa de Fortaleza.

De início, os principais membros da família Amaro (Araújo Lima), Napoleão (Seunapo) e Joaquim Amaro, foram acusados de haverem aliciado o Tenente José Gonçalves Bezerra para exterminar Chico Chicote, acusação esta feita por Joaquim Inácio de Lucena (Quinto Chicote), irmão da vítima e que na época exercia o cargo de prefeito de Brejo dos Santos.

Tais acusações, divulgadas inicialmente no jornal "O Ceará", de 8-2-1927, foram severamente repelidas por Joaquim Amaro (Joaquim de Araújo Lima), através de artigos publicados no referido matutino, os quais provocaram forte reação do próprio situacionismo estadual, a ponto de ser ele ameaçado de prisão, pessoalmente, pelo Chefe de Polícia. (4)

Mais aquela ameaça de medida ilegal não constituíra surpresa, levando-se em conta o regime caudilhesco e corrupto em que vivia o País. Ademais, Joaquim Amaro pertencia, desde há muito tempo, ao partido oposicionista fundado e chefiado pelo Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora. (5)

E uma das maiores provas de que os responsáveis daquele trágico acontecimento não pertenciam à Oposição está no fato de nada ter sido apurado na sindicância procedida em

(4) Esse fato, de que fui testemunha pessoal, ocorreu na antiga Praça de Pelotas, pouco antes do espetáculo noturno de um circo lá instalado, nos últimos dias de dez. de 1927.

(5) Diante disso, Joaquim Amaro dirigiu-se para Recife, de onde prosseguiu na sua defesa, por intermédio do advogado Adauto Fernandes, e onde encerrou sua campanha defensiva com a publicação do folheto "História do Banditismo da Família Santos Chicote", Tip. DIÁRIO DA MANHÃ, Recife, 1928.

Guaribas pelo Major Alfredo Nunes Weyne, por determinação do Presidente do Estado, Desembargador José Moreira da Rocha.

Por sua vez, o Ten. José Bezerra, ao chegar de volta a Brejo dos Santos, exibiu uma carta que, segundo ele, havia sido encontrada no bolso de Chico Chicote, a quem ela era dirigida por Lampião, concitando-o para um encontro com ele na sua passagem pelas proximidades de Guaribas.

Positivamente, esse falso documento, que foi visto, na ocasião, entre outros, por Pedro Celião de Moura, tinha o objetivo de ocultar a incumbência verdadeira da volante, que era eliminar Chico Chicote e não dar combate a Lampião, encobrindo, ao mesmo tempo, os reais subornadores do Ten. José Bezerra, conforme está esclarecido mais adiante.

Aliás, não fôra falsificada apenas uma carta para o desvio da verdade. José Bezerra fizera mais duas, ambas endereçadas a Chico Chicote, e assinadas pelos cabras Nevoeiro e João Marcelino, conhecido por João Vinte-e-Dois.

O próprio Joaquim Amaro, em represália a acusações que lhe foram feitas por Joaquim Inácio de Lucena no "Jornal do Comércio" e transcritas no "O Ceará", de 13-12-1927, aproveitou-se daqueles falsos documentos — naturalmente para reforçar seus argumentos defensivos — por intermédio do seu advogado, Dr. Adauto Fernandes, que reproduziu as referidas cartas no "O Ceará" de 23-12-1927, conforme assim foi registrado pelo escritor Abelardo F. Montenegro:

"Ainda em dezembro, Adauto Fernandes, pelas colunas de "O Ceará", fazia a defesa da família Amaro e publicava cartas de Lampião, Marcelino e Nevoeiro dirigidas a Chico Chicote e que foram encontradas pelo tenente José Bezerra no sítio Guaribas". (6)

(6) "História do Cangaceirismo no Ceará", Tipografia Minerva, Fortaleza, 1955, p. 109.

Sem nenhuma dúvida, esses falsos documentos foram feitos para colaboração da mentira principal de José Bezerra, dita por ele ao chegar de volta a Brejo dos Santos. De fato, antes de mostrar a tal carta de Lampião, ele afirmou que, ao aproximar-se da casa de Chico Chicote, foi recebido por vários tiros, o primeiro dos quais abateu Antônio Marrocos de Carvalho.

III

Um dos fatos mais estranhos do caso de Guaribas foi a atitude de Joaquim Inácio de Lucena, que só resolveu agir contra o cruel massacre do irmão após sua dramática morte, tentando apenas envolver seus adversários políticos como autores intelectuais do condenável crime policial, deixando de lado os Salvianos, inimigos figadais de Chico Chicote, desde que ele matara José Franklin de Figueiredo, vulgo José Franco, cunhado de Sinhô (Sebastião) Salviano.

Como sempre ocorre em casos semelhantes, as causas fundamentais da tragédia de Guaribas permanecem inteiramente confusas.

Mas a verdade é que Chico Chicote, apesar de haver cometido alguns crimes e vários atos de violência, foi vítima de ardiloso conluio promovido, sem nenhuma dúvida, pelos Salvianos, conforme está evidenciado pela presença do seu líder — Sinhô Salviano — à frente de um grupo de facínoras profissionais, junto à volante paraibana que se unira à força do Ten. José Bezerra, horas depois de iniciado o ataque a Guaribas.

Convém salientar que Sinhô Salviano, autor da morte de um tio e padrinho, (7) era lugar-tenente do famoso régulo paraibano José Pereira Lima, a serviço do qual, em 1930, comandou um dos bandos da legião de cangaceiros levantada contra o Presidente João Pessoa Cavalcante de Albuquerque.

(7) F. José Américo, "O Ano do Nêgo", Gráfica Record Editora, Rio, 1968, p. 178.

Ademais, vale acrescentar que Chico Chicote, meses antes de sua morte, achava-se de relações interrompidas com seus irmãos Manuel e Joaquim Inácio de Lucena — os mais influentes e potentados — cujo motivo principal foi o fato que só agora vem a lume.

Enfurecido por não haver conquistado a viúva Nenen (Raimunda) Simplício, João Gomes de Lucena mandou aplicar-lhe uma surra pelo seu empregado Ferrugem.

Dias depois de tal barbaridade — em torno da qual nenhuma providência foi tomada pelas autoridades policiais — Nenen dirigiu-se pessoalmente ao Prefeito Quinco Chicote e fez-lhe um apelo, tendo ele garantido-lhe que a surra seria vingada.

Com efeito, logo depois mandou chamar seu irmão Chico Chicote, a quem narrou a ocorrência e pediu para encarregar-se da vingança na pessoa de João Gomes. Chico, porém, ponderou-lhe que não devia agir de tal maneira, uma vez que se tratava de um sobrinho legítimo e, em qualquer situação, estava sempre ao lado de sua família.

Em aparte, "Seu" Quinco persistiu na sua intenção alegando que havia prometido vingança no responsável da bárbara violência e não podia quebrar sua palavra.

Diante de tamanha relutância, Chico Chicote concordou em executar a vingança, não na pessoa de João Gomes mas na do cabra Ferrugem.

Um ou dois dias depois, Chico Chicote deslocou-se do seu sítio Guaribas, município de Porteiras, acompanhado de dois capangas e, nos arredores de Brejo dos Santos — bairro do Sapo — deparou-se com o autor da surra.

Naquele instante, Ferrugem foi submetido excelentíssimo espancamento, vindo a falecer no dia seguinte. (8)

(8) A iniciativa dessa vingança sempre foi atribuída a Chico Chicote, de vez que o seu entendimento com o irmão permaneceu em segredo, e só agora foi revelado pelo nosso depoente Pedro Celião.

Feita a represália, Chico Chicote penetrou na vila e, em regozijo pelo castigo, comemorou o fato com prolongada bebedeira na mercearia de José Alves de Moura (Zé Pitoco). Em meio àquela exaltação, no auge do seu regozijo pela vingança, ele mandou seus cabras dar um banho nos animais e nas chibatas com cerveja, vinho e conhaque.

A exemplo do que sempre acontecia, ninguém agiu contra a ação punitiva de Chico Chicote. Apenas o seu irmão João Inácio de Lucena, decorridas várias horas daquele autêntico desafio, dirigiu-se à mercearia e o retirou para sua residência.

Inconformado com vários atos de violência praticados pelo irmão e sem dúvida influenciado por João Gomes, que participaria do ataque a Guaribas, Manuel Chicote dirigiu um telegrama ao Presidente do Estado solicitando providências Em resposta, Manuel Chicote recebeu um despacho do Presidente Moreirinha pedindo confirmação do seu telegrama, o qual foi feito sem demora, fato revelado, na mesma data, ao farmacêutico João Anselmo pelo telegrafista Osório de Assis Leite, segundo testemunho de Manuel Inácio Torres, a quem devemos este detalhe.

IV

No dia 28 de janeiro de 1927, procedente de Jardim, chegava a Brejo dos Santos uma volante policial sob o comando do Primeiro-Tenente José Gonçalves Bezerra, com o objetivo — segundo era comentado e confirmado pelo citado oficial — de perseguir e combater o grupo de Lampião.

Naqueles dias, o Ceará — notadamente o Cariri — atravessava a pior época de insegurança, violência e perseguições políticas, como está evidenciado no seguinte fato igualmente só agora revelado.

Antônio Marrocos de Carvalho, que era cobrador do Imposto de Renda Estadual no distrito de Macapá (Jati), município de Jardim, foi surpreendido, certa noite, pela visita de

Lampião, levado à sua casa por Manuel (Né) Pereira, que exercia o cargo de subdelegado daquele povoado. (Como é sabido, Lampião era ligado à família Pereira por forte amizade.)

Fiel à tradição sertaneja e por ser parente e amigo de Né Pereira, Marrocos recebeu a visita com bastante cordialidade.

A partir de então, tendo fracassado em duas emboscadas contra Marrocos, no caminho de Jardim, os seus adversários políticos denunciaram-no ao Chefe de Polícia como coiteiro de Lampião, razão pela qual ele passou a ser fortemente perseguido.

Meses depois, novamente à meia-noite, Né Pereira bateu à porta de Marrocos. Ao abri-la, verificou a presença de Virgulino. Sem convidá-los a entrar, Marrocos explicou-lhes o que lhe vinha ocorrendo. A seguir, dirigindo-se a Lampião sugeriu-lhe que, embora contasse com sua atenção, não voltasse a visitá-lo, a fim de não confirmar as acusações que lhe estavam sendo feitas pelos chefes situacionistas de Jardim.

Em resposta, Lampião pediu-lhe que telegrafasse ao Chefe de Polícia comunicando que ele, naquela noite, passava em Macapá com destino ao Cariri. Tal sugestão foi ratificada na manhã do dia seguinte, quando Marrocos, dirigindo-se a Brejo dos Santos, de onde enviaria o despacho, passou pelo grupo estacionado no local Barra-de-Aço. (9)

Apesar de tudo isso, quando o Ten. José Bezerra chegou a Macapá, no rumo de Brejo dos Santos, foi à casa de Antônio Marrocos e sugeriu-lhe que, para desmentir as acusações de que estava sendo alvo, deveria unir-se à sua tropa na perseguição ao bando de Virgulino.

Logo de início, alegando tratar-se de uma calúnia já desmentida, Marrocos recusou a sugestão. Mas, após prolongada polêmica, para não demonstrar covardia, ele resolveu incor-

(9) Informes do próprio Antônio Marrocos aos seus familiares. Foi nesse local, a cerca de 1 km de Jati, que morreu numa emboscada, na primeira década deste século, o célebre cangaceiro Barra-de-Aço.

porar-se à volante, o que resultaria no seu fuzilamento pelas costas, como será descrito oportunamente.

V

Ao amanhecer do dia 31 de janeiro de 1927, absolutamente livre de perseguição, Virgulino Ferreira da Silva chegou ao sítio Salvaterra, o que resultou na fuga imediata de Antônio Gomes Granjeiro, temeroso de um atentado por ser amigo de Chico Chicote.

Chegado à casa de Antônio Granjeiro, Lampião foi recebido por sua esposa, Maria Celina Granjeiro, a quem manifestou o desejo de vê-lo. Sem demonstrar perturbação, mesmo porque o bando se mantinha em verdadeira tranqüilidade, ela informou-lhe que o marido se achava viajando.

Após saborear, com o seu grupo, uma cesta de mangas que lhe fora ofertada por Da. Celina, Lampião despediu-se dela e pediu-lhe para dizer a Antônio Granjeiro que não o temesse mas tivesse cuidado com os "bonzinhos" que vinham atrás.

Está claro que Lampião referia-se aos policiais. E aí está mais uma prova do conluio elaborado para o ataque a Guaribas, levando-se em conta a sua proximidade de Salvaterra (menos de uma légua) e a passagem de Lampião por este sítio, o que justificaria a ida da volante cearense aos referidos locais, em combinação com as de Pernambuco e da Paraíba.

Embora ocultamente, é provável que o Ten. José Bezerra tinha ordem de desarmar e prender Chico Chicote, em virtude do pedido de providências feito por Manuel Lucena ao Presidente do Estado. E não deixa de ser incontestável que sua anunciada perseguição ao grupo de Virgulino não foi outra coisa senão uma fingida manobra, porquanto, após o ataque a Guaribas, ele retornou a Brejo dos Santos com sua tropa, a exemplo das demais volantes, enquanto Lampião, cometendo suas primeiras violências em território cearense, abandonava livremente a chapada do Araripe, de onde ouvira, de pouca distância, o início do cruento tiroteio.

Afinal de contas, a maior comprovação de que José Bezerra fora subornado pelo grupo de Salviano — tendo este o apoio irrestrito do Cel. José Pereira — ficou patenteado no massacre por ele feito no sítio Salvaterra, pouco antes do cerco de Guaribas.

VI

Reafirmando sua falsa missão (dar busca ao "Rei do Cangaço"), o Ten. José Bezerra partiu de Brejo dos Santos aos primeiros minutos da madrugada de terça-feira, 1.º dia de fevereiro de 1927, comandando cerca de 70 praças, tendo como auxiliar o Segundo-Tenente Veríssimo Alves Gondim e como guia e agregado à tropa, voluntariamente, o já citado João Gomes de Lucena.

Claro que se o seu objetivo era dar combate a Lampião, ele teria subido a serra do Araripe, indo diretamente, e em pouco tempo, ao local Malhada Funda, onde o famoso bando se achava acantonado. Ao invés disso, o lombrosiano oficial tomou o rumo de Guaribas.

Ao chegar no sítio Salvaterra, minutos antes do amanhecer, José Bezerra cercou a casa de Antônio Gomes Granjeiro, quando então cometeu os maiores e mais bárbaros crimes ocorridos no Ceará, sobre o que nem sequer foi aberto inquérito.

Achavam-se na casa de Antônio Granjeiro o seu sobrinho Louro, Raimundo Madeiro de Barros, vulgo Mundeiro, (10) e o morador Aprígio Temóteo.

(10) Mundeiro, vizinho e amigo de Antônio Granjeiro, era filho de Joaquim de Barros, morto em Porteiras por uma volante policial comandada pelo Ten. José Galdino de Sousa, no ano de 1919.

Feito o cerco, a casa foi invadida. A seguir, sob a mais brutal e súbita violência, Antônio Granjeiro, Louro, Joaquim de Barros e Aprígio foram dominados fisicamente, com os pés e as mãos amarradas de corda.

O que justificaria tamanha barbaridade, visto que não havia nem mesmo uma só suspeita de qualquer crime ou desordem contra nenhuma dessas vítimas?

Como já foi afirmado, esse atentado, que antecedeu o ataque a Guaribas, evidencia o suborno já esclarecido.

Antônio Granjeiro era ligado a Chico Chicote por grande amizade. Tanto assim que, em conseqüência de forte intriga entre Antônio Granjeiro e José Franco, proveniente duma questão de terra, Chico Chicote penetrou na casa de José Franco e matou-o barbaramente. Daí por que Sinhô Salviano retirou-se para Princesa Isabel, aonde passou a viver sob a proteção do seu donatário, José Pereira Lima.

Feito o aprisionamento de Antônio Granjeiro e dos seus companheiros, a volante prosseguiu para o sítio Guaribas. Ao atingir cerca de dois quilômetros, houve um "pequeno alto". Nessa ocasião, à retaguarda do grosso da tropa e devidamente instruído, o Cabo João da Conceição (11) degolou os quatro prisioneiros, cujos cadáveres, num só bloco, foram incinerados numa fogueira previamente ensopada de álcool.

VII

Francisco Pereira de Lucena (Chico Chicote), nascido a 7 de janeiro de 1879, era o mais jovem dos filhos do casal Capitão Francisco Pereira de Lucena-Donina Maria de Jesus (Rita).

(DIOCESE DE CRATO - CE. Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (Brejo-Santo - Ce.). Certifico que revendo os livros de termos de Batizados realizados nesta Paróquia Sim foi encontrado o do teor seguinte: (Livro 1879, fls. 36, S/N.) Aos vinte e um (21) de janeiro de mil oitocentos e setenta e nove (1879), na Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus de Brejo Santo - Ceará, o Rvmo. Pe. Francisco Lopes Abath, batizou solenimente o "Francisco", nascido a sete (7) de Janeiro de mil oitocentos e setenta e nove (1879), filho legítimo de Francisco Pereira de Lucena e de Donina Maria de Jesus e sendo seus Padrinhos Antônio Augusto de Araújo Lima e Argina Joselina de Araújo Lima. Nada mais se continha no dito termo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original. ITA IN FIDE PAROCHI. Brejo Santo, 30 de julho de 1971. Pe. Dernival Gondim - Vigário. OBSERVAÇÕES: Ext. 29.771.).

Ao contrário dos irmãos, ele era rebelde e autoritário. Talvez porisso, o seu pai matriculou-o no Seminário São José, da cidade do Crato. E foi naquele tradicional estabelecimento de formação eclesiástica que, pela primeira vez, Chiquinho revelou a sua índole de lutador violento. De fato, certo dia, num atrito de troca de palavras com o seminarista Horácio Teixeira, ele sacou de um canivete e tentou feri-lo, sendo, porém, dominado pelo Monsenhor Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, diretor do Seminário, que o puniu com expulsão imediata. (12)

De uma estatura pouco acima da média, esbelto e espadaúdo, Chico Chicote só falava gritando. Tinha uma capacidade física idêntica à sua coragem excepcional, podendo, sem exagero, ser denominado de super-homem.

Embora sem o domínio do vício, costumava alcoolizar-se, preferencialmente nos dias-de-feira em Brejo dos Santos, quando se tornava mais agressivo e perigoso, não aceitando interferência de ninguém em suas atitudes, a não ser a do seu irmão João Inácio de Lucena (João Chicote), conforme presenciei certo dia do ano de 1921, em meio de prolongada be-

(11) Natural de Milagres e reformado na graduação de sargento, João da Conceição faleceu em janeiro de 1971, em Fortaleza, vítima de câncer.

(12) Informes do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

bedeira na mercearia de Zé Pitoco, a única que ele freqüentava. E foi naquela ocasião que testemunhei o gesto mais característico de Chico Chicote. Acompanhado por João Chicote, Zé Pitoco e pelo Ten. Peregrino Montenegro, ao defrontar-se com o edifício da Prefeitura, em volta do qual, em perspectiva, achava-se a maioria do Destacamento Policial (cerca de 20 soldados). "Seu" Chico censurou aquela reunião e, simultaneamente, saltou ao lado, retirou do ombro o seu inseparável "cano-de-mamão" (rifle de 8 tiros) e fez fogo na soldadesca, sendo, porém, imediatamente refreado por João Chicote, que ocupava o cargo de prefeito municipal.

Apesar de suas atitudes perigosas e violentas, que o tornavam implacável para inimigos, sempre praticou lealdade para com os amigos e parentes. Além disso, era um dos mais hospitaleiros coronéis do sertão, conforme vi e senti por ocasião da excursão do Colégio 24 de Abril, de Jardim, pelos sítios principais do município de Porteiras. Mas o que mais o distinguia era o seu desinteresse político, bem como o seu total desdém a qualquer autoridade.

Eis aí, sinteticamente, as razões por que, para sua eliminação, fora escolhido o Ten. José Gonçalves Bezerra — "um dos maiores bandidos-autoridades de que já se teve notícia no Ceará".

Essa classificação imparcial e justa foi dada ao Ten. Bezerra pelo escritor Nertan Macedo de Alcântara, num artigo intitulado "O Beato Zé Lourenço", publicado no "Diário de Pernambuco" e transcrito nas páginas 223/5 do livro "Lampião", da autoria do Major Optato Gueiros. (13)

Realmente, José Bezerra era um policial arbitrário e cruel, do que fui testemunha duas vezes, no decorrer do meu tempo de serviço na Polícia Militar. Sua primeira violência que presenciei, ocorrida num domingo de 1924, foi uma pancadaria de espada que ele, como oficial-de-dia, aplicou no corneteiro

(13) Linográfica Editora, S. Paulo, 1953 (2.ª edição).

Dias, quando este, que chegara alcoolizado ao quartel (atual Centro de Saúde), já era conduzido para o xadrez. A segunda aconteceu em 1927, durante uma briga que ele travou com quatro soldados do Exército, iniciada numa bodega ao lado de sua residência ("areia" da Rua B. do Rio Branco), para onde, como ele, fui atraído à meia-noite por intensa gritaria.

VIII

Ao saber da passagem de Lampião pela vizinhança de Guaribas, Chico Chicote mandou chamar Antônio Piçarra à sua residência e, com base na amizade que os unia, pediu-lhe que rompesse as ligações que mantinha com o citado bandoleiro, ou, pelo menos, deixasse de homisiá-lo nas suas passagens pela fazenda Piçarra, sob pena de um rompimento entre ambos. Antônio Piçarra, porém, desculpou-se alegando não ter condições nem dispor de garantias para um rompimento formal com Lampião, uma vez que tal procedimento poderia acarretar-lhe perigo da própria vida. De resto, "Seu" Chico conformou-se com esses argumentos. (14)

Naquele mesmo dia (31-1-1927), Chico Chicote determinou a ida dos seus filhos Antônio Inácio de Lucena (Totonho) e Pedro Inácio de Lucena (Peixe) à residência do seu genro Joaquim Miranda Campos (Sinhô Miranda), residente no sítio Saquinho, de Porteiras, avisá-lo da passagem de Lampião por Salvaterra e convidá-lo a vir com a família para sua casa, onde estariam mais garantidos.

Os portadores chegaram à casa de Sinhô Miranda à tardinha. No dia seguinte (1.º-2-1927), cerca das 8,30, quando se preparavam para viagem de volta, foram avisados do cerco de Guaribas, ao que se dizia, pelo grupo de Lampião.

Diante disso, em vez de se dirigirem para Guaribas, Sinhô Miranda e seus cunhados rumaram para Porteiras, aonde se

(14) Informe de Antônio Piçarra por intermédio de Manuel Inácio Torres.

juntaram ao Destacamento Policial, já acrescido com um grupo de civis que se uniram para atacar o cerco. (15)

IX

A fim de não provocar reação em Guaribas e concluir o plano elaborado para eliminar Antônio Marrocos, o Ten. José Bezerra, antes de lá chegar, manteve longa conversa com ele, manifestando, a certa altura, o desejo de conhecer o aludido sítio e travar relações amistosas com o seu proprietário. A seguir, referindo-se à sua missão e expondo razões de ordem tática, pediu-lhe que fizesse um desenho da "casa-grande", das habitações vizinhas e das elevações e depressões do terreno em seu derredor. E para que Marrocos não pusesse em dúvida suas intenções, afirmou-lhe que deixaria a tropa distante do sítio, e somente ele, o Ten. Veríssimo, o Sarg. Antônio Gouveia (Antônio Pereira de Lima) e o corneteiro Louro iriam à residência de Chico Chicote, tendo à frente o próprio Marrocos, a fim de não haver desconfiança e possível reação à sua presença ali.

Amigo de Chico Chicote, de quem havia recebido, uma semana antes, um rifle de presente, que conduzia a tiracolo, Marrocos traçou a lápis, num pedaço de papel de embrulho, um ligeiro croqui de Guaribas.

Com efeito, pelas 7 horas, ao aproximar-se do sítio, a tropa fez alto e Zé Bezerra pôs em execução o que havia planificado com o seu colega Veríssimo. (Esses detalhes foram dados pelo Cabo Pedro Alves à viúva de Marrocos, Mundinha (Raimunda) Piancó, bem como outros pormenores sobre o seu fuzilamento.)

Percebida a aproximação do reduzido grupo, uma das mulheres que faziam colheita de café, naturalmente para esclarecer Chico Chicote e outras pessoas que se achavam com ele, disse em voz alta:

(15) Id.

— É o "Nêgo" Marrocos! (16)

Imediatamente, o Ten. Veríssimo disparou um tiro de revólver nas costas de Antônio Marrocos, que tombou de frente, abaixo de um pé-de-café, atingido no pulmão direito, vindo a falecer três horas depois. (17)

Confirmando as suspeitas sobre a causa desse fuzilamento, o Cel. Francisco de Sá Roriz declarou a Mundinha Piancó, ao visitá-la em Macapá, que os situacionistas de Jardim haviam subornado Veríssimo com CINCO CONTOS DE RÉIS para eliminar Marrocos.

X

Na manhã daquele dia, Chico Chicote estava cortando manivas de macaxeira para plantação, em companhia do seu filho Vicente Inácio de Lucena e dos seus moradores Manuel Vicente, vulgo Mané Caipora, e Sebastião Cancão, com os quais, uma hora antes, havia abatido dois porcos selecionados, preparando o festejo que programaram para o dia seguinte, 2 de fevereiro, em homenagem a N. S. das Candeias, sua santa predileta.

Ao escutar o disparo e ver o tombo do "Nêgo" Marrocos, "Seu" Chico armou-se de rifle e voltou à frente da casa, sendo acompanhado dos dois auxiliares e do filho.

Simultaneamente, de ordem do Ten. Bezerra, o corneteiro Louro (João Alves Feitosa) empunhou a corneta e iniciou o toque "Avançar". Mas não concluiu, porque foi abatido com um tiro na testa, disparado pelo cabra Sebastião Cancão.

Apesar disso, a tropa avançou de onde ficara, tendo à frente o Sarg. Firmino Zeferino da Rocha, mais conhecido

(16) Informe de Da. Geracina Gomes da Silva e Mundinha Piancó.

(17) Depoimento do Cabo Pedro Alves a Mundinha Piancó, confirmado à mesma pelas moradoras que colhiam café, as quais, por se acharem entre o cruzamento de fogos, permaneceram deitadas onde estavam até o fim do tiroteio.

por Firmino Gago, e o já citado João Gomes de Lucena. Mas ao chegar à casa de Joaquim Morais, morador de "Seu" Chico, a uns 100 metros da "casa-grande", foi recebido à bala, travando-se cerrado tiroteio.

Embora totalmente cercado, Joaquim resistiu até morrer, sendo queimado logo depois num depósito de milho em espigas existente nas proximidades da residência do seu patrão.

Entrementes, a tropa cercou a casa de Chico Chicote e desfechou verdadeira chuva de balas.

Exatamente naquele instante, Lampião se achava com seu bando na chapada do Araripe, acantonado no local denominado Malhada Funda, a pouca distância de Guaribas. Ao escutar o tiroteio, e certo de que se tratava do ataque policial a Chico Chicote, ele assim manifestou-se: "Se ele fosse meu amigo, eu ia lá". E foi na mesma data — 1.º de fevereiro de 1927 — que Lampião passou a cometer selvageria no Ceará, sequestrando, no lugar Baixa das Cacimbas, município de Jardim, os caririenses Pedro Vieira, fuzilado no dia seguinte — após o fracasso do ataque a Ipueiras, na fronteira de Pernambuco com o Ceará — e Vicente Venâncio, que conseguiu fugir do bando logo depois do sequestro.

Como ficou esclarecido, só havia três combatentes ao lado de Chico Chicote — Manuel Caipora, Sebastião Cancão e o seu filho Vicente.

Quanto aos seus outros familiares, lá só se achavam sua esposa, Geracina Gomes da Silva, e a filha Josefa, as quais permaneceriam ao seu lado até o fim da luta, auxiliando-o com o carregamento e a refrigeração dos rifles.

Momentos depois do cerco, dois moradores e leais amigos de Chico Chicote — Francisco Luís, vulgo Fiapo, e José Francisco — atacaram os sitiantes pela retaguarda, abatendo algumas praças. A certa altura, insatisfeito por não encontrar-se ao lado do patrão, Fiapo rompeu o cerco, sendo abatido

por uma saraivada de balas ao atingir os fundos da casa. Por sua vez, José Francisco permaneceu atirando até disparar o último cartucho.

XI

Na vila de Porteiras, ao ser ouvida a repercussão do tiroteio, vários amigos de Chico Chicote, convictos de que ele estava sendo atacado pelo bando do "capitão" Virgulino Ferreira da Silva, resolveram fazer um contra-ataque, para o que efetuaram rápida convocação de voluntários e se reuniram ao Destacamento Policial, com exceção do seu comandante, Sarg. Alfredo de Araújo Costa. (18)

Esse grupo misto de homens armados, ao qual se juntaram o genro e os dois filhos de "Seu" Chico (Sinhô Miranda, Totonho e Peixe), atingiu um efetivo de aproximadamente 50 combatentes. Entre outros, integravam esse grupo de voluntários os seguintes civis:

Antônio Piçarra, Urias Novais Panta, João Pereira de Menezes, Bispo Inácio, Francisco Tavares de Quental, Arcôncio Cornélio de Miranda, vulgo Doutor, Antônio Pires Pedrosa, José Nunes de Lima (hoje sarg. reformado da PM), Manuel Alves de Lucena, João Pereira de Sousa, José Malaquias, Alvino Pereira, Raimundo Telha, José Patriota, Raimundo Bila, Raimundo Cavalcante Sampaio (delegado civil e mais conhecido por Bidu) e mais dois ou três moradores dos Caldas.

Quanto ao Destacamento Policial, estava constituído das seguintes praças:

Cabos José Cesário e Joaquim Ferreira; soldados Luís Francisco, Josias Pires Pedrosa (atual 1.º ten. reformado), José Vasques (hoje reformado no posto de 2.º ten.), José Pequeno, Manoel Favela, João Mitrado, Francisco Santos (morto em combate) e mais quatro ou cinco de cujos nomes An-

(18) Para quem o conheceu de perto, a exemplo de mim, essa atitude de Alfredo Costa não constituiu novidade, porquanto ele era verdadeiramente inapto para combater.

tônio Piçarra — o informante — não se recorda por terem chegado a Porteiras pouco antes daquele acontecimento.

Sob geral expectativa, o grupo partiu de Porteiras mais ou menos às 10 horas. E ao atingir a área do cerco, entrou em forte luta para rompê-lo.

Logo aos primeiros disparos, o Cabo José Cesário, que substituira o Sarg. Alfredo Costa, amedrontou-se com a reação dos sitiantes e fugiu disparadamente, abandonando o fuzil e o bornal de munições.

A fuga de Cesário provocou certo impacto à maioria dos seus ex-comandados. Eles, porém, foram imediatamente controlados por vibrantes gritos do soldado Josias Pires Pedrosa. E foi a partir daí que a luta desenvolveu-se violentamente, resultando num considerável avanço dos contra-atacantes, ocasião em que foi abatido o soldado Francisco Santos.

Pelas 4 horas da tarde, após um avanço "passo a passo", o grupo aproximou-se da traseira do casarão, quando Antônio Piçarra notou que os atacantes estavam desanimados, demonstrando a intenção de um recuo. Naquele momento, não só Antônio Piçarra como outros amigos de "Seu" Chico convidaram-no para sair do cerco e juntar-se a eles. Mas Chico Chicote, gritando como sempre, recusou o convite alegando que não abandonaria sua família, a não ser depois de morto.

Aproximadamente às 17 horas, chegaram a Guaribas uma volante de Pernambuco, ao comando do Ten. Arlindo Rocha, e outra da Paraíba, comandada pelo Ten. João Costa e, como já foi dito, reforçada com uma cabroeira chefiada por Sinhô Salviano. (19)

(19) Sobre o momento em que chegaram essas volantes a Guaribas há várias versões contraditórias. O ten. Arlindo, por exemplo, em declaração ao Pe. Antônio Gomes de Araújo, afirmou haver chegado lá entre 11 e 12 horas. Por sua vez, na sua obra já citada, Optato Gueiros indica o Ten. Antônio Francisco como comandante da volante pernambucana. A verdade, porém, é o que afirmamos, baseado em depoimento de Antônio Piçarra. E mais: segundo declaração incontestável de pessoa fidedigna, Pedro Salviano, irmão de Sinhô, participara do ataque a Guaribas.

Segundo Optato Gueiros (op. cit., p. 172), ao chegarem as duas volantes a Guaribas, assim falou José Bezerra aos seus comandantes:

— Colegas, vocês chegaram em boa hora. Estamos aqui com o bandido Chico Chicote debaixo de cerco há mais de seis horas e é muita gente que está com ele. Creio que se trata de um grupo de cem bandoleiros.

Somente com essa suposição de Zé Bezerra, pode-se avaliar quanto fora extraordinária a combatividade de Chico Chicote. Na realidade, o efetivo suposto por Zé Bezerra corresponde à metade da força que, a partir daquele momento, passou a atacar o reduto, visto que o contingente pernambucano, constituído de quarenta praças, somava mais de uma centena com o da Paraíba.

XII

Com a chegada das duas volantes, José Bezerra reanimou-se e a luta recrudesceu, sobretudo com a tentativa da força pernambucana de envolver em um cerco o grupo de contra-atacantes, o que custou à aludida força a perda do soldado João Melquíades.

Só então eles tomaram conhecimento de estarem lutando contra policiais, razão porque trataram logo dos preparativos de sua retirada, o que conseguiram ao anoitecer, deixando Guaribas às mãos de verdadeiro déspota.

A partir daquele instante, Chico Chicote recrudesceu sua capacidade combativa redobrando a execução de tiros em vários setores, para o que passou a movimentar-se com maior velocidade, ressurgindo, sem demora, aqui, ali e acolá, num revide fora do comum, convencendo os atacantes que o reduto estava defendido por numeroso grupo de combatentes.

Momentos depois, naturalmente convicto de sua derrota, ele determinou aos seus dois auxiliares que o abandonassem. Sem vacilar, e pela primeira vez, Mané Caipora desobedeceu ao patrão, manifestando-se com estas palavras:

— Eu sempre lhe disse que no lugar onde lhe matassem o meu cadáver seria encontrado a duas braças do seu. Agora, chegou a hora de cumprir a minha palavra.

Por sua vez, em face de imposição irrevogável de Chico Chicote, Sebastião Cancão abandonou o reduto correndo e rolando em ziguezague até jogar-se sobre denso arvoredo situado numa baixada vizinha, de onde saiu ferido apenas por espinhos e galhos de árvore.

Enquanto isso, segundo informações de Antônio Piçarra, o cabra Nevoeiro (não confundi-lo com Navieiro), fugitivo do grupo de Lampião e homiziado em Porteiras, disfarçado de camponês, empunhando um fuzil arranjado com alguém e colocado num ponto do pé-de-serra do Araripe, causou sérios transtornos à força de José Bezerra e às praças da volante pernambucana.

Maiores distúrbios cometeu Cícero Preto — agregado dos Liberatos, de Goianinha, atual Jamacaru, distrito de Missão Velha — que, de outro local da serra, disparou cerca de 300 tiros de fuzil contra os policiais, fato comprovado com as cápsulas encontradas no lugar por Pedro Celião de Moura. Conforme depoimento do Ten. Josias Pires Pedrosa, Cícero Preto saiu de Goianinha com a intenção de juntar-se a Chico Chicote. Ao aproximar-se de Guaribas, ele reuniu-se às Praças do destacamento de Porteiras, sendo envolvido pela tropa paraibana, quando, aproveitando a treva da noite, simulou estar morto. Visto como cadáver, Cícero Preto foi deixado em abandono, depois do que alojou-se no local citado.

XIII

Depois do genocídio levado a cabo por Zé Bezerra, circulou uma versão segundo a qual o prefeito Quinco Chicote, ao tomar conhecimento do ataque policial a Guaribas, dirigiu-se às pressas a Juazeiro e solicitou do Padre Cícero sua intervenção junto ao Presidente do Estado para suspender a luta, não sendo, porém, atendido pelo sacerdote.

Provavelmente, caso esse apelo fosse feito, o Padre Cícero atendê-lo-ia. Por sua vez, o Presidente Moreirinha não deixaria de providenciar a suspensão do ataque.

A propósito de tal invencionice, eis o que realmente aconteceu no sítio Pau-Branco, de propriedade do Coronel Quinco.

Quando chegaram à vila de Brejo dos Santos as primeiras notícias da ocorrência, Manuel Tiburtino Filho, Pedro Celião de Moura, Vicente Benedito, Francisco Carlota (Francisco Gomes de Sousa), Manuel Curicã, Zuza Félix e Vicente Carlota (Vicente Gomes de Sousa) armaram-se e rumaram a galope para a residência de Quinco Chicote. Lá chegados, puseram-se ao seu dispor para lutarem em favor do seu irmão.

Em resposta àquele notável ato de solidariedade, eis o que disse Quinco Chicote:

— Eu não darei um passo nesse sentido.

Surpreendidos e decepcionados com essa atitude absolutamente estranha ao meio sertanejo, os devotados amigos de Chico retornaram imediatamente a Brejo dos Santos. (20)

Levando em conta apenas o que já foi dito sobre a lealdade que caracterizava a personalidade de Chico Chicote, podemos afirmar que, se porventura o assédio de Guaribas tivesse sido efetuado no sítio Pau-Branco, ele teria corrido imediatamente, e por iniciativa própria, em socorro do irmão.

Em torno da atitude de "Seu" Quinco para com Chico Chicote, houve ainda dois fatos comprobatórios de sua deslealdade.

Logo no 1.º dia de fevereiro, Isaías Arruda, prefeito de Missão Velha, telefonou a Chico Chicote oferecendo-lhe homens armados para um contra-ataque, mas ele recusou a oferta. No mesmo dia, o Coronel Pedro Velhinho (Pedro Furtado de Lacerda), chefe político de Milagres, mandou o seu sobrinho Antônio Miguel de Lacerda oferecer-lhe 20 homens para

(20) Informes de Pedro Celião de Moura por intermédio de Manuel Inácio Torres.

o socorro de Guaribas, oferecimento este que, como os anteriores, não foi aceito. (21)

XIV

O combate de Guaribas, que se caracterizou pela troca de tiros a curta distância, teve a duração de trinta-e-uma horas, visto que começou às 7 horas do 1.º dia de fevereiro e terminou exatamente às 14 do dia seguinte.

A certa altura do tiroteio, já em plena noite, ocorreu com Chicote o que acontecera com Henrique Dias na batalha de Porto Calvo (18-2-1637), porquanto foi ele atingido por um tiro na mão esquerda. Ainda por estranha coincidência, ele tentou reproduzir o ato espantoso do bravo pernambucano, mandando Mané Caipora amputar-lhe a mão, em face de sua inutilidade. Conscientemente, porém, Mané Caipora desobedeceu o patrão pela segunda e derradeira vez.

Pouco depois, quando se movimentava conduzindo uma caneca dágua para seu genitor, Zefinha (Josefa) caiu ao solo com a perna direita varada por uma bala, provavelmente perdida.

Ao ver a filha abatida, Chico Chicote atingiu o mais alto grau do seu rancor e da sua indignação, a ponto de repelir com tiros as sugestões que o Ten. Veríssimo lhe vinha fazendo para render-se.

Está claro que, se ele houvesse concordado com a proposta de Veríssimo, teria sido eliminado sumariamente, a exemplo do que ocorrera com Marrocos, Antônio Granjeiro e as demais vítimas daquele autêntico "Esquadrão da Morte".

Igual atitude teve Chico Chicote para com o 1.º Sarg. Manuel Neto, da volante pernambucana, que, empolgado pela

(21) Id.

sua bravura, sugeriu-lhe pôr fim à resistência, comprometendo-se até lutar pela sua segurança. (22)

Apesar da enorme disparidade com que enfrentava seus atacantes e do desmedido esforço que vinha fazendo para repelir a "barragem de fogos" desencadeada ininterruptamente sobre sua mansão, já completamente destelhada e totalmente perfurada, Chico Chicote, naquele momento, estava perfeitamente enquadrado na sua vocação de combatente resoluto.

Àquela altura, sem dúvida envolvido pelo sentimento paternal, vendo, a cada instante, Zefinha ensanguentada, ele obrigou seu filho Vicente a abandoná-lo.

Essa resolução de Chico Chicote haveria de trazer mais um testemunho da trama já esclarecida, como veremos a seguir.

Ao saltar no terreiro do fundo da casa, o rapazote foi atingido por uma bala na coxa da perna esquerda. Mesmo assim, Vicente conseguiu embrenhar-se no mato e esconder-se, sendo, porém, descoberto por alguns soldados que ameaçaram matá-lo. Tudo indica que o comandante das referidas praças era o Sarg. Manuel Neto, porquanto, ao vê-lo ameaçado, não só repeliu o atentado como também o socorreu, deitando-o sobre uma pilha de folhas de bananeira.

Terminada a luta, Vicente foi aprisionado pela volante da Paraíba até o dia seguinte, sofrendo vexames e ameaças de morte, tudo por influência de Sinhô Salviano.

(23) Declarações prestadas pelo antigo Sarg. e atual Cel. Manuel Neto ao meu informante Antônio Lucena Cabral, em janeiro de 1971, em Jati. É oportuno salientar que se trata de um dos raros oficiais da PM pernambucana que realmente perseguiram e combateram Lampião, ao contrário, por exemplo, do Maj. Teófanes Torres, que chegou a vender munições ao referido bandoleiro, conforme está dito comprovadamente pelo escritor Rodrigues de Carvalho, no seu importante livro "Serrote Preto", Sociedade Editora e Gráfica Ltda., Rio, 1961, pp. 293/6.

XV

Ao amanhecer do dia 2 de fevereiro, a paisagem de Guaribas ressurgiu transmudada, demonstrando o trágico desenlace daquela luta desigual, notadamente com a revoada de urubus em seu derredor.

Pelas 8 horas, Mané Caipora foi posto fora de combate por violenta saraivada de balas.

A partir daquele momento, Chico Chicote começou a abater-se por grande cansaço, reduzindo, em conseqüência, a área de sua heróica resistência. Daí por que alguns atacantes conseguiram atingir a calçada do casarão, aonde se entrincheiraram, enquanto outros, pelo lado oposto, subiram a parede, passando a efetuar tiros sobre o sotão e o interior de várias dependências. Apesar de tudo isso, nenhuma das volantes teve a audácia de efetuar um assalto àquele reduto.

Talvez porisso, aos berros, certos sitiantes fizeram uma celeuma de pilhérias e palavrões. O próprio João Gomes, que se achava ao pé da calçada, assim manifestou-se:

— Tio Chiquinho, desta vez está frito.

Embora já se achasse rouco, Chico Chicote foi ouvido claramente ao replicar o sobrinho, após fazer dois ou três disparos de rifle:

— Se eu escapar, te furo o buxo com peia!

XVI

Por volta do meio-dia, quando padecia de enorme cansaço, sobretudo por falta de alimento, Chico Chicote recebeu um tiro no maxilar inferior, continuando, porém, a reagir assustadoramente.

Afinal, às 2 horas da tarde, absolutamente exausto, e com apenas uma carga de cartucho, ele penetrou no primeiro quarto do lado norte, aonde foi obrigado a fixar-se, sendo, logo depois, varado por uma descarga de fuzil na região toráxica.

Ao penetrar ali, o Ten. Veríssimo encontrou-o de joelho em terra, encostado à parede, em posição de tiro, com um só cartucho na culatra do rifle, e com a face inteiramente enegrecida pela fumaça da pólvora.

Incontinenti, rematando sua missão facinorosa, os atacantes invadiram a casa e iniciaram violento saque, apoderando-se de jóias, dinheiro e objetos de valor, inclusive vários cortes de seda "Palha", adquiridos, dias antes, para o casamento de Zefinha, fato este ratificado pelos próprios policiais, que chegaram a Brejo dos Santos com improvisados lenços do referido tecido no pescoço. (23)

Tendo-se juntado à primeira onda de invasores, Sinhô Salviano dirigiu-se diretamente ao quarto onde tombara Chico Chicote. Ao defrontar-se com o cadáver, traspassou-lhe o tórax com brutal punhalada na axila esquerda. Conforme ainda é comentado, esse ato monstruoso fora uma represália ao morto, acusado de haver assassinado José Franco com idêntico ferimento.

Em suma, Guaribas foi alvo de autêntico vandalismo, visto que não foi apenas saqueada mas também destroçada com incêndio em suas vegetações agrícolas e abatimento de criações domésticas, que, juntamente com os dois porcos abatidos no dia anterior, foram devoradas, logo ao amanhecer, pelos cruéis sitiantes. E mais: além desse rancho irregular, os policiais se utilizaram de redes e lençóis como selas nos animais arrebanhados em Guaribas e suas vizinhanças, nos quais se transportaram a Brejo dos Santos.

---

(23) Conforme é comentado ainda hoje, entre o saque figurou um pacote contendo ONZE CONTOS DE REIS, importância esta proveniente da venda de uma propriedade de Chico Chicote realizada às vésperas do ataque. Daí por que um dos assaltantes, sem demora, prosperou financeiramente... E foi em meio à balbúrdia dos saqueadores que Da. Geracina, com tiras de pano, ocultou certo número de cédulas numa das pernas, segundo afirmou à Srta. Laura Anselmo e Silva.

Por seu turno, os Salvianos apossaram-se de 60 eqüinos, declarando aos respectivos donos que, se quisessem reavê-los recorressem ao Coronel José Pereira, na Paraíba. (24)

Ao retornar à vila de Brejo dos Santos, aonde chegou antes do anoitecer, a volante cearense dispersou-se e permaneceu nas ruas como legítimo bando de desordeiros. De início, várias praças locupletaram algumas mercearias evitando o seu fechamento, com o objetivo de beberem cachaça, enquanto outras, divididas em grupos e percorrendo as ruas a cavalo, cometiam insultos e ameaças, principalmente quando passavam sobre as calçadas residenciais de pessoas da família Chicote.

Tais provocações chegaram a causar decisiva reação de Inácio Pereira Lucena, que armou-se de rifle e, gritando, saiu à rua disposto a lutar contra os desafiadores. De imediato, porém, Inácio foi contido por Heráclito Alves de Moura e outras pessoas.

XVII

Finda a tragédia de Guaribas, partiram para lá — a fim de conduzirem a Brejo dos Santos o corpo de Chico Chicote — Pedro Pereira de Lucena (Pedro Chicote), José Inácio e Silva (Ioiô), Domingos Gomes da Silva (Domingos Lourenço), Francisco de Araújo Lima (Chico Amaro), Manuel Tiburtino Filho e Pedro Celião de Moura. Mas só por volta da meia-noite, acompanhados de numeroso grupo de camponeses do município de Porteiras, eles regressaram do devastado sítio. Isto porque, com o auxílio de Urias Novais e alguns moradores daquele pé-de-serra, efetuaram o sepultamento, lá mesmo, dos mortos no prolongado tiroteio, entre os quais, segundo depoimento de Pedro Celião, foram encontrados vinte e sete policiais.

(24) Cf. Djacir Menezes, "O Outro Nordeste", 2a. ed., Editora Artenova Ltda., Rio, 1970, p. 154.

O séquito chegou a Brejo dos Santos entre 4 e 5 horas do dia 3 de fevereiro, trazendo, também, a moça Josefa Inácio de Lucena, conduzida diretamente à residência de Domingos Lourenço, no bairro Araújo, quando então ela passou a ser medicada e posta fora de perigo pelo jovem prático de farmácia Manuel Inácio Torres.

Quanto ao corpo de Chico Chicote, foi posto em câmara-ardente na casa do irmão Pedro Pereira de Lucena, à Rua da Taboqueira (atual Cel. Basílio Gomes), que logo passou a ser visitada até por policiais.

Um deles, entretanto, causou indignação e nojo aos presentes, em face da ironia e basófia com que manifestou-se ao ver o semblante danificado e enegrecido do cadáver, pois assim falou a um dos seus colegas: "Ele morreu de bexiga?"

O sepultamento de Chico Chicote realizou-se às 9 horas, com o comparecimento de regular número de populares e destacadas figuras brejo-santenses, entre as quais Manuel Inácio de Lucena, Pedro Pereira de Lucena, João Inácio de Lucena, Domingos Gomes da Silva, Manuel Tiburtino Filho, José Inácio e Silva, Pedro Celião de Moura, Eliseu Gomes de Lucena, José Luís Tavares, Tiago Inácio Bezerra, Antônio Bastos dos Santos, José Celião de Moura, João Gomes de Moura Neto (Jaru), Heráclito Alves de Moura, José Alves de Moura, Pedro Cândido de Sousa, Inácio Pereira de Lucena, Antônio Madeiro de Moura, Basílio Gomes da Silva Neto, José Inácio Basílio, Gerson Gomes de Lucena e João Anselmo e Silva.

De um modo geral, a tragédia de Guaribas entristeceu e contrariou a população de Brejo dos Santos, sobretudo pelo fato de que, naquela época, as principais famílias do município constituíam um só bloco de parentes consangüíneos e afins. E, conforme verifiquei, teve repercussão desagradável no seio da própria Força Pública, cujo quadro de oficiais (como o de sargentos) era constituído, em sua maioria, de elementos dignos, a partir do comandante-geral, Cel. João Fonteles Linhares.

Aliás, naquele quatriênio do Presidente Moreirinha, a própria Polícia foi enlutada pelo assassinato, em Missão Velha, do Tenente Fernando Porto e do Sargento José Pereira, ambos abatidos traiçoeiramente por cangaceiros do prefeito Isaías Arruda, crimes estes que ficaram impunes como os que ocorreram em Guaribas e Salvaterra.

Finalmente, convém acrescentar que, dez anos depois daquele revoltante acontecimento (10-05-1937), José Gonçalves Bezerra, no posto de capitão e à frente de 10 praças, foi morto a golpes de facões e foices no lugar Mata dos Cavalos, município de Crato, ao sopé da serra do Araripe, por um grupo de fanáticos do Beato José Lourenço, durante rápida e sangrenta luta, cujos detalhes principais foram dados pelo escritor José Alves de Figueiredo Filho no jornal "Diário Carioca" e transcritos in "História do Fanatismo Religioso no Ceará" (Editora A. Batista Fontenele, Fortaleza, 1959, pp. 163/4), da autoria do historiador Abelardo F. Montenegro, fato este integrante da destruição de Caldeirão, cujos pormenores permanecem desconhecidos...

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ — IOCE